

isciweb.com.br/revista ISSN: 2446-8436

Instituto Saber de Ciências Integradas

Revista Científica

51ª Edição | Volume 11
Número 6 | agosto/2024

ISCI

- Ciências Agrárias

- Educação

- Empresarial

- Engenharia

- Jurídica

- MBA Executivo

- Saúde

- Social

- Tecnologia

MULTIDISCIPLINAR



ISCI Revista Científica

Multidisciplinar

ISSN 2446-8436

Instituto Saber de Ciências Integradas - Revista Científica

51ª Edição | Volume 11 | Número 6 | agosto/2024



Conselho editorial

Prof.^a Me. Luzinete da Silva Mussi (Editora-chefe)

Dr. Léo Ricardo Mussi

Prof. Especialista Lúcio Mussi Júnior

Instituto Saber de Ciências Integradas - Revista Científica. n.6, v.11, Sinop, MT: Instituto Saber de Ciências Integradas, agosto, 2024.

Publicação Científica do Instituto Saber de Ciências Integradas - ISCI

Mensal

ISSN 2446-8436

1.Educação, 2.Problemas sociais e serviços sociais, 3.Administração e relações públicas, 4.Medicina e saúde, 5.Direito, 6.Engenharia, 7.Tecnologia.

370
360
650
610
340
620
000

Instituto Saber de Ciências Integradas

– Publicação de artigos científicos através de nossa Revista Científica Digital Multidisciplinar: isciweb.com.br/revista



– Publicação de ebooks das mais variadas linhas editoriais: isciweb.com.br/livros



Direitos Reservados

As responsabilidades pelo conteúdo de cada um dos trabalhos aqui publicados, bem como seus direitos autorais, são dos autores que os assinam.

Proibida a reprodução dos Artigos aqui publicados sem a autorização de seus respectivos autores.

(art. 184 do Código Penal e Lei n 1º 9.610, de fevereiro de 1998)

Sumário

EDITORIAL.....	7
EDUCAÇÃO.....	9
- A inclusão de alunos com TDAH na sala de aula: desafios e soluções pedagógicas e a importância da parceria entre escola e família no manejo (Girlene de Amorim Jesus; Maria Alexandra Santos de Sousa; Maria Verônica Quirino da Silva; Cleonice Alves dos Santos).....	11
- A musicalização como ferramenta pedagógica na rotina escolar (Aline Andrade).....	17
- Educação musical: promovendo descobertas na infância (Patrícia Rodrigues).....	30
- Inclusão de crianças autistas na educação infantil (Aline Dailane Souza dos Santos; Karine Martins dos Santos; Lívia Monique de Almeida)	43
- Novos horizontes na Educação Pública tendo como aliada as tecnologias digitais no impacto social (Odete Ramos Dias da Silva; Alice Anete Siqueira)	61
- O ambiente escolar e a importância do Psicopedagogo (Adricele Sousa Alves Rezende dos Santos; Clediane Mota de Jesus; Felipe Stival Harter; Nathaly Servilha Harter).....	131
- O brincar na educação infantil: Concepções e Práticas Pedagógicas (Alessandra Almeida Cavalcante Varella; Dayane Ferreira Amaral Côrtes; Maria José Nunes Mota; Lígia Mara Ormond Pereira)	144
- O papel do professor na inclusão do aluno autista (Eloisa Pereira da Silva; Karine Martins dos Santos; Keli Cristina Pereira da Silva; Lurdes Mariano Mendes).....	158
- O uso de histórias em quadrinhos na Educação Infantil (Enevania Aparecida Reducino Sgobbi)	188
- Releitura de obras famosas na Educação Infantil (Enevania Aparecida Reducino Sgobbi)	201
SAÚDE	215

- Para além da ruminação: estratégias práticas para lidar com pensamentos intrusivos (Léo Ricardo Mussi)217

EDITORIAL

"As coisas que não existem são mais bonitas. (Fernando Sabino)

Tais palavras destacam por um lado a beleza do imaginário, da arte, da fantasia. Mas, por outro lado alerta para o perigo de, ao imaginar, distanciar-se da realidade. Uma pessoa pode imaginar que determinada situação seria maravilhosa, contudo, quando se depara com tal questão, percebe não ser nada do que havia fantasiado.

É certo que um ser humano tem seu tempo de vida limitado e, conseqüentemente, também é limitada sua possibilidade de vivenciar experiências. Contudo, podemos aprender com as experiências alheias, bastando para isso, observar, ler um texto, ouvir uma história, ou acessar algum tipo de mídia. Deste modo, o indivíduo por ter uma ideia com relação a vivências que nunca experienciou e, caso em algum momento se veja em situação análoga já terá uma noção de como tomar decisões mais favoráveis.

Por isso a interação entre as pessoas é tão importante. Neste cenário, a leitura se mostra como uma importante ferramenta de interação. Por isso sempre destacamos a importância de escrever e publicar, ao fazer isso você está socializando seu conhecimento.

Assim, temos o orgulho de fazermos parte desse veículo de compartilhamento de conhecimento!

Nossos agradecimentos aos autores, leitores, parceiros e colaboradores, por juntos estarmos mantendo esta Revista Científica ativa e cumprindo seu papel de compartilhar conhecimento.

Prof.^a Ma. Luzinete da Silva Mussi¹
Diretora Editorial da ISCI Revista Científica

¹ Diretora do Instituto Saber de Ciências Integradas. Pedagoga. Licenciada em Educação Física. Psicopedagoga Clínica e Institucional. Especialista em Sociologia e Filosofia e em Gestão Educacional. Mestra em Ciências da Educação. Atua na Área Educacional desde 1976. prof.luzinetemussi@gmail.com

EDUCAÇÃO

- A inclusão de alunos com TDAH na sala de aula: desafios e soluções pedagógicas e a importância da parceria entre escola e família no manejo (Girlene de Amorim Jesus; Maria Alexandra Santos de Sousa; Maria Verônica Quirino da Silva; Cleonice Alves dos Santos)

A inclusão de alunos com TDAH na sala de aula: desafios e soluções pedagógicas e a importância da parceria entre escola e família no manejo

Girlene de Amorim Jesus

Maria Alexandra Santos de Sousa

Maria Verônica Quirino da Silva

Cleonice Alves dos Santos

DOI: 10.5281/zenodo.13237024

RESUMO

A palavra inclusão é uma das palavras mais ouvidas no âmbito escolar, porém pouco executada de fato. Matricular, aceitar ou permitir em sala de aula um aluno com TDAH não significa que ele esteja incluso e sim apenas frequentando, inserir vai além disso. Proporcionar interação, participação, recursos e meios de aprendizagem é incluir. Acreditamos que o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) é uma condição neurobiológica que afeta o funcionamento cerebral e interfere no aprendizado e no comportamento das crianças. Eles reconhecem que o TDAH não é causado por falta de disciplina ou educação inadequada, mas sim por fatores genéticos e ambientais. Crianças com TDAH têm dificuldade em prestar atenção, controlar impulsos e se manterem organizadas, o que pode levar a desafios acadêmicos e comportamentais. Eles acreditam que é importante adotar estratégias pedagógicas adaptadas e individualizadas para atender às necessidades dessas crianças, como oferecer instruções claras e concisas, fornecer apoio estruturado, estabelecer rotinas e oferecer incentivos para o bom comportamento.

PALAVRAS CHAVES: Inclusão. Educação. Parceria.

ABSTRACT

The word inclusion is one of the most heard words in schools, but it is rarely actually implemented. Enrolling, accepting or allowing a student with ADHD into the classroom does not mean that he or she is included, but simply attending. Inclusion goes beyond that. Providing interaction, participation, resources and means of learning is inclusion. We believe that Attention Deficit Hyperactivity Disorder (ADHD) is a neurobiological condition that affects brain function and interferes with children's learning and behavior. They recognize that ADHD is not caused by a lack of discipline or inadequate education, but rather by genetic and environmental factors. Children with ADHD have difficulty paying attention, controlling impulses and staying organized, which can lead to academic and behavioral challenges. They believe that it is important to adopt adapted and individualized pedagogical strategies to meet the needs of these children, such as offering clear and concise instructions, providing structured support, establishing routines and offering incentives for good behavior.

PALAVRAS CHAVES: Inclusion. Education. Partnership.

Introdução:

O TDAH não é um problema de falta de vontade ou preguiça, mas sim uma questão de dificuldades neurocognitivas que afetam a capacidade de atenção, impulsividade e autorregulação." - Russell A. Barkley (2000). O Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) foi descoberto pela primeira vez no século XX, embora tenha sido descrito de maneiras diferentes ao longo dos anos. A primeira referência ao TDAH ocorreu em 1902, quando o pediatra britânico Sir George Still descreveu um grupo de crianças com comportamentos inquietos, impulsivos e desatentos. Ele observou que esses padrões de comportamento persistiam ao longo do tempo e afetavam o rendimento acadêmico e o funcionamento social das crianças, sintomas que perpetuam ao longo dos anos chegando a vida adulta.

Desenvolvimento:

"Educar-se sobre o TDAH é crucial para pais, educadores e profissionais de saúde. Quanto mais sabemos, melhor podemos ajudar." - Dr. Thomas E. Brown,(2013). A descoberta do TDAH também envolve pesquisadores de diferentes áreas, como neurologistas, psiquiatras, psicólogos e educadores, que conduziram estudos para entender as causas, os sintomas e as particularidades do transtorno. Ao longo dos anos, o TDAH foi reconhecido e descrito por várias organizações médicas, como a Associação Americana de Psiquiatria (APA) e a Organização Mundial da Saúde (OMS). Essas organizações estabeleceram critérios diagnósticos para identificar o TDAH, e o conhecimento nos fornecerá orientações sobre seu tratamento.

Cada ser tem sua própria perspectiva, como será citada a diante, porém individualizar como característica única é um erro. "As pessoas com TDAH muitas vezes têm uma perspectiva única do mundo. Devemos aproveitar suas

habilidades criativas e inovadoras." - Dr. Edward M. Hallowell,(2011). Incentivar a autoestima dos alunos com TDAH e promover sua autonomia no processo de aprendizagem pode ajudar a aumentar sua motivação e engajamento.

Características não deve definir ninguém, meios e estratégias devem sempre ser usadas. "O TDAH não é um obstáculo para o sucesso. Com o suporte adequado, as pessoas com TDAH podem alcançar seus objetivos." - Dr. Russell Barkley, (2012). É importante destacar que as estratégias podem variar de acordo com as características e necessidades específicas dos alunos. A colaboração entre educadores, psicólogos e profissionais de saúde também é fundamental para identificar as melhores soluções para cada indivíduo com TDAH.

"O TDAH é uma condição complexa que pode ter um impacto significativo na vida das pessoas afetadas. É importante buscar tratamento adequado e oferecer suporte para melhorar a qualidade de vida e alcançar o potencial máximo." - Russell A. Barkley (2005) é essencial criar um ambiente de aprendizado inclusivo e acolhedor, onde as crianças com TDAH se sintam apoiadas e compreendidas. "O TDAH não é uma desculpa, é uma explicação. A diferença entre acusar alguém de usar isso como desculpa e entender que é uma explicação é tratar o problema com seriedade e empatia." - Russell A. Barkley (2005) a importância de trabalhar em parceria com os pais e profissionais de saúde para proporcionar uma abordagem multidisciplinar e integrada ao manejo do TDAH.

"A sociedade deve combater o estigma em relação ao TDAH. Todos nós podemos desempenhar um papel na promoção da compreensão e aceitação." - David Giwerc,(2016). A exclusão nunca deve ser o não para a vida alguém.

Conclusão:

Destarte, para que pessoas com TDAH consiga inclusão, engajamento, qualidade de vida, seja necessário conhecimento, comprometimento e ajuda mútua de profissionais e sociedade, promovendo um laço pode resultar em

várias melhorias significativas tanto para os indivíduos quanto para a sociedade como um todo. Também enriquece a sociedade com diversidade e inovação. Adotar práticas inclusivas e fornecer o suporte necessário é fundamental para permitir que todos alcancem seu potencial máximo e contribuam positivamente para a comunidade.

Referências:

"Taking Charge of ADHD: The Complete, Authoritative Guide for Parents" (2005)

"Attention Deficit Hyperactivity Disorder: A Handbook for Diagnosis and Treatment" (2006)

Some Abnormal Psychical Conditions in Children Sir George Still (1902)
Transactions of the Royal Society of Medicine.

Attention Deficit Disorder: A Multidisciplinary Perspective Leon Eisenberg e outros especialistas (1985) Wiley

"Pediatric ADHD: Diagnosis and Treatment" - Michael A. Milham, Diana L. Ladd, e David M. Schwebel

"Attention-Deficit/Hyperactivity Disorder: Diagnosis and Treatment" - David C. Schwebel, Michael A. Milham, e Diana L. Ladd

"Pediatric Practice: Developmental and Behavioral Pediatrics" - Robert J. Haggerty, Marlene W. Wachs, e Michael R. Thompson

"Clinical Practice Guideline: Treatment of Attention-Deficit/Hyperactivity Disorder in Children and Adolescents" - American Academy of Pediatrics (AAP)

"The Diagnosis and Management of Attention Deficit Hyperactivity Disorder in Children and Adolescents" - O. G. O'Connell, A. P. Thomas, e D. M. P. Davidson. *Pediatrics*, 2020.

"Management of Attention Deficit Hyperactivity Disorder in Children and Adolescents" - Michael W. D. Berk, R. D. Singh, e M. W. Spencer. *Journal of Pediatric Health Care*, 2019.

American Academy of Pediatrics (AAP) - "Clinical Practice Guideline: Treatment of Attention-Deficit/Hyperactivity Disorder"

National Institute for Health and Care Excellence (NICE) - "Attention deficit hyperactivity disorder: diagnosis and management"

**- A musicalização como ferramenta pedagógica na rotina escolar (Aline
Andrade)**

A musicalização como ferramenta pedagógica na rotina escolar

Aline Andrade²

DOI: 10.5281/zenodo.13625026

RESUMO

Este artigo surge como documento potencializador para professores e gestores atuantes na Educação Infantil que visa provocar a reflexão sobre a importância da música e do seu uso na rotina escolar. Para isso, o artigo conta com elementos fundamentais trazidos de documentos legais da primeira etapa da Educação Básica no Brasil que proporcionam um maior embasamento nas discussões apresentadas no seu decorrer. Vale destacar também a dimensão que a Educação Infantil tem na formação integral de toda criança ao buscar seu pleno desenvolvimento e, neste caso, a música surge como ferramenta pedagógica capaz de aproximar a relação professor-estudante e vice-versa, uma vez que o profissional precisa compreender a relevância de se inserir no universo infantil e, assim, poder maximizar suas práticas educativas para além da sala de aula.

Palavras-chaves: Educação Infantil. Musicalização. Rotina Escolar.

ABSTRACT

This article appears as an empowering document for teachers and managers working in Early Childhood Education that aims to provoke reflection on the importance of music and its use in school routine. To this end, the article relies on fundamental elements brought from legal documents from the first stage of Basic Education in Brazil that provide a greater basis for the discussions presented throughout. It is also worth highlighting the dimension that Early Childhood Education has in the integral formation of every child in seeking their full development and, in this case, music emerges as a pedagogical tool capable of bringing the teacher-student relationship closer and vice versa, since the professional They need to understand the relevance of being part of the children's universe and, thus, being able to maximize their educational practices beyond the classroom.

Keywords: Early Childhood Education, Musicalization and School Routine.

² Pedagoga formada na Universidade Estadual de Campinas, Professora de Educação Básica I na rede municipal de Araras/SP desde 2020, Pós-graduada Lato-Sensu em: Educação Especial e Educação Inclusiva pela Faculdade Única, Educação Integral pela Faculdade IMES, Gestão Educacional: Direção, Coordenação e Supervisão pela Faculdade Iguaçú, Fundamentos e Práticas Educativas na Educação Infantil pela Faculdade Iguaçú e Educação em Direitos Humanos, Diversidade e Questões Étnicos-Sociais ou Raciais pela Faculdade Iguaçú.

INTRODUÇÃO

A música pode ser apresentada a todos como uma forma de linguagem, possibilitando a toda pessoa se expressar e se comunicar consigo mesma e com o mundo ao seu redor, seja através do canto ou da dança, até mesmo ambos. Ela está presente na história de vida do ser humano, independentemente de como, seja em momentos alegres ou mesmo tristes.

A música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. A música está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações: festas e comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas, políticas etc. Faz parte da educação desde há muito tempo, sendo que, já na Grécia antiga, era considerada como fundamental para a formação dos futuros cidadãos, ao lado da matemática e da filosofia. (BRASIL, 1998)

Na Educação Infantil, a música aparece como uma forma de comunicação, que se bem usada pode ser uma das mais importantes no processo ensino-aprendizagem, pois através de canções, bebês e crianças podem aprender a falar e se expressar de múltiplas maneiras. É importante todo professor e gestor de creche reconhecer isso, uma vez que se isso for visto com toda a sua potencialidade, o profissional tem uma ferramenta poderosa de ensino e pode usar em suas atividades, na transição de espaços da escola, em reuniões ao objetivar uma formação para o corpo docente, etc. Assim, torna-se essencial todo professor e gestor compreender que a permanência de bebês e crianças na escola é pedagógica a todo momento e a música pode e deve ser utilizada com essa finalidade.

É necessário que a escola como um todo esteja preparada para oferecer uma educação musical que parta do conhecimento e das expectativas que o aluno traz de seu cotidiano, de seu meio sociocultural e que assim saiba contribuir para a humanização de seus alunos, aperfeiçoando ainda seus aspectos cognitivos, intelectuais, sociais e culturais. (FERREIRA, 2013, p. 22)

Em vista disso, destaca-se a presença da musicalização na Educação Infantil nos documentos legais da Educação Básica no país, como no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil que é alegado direitos de toda criança até 6 anos e uma delas entende que *“nossas crianças têm direito de cantar e dançar”* (BRASIL, 2009).

E, ao reconhecer a importância da musicalização na escola, este artigo apresenta algumas músicas criadas pela autora deste artigo que buscou viabilizar às crianças de suas turmas um melhor entendimento da rotina escolar, de uma forma lúdica, expressiva e pedagógica, portanto, trata-se de uma pesquisa empírica baseada nas experiências docente e também documental que colaborou para um melhor embasamento nas discussões aqui pautadas. Aproveita-se para afirmar que todas as músicas escritas e discutidas são de autoria da professora-autora Aline Andrade

EXPERIÊNCIAS DOCENTE COM A MUSICALIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A música é uma fonte de comunicação, uma linguagem a ser experimentada e reconhecida como ferramenta pedagógica por todos da escola. A música ensina. A música educa. A música conta uma história e pode narrar por exemplo um determinado momento da rotina escolar na Educação Infantil, isto é, a música pode contar sobre o momento da rotina que a turma está.

O professor poderá assumir a responsabilidade objetivando oportunidades com relação a música e ainda promover ações que contemplem estilos musicais existentes no cotidiano fazendo com que a reflexão acerca das letras musicais sejam proporcionadas de maneira que faça o discente olhar para os espaços sociais com outra visão, nesse caso o professor é um agente potencializador de práticas, transformando o fazer pedagógico em sala de aula onde cada sujeito possa pensar diferentes formas de ver o mundo. (SILVA; NASCIMENTO, 2021, p. 714)

Agora, observa-se uma das canções da professora-autora para o momento do descanso na rotina escolar.

*“Vamos devagarzinho, É hora do soninho... Descansar...
Dormir... Um...
Dois...Três.”*

Nesta música, destaca-se a sonoridade que começa em um ritmo e vai perdendo a potência conforme o avançar da letra, pois tem a intenção de indicar sonolência às crianças, para que percebam que chegou o momento de pausa das atividades escolares e é a hora do descanso.

Ao mesmo tempo em que para indicar uma brincadeira específica ou o momento de brincar livre, tem a música com melodia similar ao ritmo de grito de guerra, animada, com sonoridade alta. A canção sinaliza que a turma está no momento da brincadeira.

*“Vamos lá HÁ HÁ HÁ
É hora de brincar”*

Assim como também foi criada uma música para indicar o momento da saída escolar, hora da rotina em que os familiares das crianças vão buscá-las para voltar para suas casas. A canção tem a intenção de lembrar os afazeres que a criança precisa ter quando está em sua casa.

*“Vamos devagarzinho É hora de ir embora... Descansar,
Comer, Tomar banho, Assistir TV,
Brincar...”*

É notório o destaque à brincadeira, ao descanso, à alimentação e à higiene, isso porque a música visa garantir os direitos fundamentais da criança fora da escola também.

Uma outra forma de criar uma música para a rotina escolar é a do professor fazer uso de paródias para construir as letras de acordo com a rotina de sua turma, vale lembrar que a paródia permite escrever uma nova letra através de uma melodia já existente. Para essa situação, observe uma das paródias feita a partir da rotina escolar, essa paródia é cantada sempre quando a professora percebe que precisa ter uma maior atenção da turma, tratando-se de uma paródia referente a música “*Eu quero saber...*” do desenho infantil “Show da Luna”, lembrando que é a paródia foi elaborada apenas utilizando-se da melodia do refrão.

“A professora quer falar... Vocês têm que ouvir...

O que a professora vai contar, É importante pra saber...

Tam-tam-taratam... Tam-tam-taratam...”

Para além das experiências musicais da professora-autora de rotina escolar, existem inúmeras pesquisas que relatam e certificam o quanto a presença musical interfere de maneira positiva na vida escolar de crianças e de estudantes, no desenvolvimento corporal, na oratória, nas capacidades cerebrais e até mesmo na melhora auditiva como pode-se perceber na pesquisa realizada por Jesus & Silva (2019) em que constataram avanços extremamente expressivos em crianças que tiveram contato com a musicalização na escola.

Pré-escolares de 5 e 6 anos que participavam de musicalização infantil apresentaram melhor desempenho nos testes que avaliaram as habilidades de memória sequencial não verbal e verbal e de ordenação temporal de três sons, quando comparados aos pré-escolares que não participavam de musicalização. Portanto, a musicalização infantil influenciou positivamente as habilidades auditivas de pré-escolares de 5 e 6 anos. (JESUS; SILVA, 2019)

A partir de tantos resultados significativos na vida do ser humano que possuem a presença da música, é preciso compreender as diversas possibilidades da sua utilização, não existe um único modo de fazer acontecer ou dar certo, a própria Educação Infantil mostra diariamente, através de

atividades e práticas educativas, para professores e gestores que existem muitas formas de fazer dar certo, para um bom desempenho ao ter a música como instrumento pedagógico na rotina escolar é necessário considerar as especificidades da turma para entender qual melhor maneira de “fazer música”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante professores e gestores atuantes na primeira etapa da Educação Básica compreenderem que não existe Educação Infantil sem musicalização, a criança tem direito à música, à brincadeira, a cantar, a dançar e tantas outras formas de linguagens que devem ser apresentadas e constituídas ao longo da trajetória escolar de crianças até seis anos conforme previsto na legislação.

A música desenvolve a mente e amplia os campos de conhecimentos de diferentes modos e tamanhas proporções. Antunha (2010) advoga sobre a importância da música desde a infância, ressaltando o papel fundamental da escola que ocupa hoje na sociedade, ao ter a percepção de como a sua presença constante na vida escolar da criança influencia e potencializa as capacidades do cérebro.

A sensação musical começa na criança com uma emoção de prazer puramente auditiva, a qual evolui integrando-se aos outros analisadores: tátilcinestésico, visual e motor, compondo assim esquemas amplificadores que envolvem regiões integrativas do cérebro, desde a cóclea até as áreas préfrontais, aí incluída a participação subcortical do hipocampo-memória, bem como os centros límbicos de recompensa: amígdala, septo e *nucleus accumbens*, facilitadores da produção de neurotransmissores como a dopamina, serotonina, norpinefrina e endorfina, cujos efeitos podem levar à alegria, felicidade e ao êxtase. (ANTUNHA, 2010)

A aprendizagem pode acontecer naturalmente através da musicalização, podendo notar um progresso constante em quem faz o seu uso e o professor deve ter consciência do valor que a música tem para um melhor desenvolvimento de sua prática pedagógica, principalmente os professores

atuantes na Educação Infantil. Assim, torna-se necessário reconhecer a instituição de Educação Infantil, a escola, como a grande precursora de apresentar o mundo à bebês e crianças e a música pode ser o grande elo nesse compromisso.

É irrevogável que a música é instrumento para conhecimentos, capaz de fortalecer o corpo como um todo, de enriquecer a alma, podendo ser utilizada de tantos modos, mas para isso é preciso compreender a sua relevância para o educando, o tanto que a música fortifica o ser humano como um todo, em sua forma integral se bem usada.

O ser humano é essencialmente musical, seja no ritmo corporal (andar, mastigar, falar), seja no ritmo fisiológico (respirar e nos batimentos cardíacos), e a música tem se mostrado importante para o neurodesenvolvimento da criança e de suas funções cognitivas. O aprendizado musical interfere na plasticidade cerebral, favorece conexões entre neurônios na área frontal, que é relacionada a processos de memorização e atenção, além de estimular a comunicação entre os dois lados do cérebro, o que pode explicar sua relação com raciocínio e matemática. (SAID; ABRAMIDES, 2020)

Cada informação que a criança ou o estudante recebe a partir de uma canção é passado ao cérebro, de acordo com SAID & ABRAMIDES (2020) que reage dando ao corpo uma resposta a essa informação, isto é, um comando corporal é dado conforme o indivíduo recebe a música em questão.

A prática musical faz com que o cérebro funcione “em rede”: o indivíduo, ao ler determinado sinal na partitura, necessita passar essa informação (visual) ao cérebro; este, por sua vez, transmite à mão o movimento necessário (tato); por fim, o ouvido acusa se o movimento feito está correto ou não (audição), e embora a percepção da música se localize primordialmente no hemisfério direito do cérebro, os estudos recentes apontam que o aprendizado musical depende dos dois hemisférios, uma vez que ele é interdependente de outras funções cerebrais, como a memória, a linguagem verbal, a resolução de problemas e a análise, entre outras. (SAID; ABRAMIDES, 2020)

Isso posto, é indiscutível o quanto a presença musical pode transformar positivamente a vida de uma pessoa, uma vez que faz com que ela se desenvolva plenamente, em todas as suas capacidades, nas funções corporais, cognitivas e cerebrais, o desenvolvimento pode ser integral ao ser

humano quando se é dado oportunidades, que pode e deve acontecer na escola, ao compreender o poder da música em maximizar e potencializar conhecimento e valores, ao construir hábitos saudáveis de convívio social.

A organização dos conteúdos para o trabalho na área de Música nas instituições de educação infantil deverá, acima de tudo, respeitar o nível de percepção e desenvolvimento (musical e global) das crianças em cada fase, bem como as diferenças socioculturais entre os grupos de crianças das muitas regiões do país. (BRASIL, 1998)

Professores podem organizar espaços na rotina escolar para construir junto das crianças músicas, podendo tornar ainda mais significativo o processo de ensino-aprendizagem ao torná-lo, também, um processo de criação coletiva. Vale lembrar que cabe à gestão escolar possibilitar apoio e recursos necessários para que professores possam explorar potencialmente suas práticas educativas e possam obter sucesso em suas feitura.

A escola, gestores e professores, precisam trabalhar juntos em prol de educação de qualidade e formadora, a sintonia e sinergia é essencial durante todo o processo de trabalho do ano letivo escolar.

A cultura organizacional da escola, como diz García (1995), pode facilitar ou dificultar o desenvolvimento dos processos de formação de professores para torná-los autônomos e colaborativos, criar um clima de confiança e compromisso, desenvolver projetos e disponibilizar recursos humanos e materiais. (GRIGOLI ET AL., 2010)

Porém, compreende-se que para as propostas levantadas neste artigo possam acontecer devida e precisamente, é necessário investimento na formação continuada e especializada na área de música para professores e gestores, visando uma educação de qualidade, integral e formadora, com objetivo no bem-social e estar de toda criança e de todo estudante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Aline. **A Educação Integral, o Programa Mais Educação e suas Mutações Pós-Golpe Institucional de 2016**. Biblioteca Digital/Unicamp, 2019. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=001126640&opt=4>. Acesso em: 29 de Maio de 2024.

ANTUNA, Elsa Lima Gonçalves. **Música e Mente**. São Paulo, 2010. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-711X2010000100016. Acesso em: 10 de Julho de 2024.

BARBOSA, Maria Flávia Silveira. **Música na Educação Infantil: Reflexões e Proposta didática para Professores não-especialistas**. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/450/1/01d14t07.pdf>. Acesso em: 02 de Julho de 2024.

BRASIL. **Constituição Federal da República Federativa do Brasil de 1988**. Planalto, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI)**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Critérios para um Atendimento em Creches que Respeite os Direitos Fundamentais das Crianças - 2ª Edição**. Brasília, 2009. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/direitosfundamentais.pdf>. Acesso em: 02 de Junho 2024.

BRASIL. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.** Brasília, 1996.

BRASIL. **Lei nº11. 769, de 18 de agosto de 2008.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, *Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica.* Brasília/DF, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Conhecimento de Mundo - Volume 3.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Nacionais de Qualidade na Educação Infantil.** *Diário Oficial da União* . Brasília: Ministério da Educação - Secretaria de Educação Básica, 2006. v. 1 e 2.

BRITO, Teca Alencar de. **Música na educação infantil - proposta para a formação integral da criança.** Editora Peiropólis. São Paulo: Peiropólis, 2003.

ILARI, Beatriz. BROOCK, Angelita. **Música e educação infantil.** Campinas: Papirus Editora, 2013.

CUNHA, Sandra Mara da. **Crianças e Música: Educação Musical e Estudos Da Infância em Diálogo.** Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-5987202000010030. Acesso em: 26 de Junho de 2024.

GRIGOLI, J. A. G. LIMA, C. M. TEIXEIRA, L. R. M. VASCONCELLOS, M. A **Escola como Lócus de Formação Docente: uma Gestão Bem-Sucedida.**

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742010000100012>. Acesso em: 23 de Junho de 2024.

JESUS, EVELLYN SILVA AZEVEDO DE. SILVA, ISABELLA MONTEIRO DE CASTRO. **Influência da musicalização infantil nas habilidades auditivas de pré-escolares.** Disponível em: <https://www.scielo.br/j/acr/a/sFTnWSQgKJfPSXMpnzSYWJf/?lang=pt>. Acesso em: 23 de Junho de 2024.

MEDINA, ALICE. **As Escritas Corporais da Caixinha De Música: Educação Infantil.** Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.48668>. Acesso em: 03 de Junho de 2024.

PETRENKO, SVETLANA. **Imaginação Musical na Idade Pré-Escolar.** Disponível em: <https://doi.org/10.1590/CC0101-32622019213046>. Acesso em: 03 de Junho de 2024. ROCHA, LUIZ RENATO DA SILVA. MARQUES, CLÁUDIA DE ARAÚJO. **Musicalização na Educação Infantil: um Olhar para Além do Entretenimento.** Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.2825>. Acesso em: 29 de Maio de 2024.

SAID, PAULA MARTINS. ABRAMIDES, DAGMA VENTURINI MARQUES. **Efeito da Educação Musical na Promoção do Desempenho Escolar em Crianças.** Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20192018144>. Acesso em: 03 de Junho de 2024.

SANTANA, Sthéfane Rezende Mendonça de. **A Música como Instrumento no Processo de Ensino Aprendizagem na Educação Infantil**. João Pessoa, 2016. Disponível em:

<https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/1849/1/SRMS27062016>.

Acesso em: 26 de Junho de 2024.

TEIXEIRA, Sônia Regina dos Santos. BARCA, Ana Paula de Araújo. **A Organização do Meio Social Educativo para a Criação Musical na Educação Infantil**. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/CC0101-32622019213241>. Acesso em: 24 de Maio de 2024.

SILVA, Luandson Luis da. NASCIMENTO, Damião Cavalcante do. **O Uso da Música e da Ludicidade na Educação Infantil**. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/ebooks/conedu/2021/ebook3/TRABALHO_EV15_0_MD7_SA100_ID3983_25102021134711.pdf. Acesso em: 27 de Junho de 2024.

- Educação musical: promovendo descobertas na infância (Patrícia Rodrigues)

Educação musical: promovendo descobertas na infância

Patrícia Rodrigues

DOI: 10.5281/zenodo.13327620

RESUMO

A música sempre fez parte da humanidade e, na educação infantil, está presente como disciplina para auxiliar no desenvolvimento das crianças. Neste estudo, o objetivo geral é investigar as descobertas das crianças por intermédio da educação musical, ao passo que os objetivos específicos são identificar os seus benefícios na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental, além da preparação e dos saberes que o professor precisa ter para a promoção da educação musical e, ainda, o ensino da música, conforme a legislação, assim como experiências de educação musical em instituições de ensino. Foram encontradas descobertas e benefícios variados, assim como a existência de leis que dão respaldo ao ensino da música (mas apresentam lacunas), bem como a identificação da necessidade de determinados saberes e preparação específicos para a prática docente na área musical e o conhecimento de que não existe uma faixa etária específica que se beneficie mais do que as demais com a educação musical. Como a temática abordada é rica, não se esgotando nas páginas deste estudo, sugere-se a elaboração de novos trabalhos nesse sentido.

Palavras-chave: Educação Musical. Aprendizagem. Infância.

1. Introdução

Desde os tempos mais antigos, a música esteve presente entre os homens como uma das formas artísticas mais prestigiadas e conhecidas. Na educação infantil, a música está presente como disciplina para ajudar no desenvolvimento das crianças.

O objetivo geral deste estudo é investigar as descobertas que as crianças podem fazer através da educação musical. Os objetivos específicos são identificar os benefícios da música na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental, bem como a preparação e os saberes docentes necessários para a promoção da educação musical e também o ensino da música, de acordo com a legislação e experiências de educação musical em instituições de ensino.

A questão problema é a seguinte: existe alguma faixa etária, dentro da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental que se beneficia mais da educação musical?

2. A música e suas revelações

2.1 A presença da música na vida da criança

Para Soares (2024) a música acompanha a criança desde antes do seu nascimento, ou seja, antes mesmo da fase na qual poderia ser considerada criança:

... nota-se que na vida de uma criança, a música está presente desde o ventre materno e continua pela infância e ao longo de sua vida. Nestes contextos, as crianças são expostas à cultura musical desde cedo e assim começam a aprender as suas próprias tradições musicais (SOARES, 2024, p.2).

Logo, percebe-se que a educação musical já se encontra presente na vida do pequeno aluno antes mesmo dele receber educação formal, na escola.

2.2 A música na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental: Benefícios

A música é uma forma de linguagem que expressa e transmite sentimentos, emoções e pensamentos, sendo, portanto, de grande importância na educação infantil. Além de representar mais do que um meio de a criança se expressar e se integrar com o meio, contribui no desenvolvimento de habilidades, conceitos, pressupostos e, ainda, para a sua formação integral, enriquecendo o ensino e aprendizagem. Ademais, a música permite que os alunos se beneficiem social, cognitivo, emocional e interativamente, auxiliando na fala e na construção de um vocabulário mais amplo. Assim, através da

prática musical regada na maioria das vezes pelo lúdico, as crianças aprimoram a sensibilidade, concentração, memória, linguagem, percepção, observação, criatividade e também a autoestima. Além disso, a música não é apenas uma combinação de sons, mas também uma das formas artísticas mais bonitas e um meio privilegiado para a promoção da alfabetização, assim como raciocínio matemático, além de linguagem cultural e aquisição de conhecimentos (Soares, 2024). Logo, a mesma estimula o aprimoramento nas mais diversas áreas do conhecimento humano.

A educação musical, na educação infantil, pode ser realizada através de diversas atividades motoras como danças, gestos, brincadeiras, descontração, relaxamento e interpretação, dentre outras mais, que permitam a familiarização das crianças com a música e oportunizem a criatividade (Soares, 2024).

Observamos que as atividades musicais coletivas favorecem a autoestima e a socialização infantil, pelo ambiente de compreensão, participação e cooperação que podem proporcionar. Paralelamente a música proporciona prazer e autossatisfação, possibilitando a expansão dos sentimentos. Mesmo a criança mais tímida ou inibida sente-se encorajada ao cantar em grupo. E o ajustamento ao grupo desenvolve um sentimento de segurança (Silva; Menezes, 2023, p.190).

Assim, a criança torna-se mais autoconfiante e integrada à sua turma, além de se divertir com a atividade.

Vieira e Temary (2022) ressaltam a importância do uso da educação musical no contexto escolar desde o começo do processo de alfabetização de crianças do ensino básico. No ensino em questão, a partir do 1º ano do ensino fundamental dos anos iniciais, as crianças saem da educação infantil, após terem passado seus primeiros anos só brincando de modo lúdico e ouvindo músicas infantis para que os professores pudessem desenvolver com elas atividades estimuladoras dos movimentos cognitivos e motores.

A criança encontra maior facilidade em aprender ao ser instigada a ouvir o som de um instrumento, uma música ou até mesmo quando estiver sendo alfabetizada por intermédio da própria disciplina musical, tendo grande proporção em aprender com mais facilidade do que se fosse uma matéria dada

apenas tradicionalmente. Muitas crianças aprendem a ler e a escrever ouvindo uma música e se envolvendo com sua melodia, porque a música tem, em sua essência, o poder de envolver frequentemente o indivíduo, desde a sua gestação (Ilari, 2013 apud Vieira; Temary, 2022).

Santos (2019) destaca que a música não somente deixa o ambiente escolar mais festivo, como pode ser usada até mesmo para proporcionar um ar mais receptivo à chegada dos alunos, proporcionando um efeito calmante depois dos períodos de atividade física e diminuindo a preocupação em momentos de prova.

2.3 A Preparação e os saberes docentes

A preparação docente para o trabalho com a musicalidade pode acarretar a indagação de qual seria o conhecimento necessário ao professor: conhecer a respeito da música ou da pedagogia? “Para ensinar música [...] não é suficiente somente saber música ou somente saber ensinar. Conhecimentos pedagógicos e musicológicos são igualmente necessários, não sendo possível priorizar um em detrimento do outro” (Del Ben 2003, p. 31 apud Castro, 2017, p.10). “O professor precisa ter maior conhecimento sobre o método que quer utilizar em suas aulas para ter base e autonomia de ensino, pois não é simplesmente saber tocar ou cantar uma música para se fazer educação musical[...]” (Vieira; Temary, 2022). Entretanto, para Marcondes (2020 apud Vieira; Temari, 2022), é importante que o docente possua habilidades musicais:

Recomenda-se a qualquer profissional que atuará com musicalização dominar um instrumento harmônico, cantar de forma afinada, e ser capaz de atuar com instrumentos que desenvolvem a coordenação motora fina, e a coordenação motora grossa de quem será musicalizado (Marcondes, 2020, s/p apud Vieira; Temari, 2022, p.5).

Então, verifica-se que o ideal docente seria, de fato, possuir habilidades pedagógicas e musicais.

De um modo geral, o desenvolvimento da docência demanda uma gama

de saberes profissionais que fundamentam e orientam o docente, cotidianamente, em seu trabalho. Tais saberes envolvem o conteúdo a ser ensinado, a familiarização com o programa escolar, bem como com o projeto político pedagógico da instituição de ensino, assim como com as diretrizes legais educacionais orientadoras do ensino e a aprendizagem de uma disciplina escolar determinada e ainda saber como ensinar e quais recursos adotar, sem se esquecer também de levar em consideração como os alunos aprendem e como promover a aprendizagem dos mesmos (Borges; Richit, 2020).

O professor que usa a música como ferramenta para alfabetizar tem maior chance de alcançar seu objetivo daquilo que quiser ensinar, pois terá a possibilidade de atingir aquela criança com dificuldade de aprendizagem, com déficit de atenção e outro tipo de deficiência, haja vista que a música tem a função de atingir o intelecto de uma pessoa de acordo com o método usado por quem estiver aplicando a matéria (Vieira: Temary, 2022).

Acerca da docência direcionada para a música, a responsabilidade do professor é grande, haja vista que a relevância da música para a formação das pessoas é compreendida desde a Antiguidade (Fonterrada, 2008 apud Borges; Richit, 2020), contribuindo para o desenvolvimento estético e histórico e também na formação humana. Logo, a relevância do ensino de música na escola é promover o favorecimento do desenvolvimento em termos sensoriais, físicos, espirituais e sentimentais (Fonterrada, 2008 apud Borges; Richit, 2020).

É importante ressaltar que o educador deve ter a sensibilidade de perceber o momento e o tipo de música que deverá ser anexado aos trabalhos, para promover uma maior compreensão e agregação do conteúdo trabalhado, tornando a aula mais prazerosa, dinâmica, atrativa, e vai ajudar a construir e recordar as informações e conhecimento (Silva; Menezes, 2023, p.195).

Assim, de acordo com o momento de sua ação pedagógica, o educador precisa ser sensível o suficiente para identificar e selecionar a música mais adequada para o trabalho em aula.

Na área da música, existem duas formas de graduação: o bacharelado específico em determinado instrumento ou canto (também Regência, Composição e Música Popular Brasileira) e a licenciatura. As licenciaturas em Música, atualmente, se constituem em um curso específico e não uma mera complementação do bacharelado, ou seja, é possível fazer a licenciatura sem haver a necessidade de ter concluído o bacharelado, terminando a graduação com a habilitação para exercer o magistério em qualquer escola da educação básica. A formação em nível de graduação não é valorizada e nem entendida com algo significativo, o que pode ser explicado porque a música é uma prática social e cultural presente e amplamente divulgada na sociedade, onde grandes artistas são autodidatas ou aprenderam com professores particulares ao longo de suas carreiras. A escolha da licenciatura como uma segunda opção de formação é outro fato relevante, pois o mercado de trabalho para o músico no país ainda é muito restrito, levando muitos bacharelados a optarem por fazer também a licenciatura para a garantia de um emprego e de uma renda fixa, mesmo que modesta, para o caso de a carreira de instrumentista ou regente fracassar. Dessa forma, a licenciatura é cursada sem muito interesse no aprofundamento nas questões pedagógicas e educacionais, acabando por influenciar de maneira direta o trabalho a ser realizado, futuramente, em sala de aula (Castro, 2017).

2.4 O ensino da música, segundo a legislação

Castro (2017) explica que, com a aprovação da Lei nº 11.769/2008 a música se tornou conteúdo obrigatório, porém não exclusivo do componente Artes previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a Lei nº 9.495/1996, e a formação específica do profissional a atuar na área não foi sequer brevemente mencionada.

Na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018 apud SILVA; Menezes, 2023) nos eixos estruturantes da educação infantil, compostos por interações e brincadeiras, devem ser garantidos seis direitos de aprendizagem

e desenvolvimento, definidos como Campos de Experiências. O primeiro abrange o eu, o outro e o nós. O segundo compreende o corpo, gestos e movimentos. No terceiro, estão os traços, sons, cores e formas. O quarto envolve escuta, fala, pensamento e imaginação. Por fim, chega-se ao campo do espaço, tempos, quantidades, relações e transformações.

Ainda na Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) a Música é uma unidade temática que integra o componente Arte nos anos iniciais do ensino fundamental e pode ter cinco grupos de habilidades desenvolvidas (identificadas pelos códigos de EF15AR13 a EF15AR17): identificação e apreciação de modo crítico as diversas formas e gêneros de expressão musical, para efetuar o reconhecimento e análise dos usos e das funções da música em diversos contextos de circulação, especialmente àqueles da vida diária; percepção e exploração dos elementos constitutivos da música (a título de exemplificação, altura, intensidade, timbre, melodia e ritmo), por intermédio de jogos, brincadeiras, canções e práticas variadas de composição/criação, execução e apreciação musical; exploração de fontes sonoras variadas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos presentes no dia a dia, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais diversos; exploração de diferentes formas de registro musical não convencional (a citar, representação gráfica de sons e partituras criativas), assim como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecimento da notação musical convencional; experimentação de improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, com a utilização de vozes, sons corporais e/ou instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, individual, coletiva e colaborativamente.

2.5 Experiências de educação musical em instituições de ensino

Santos (2020 apud Santos, Kobayashi e Mosca, 2022) exemplifica um trabalho de campo desenvolvido em uma escola da rede privada de ensino

infantil localizada na cidade de Campinas, Estado de São Paulo, em outubro do ano de 2019. Dentre as dinâmicas desenvolvidas nas ações pedagógicas, estava o enredo do livro “E o dente ainda doía” da autora Ana Terra (2012), uma história cumulativa a respeito de um jacaré, que ao ter dor de dente recebe ajuda de vários colegas da floresta. O gênero textual abordado possui padrões construídos de forma gradativa e adicional, onde a cada novo momento surge uma nova personagem ou acontece um novo evento. A professora regente expõe a temática da história e aborda o problema enfrentado pela personagem jacaré. Em seguida, a docente executa uma pequena canção que é lembrada ao longo da atividade como condicional para que o enredo prossiga. Na sequência, os alunos são introduzidos às novas personagens, responsáveis por auxiliar o jacaré na remoção do dente que lhe causava dor, a partir do uso de algum objeto. Tal sequência cumulativa de personagens e ferramentas é representada por figuras e pequenas dramatizações. Os objetos e personagens são acrescentados em forma de ditado, executados por meio da voz e da percussão corporal (colo e palmas).

Na canção tema da história “E o dente doía”, foram abordadas as qualidades e contrapontos entre “forte” e “fraco” através de movimentos e expressões corporais. A partir dos estímulos sonoros melódicos, os alunos executam os movimentos de ficar em pé, deitar, sentar, levantar e dançar de maneira livre. É por meio desses momentos que os alunos têm a chance de explorar e reconhecer movimentos e acompanhar corporalmente diferentes melodias. Posteriormente, no processo envolvendo corpo e instrumento, os alunos passam a fazer uso de uma pequena percussão a partir de chocalhos, pandeiros, sinos, reco-recos e tambores de mão. Esse momento tem como objetivo transpor o canto em sobreposições rítmicas por intermédio da percussão, executando a relação pulso/ritmo numa relação palavra/frase: “dente” (representando o pulso por meio das sílabas) e “ai meu Deus, que dor!” (representando um ritmo sobreposto). Finalmente, continuando com a utilização dos instrumentos de pequena percussão, os alunos são convidados a transpor de maneira ritmada os nomes e objetos que foram utilizados pelas

personagens da história “E o dente ainda dói”. Então, a criança passa pelo processo natural de ensino/aprendizagem musical a partir da transição entre corpo e instrumento, tendo experimentado por meio da brincadeira e da fantasia elementos rítmicos que são depois transpostos para a pequena percussão, possibilitando que novos timbres sejam ainda mais experimentados.

Em outra experiência relatada, desta vez por Amaral (2021), no 3º ano do ensino fundamental de uma escola pública, foi diagnosticado, através de conversas, observações e atividades escritas que os alunos das três turmas em questão, do turno matutino, em suas vivências musicais não formais, experienciavam a música apenas como ouvintes. Então, foram planejadas e executadas sequências didáticas com experiências de apreciar, executar e criar, na perspectiva de ampliar e desenvolver os conhecimentos e as vivências discentes para além das habilidades musicais.

3. Conclusão

As descobertas que as crianças podem fazer através da educação musical envolvem a autoexpressão e integração com o meio, o que as fazem mais confiantes em si mesmas e integradas à sua turma, além de facilitar o desenvolvimento de habilidades, conceitos, pressupostos e o enriquecimento do seu processo de aprendizagem.

Os benefícios da música na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental são o favorecimento da alfabetização, com a facilitação do aprendizado da leitura e da escrita (a partir do começo do processo de alfabetização no ensino básico), assim como estímulos dos movimentos cognitivos e motores, um maior acolhimento na chegada das crianças à escola e um efeito tranquilizador após atividades físicas ou provas.

A preparação e os saberes docentes para a promoção da educação musical envolvem ter, previamente, posse de habilidades pedagógicas e musicais para facilitar o exercício da profissão, bem como saberes profissionais que embasam e guiam o professor em seu trabalho cotidiano.

O ensino da música, conforme a legislação possui o respaldo de documentos como a Lei 11.769/2008, a Lei nº 9.495/1996 e a Base Nacional Comum Curricular, embora não haja detalhamentos legais suficientes para a orientação e garantia de direitos abrangentes na área, de fato.

Em relação às experiências de educação musical em instituições de ensino, este estudo exemplificou uma dinâmica em uma escola privada de ensino infantil e uma experiência didática com experiências sortidas no 3º ano do ensino fundamental de uma escola pública, com ótimos resultados. Assim, foi percebido que, dentro da educação infantil e dos anos iniciais do ensino fundamental, não existe uma faixa etária específica que possa se beneficiar mais da educação musical.

Sugere-se a feitura de novos estudos explorando a temática presente neste trabalho, por seu conteúdo ser rico demais para sua abordagem se esgotar nestas páginas.

Referências

AMARAL, Sthela Cristina de Medeiros Gomes. Música na sala de aula: experiências de apreciar, executar e criar no 3º ano do ensino fundamental. CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE EDUCADORES DO BRASIL, 30 [recurso eletrônico] : In: SENNA, Nádia da Cruz; SILVA, Úrsula Rosa da.(Orgs.). Poéticas para transcender e enfrentar o amanhã. da Silva. Congresso Nacional da Federação de Arte Educadores do Brasil [recurso eletrônico], 30 . **Anais [...]**. Pelotas : UFPel , 2021. Disponível em: < https://www.researchgate.net/profile/Viviani-Kwecko/publication/369195144_anais-XXX-ConFAEB-Pelotas-2021/links/640f5469a1b72772e4f50583/anais-XXX-ConFAEB-Pelotas-2021.pdf#page=156>. Acesso em: 28 maio 2024.

BORGES, Adilson de Souza; RICHIT, Adriana. Desenvolvimento de saberes docentes para o ensino de música nos anos iniciais. **Cad. Pesq.**, São Paulo, v.50, n.176, p.555-574, abr./jun. 2020. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/cp/a/mk7JNcLky9GSvWS6SWkSwKp>>. Acesso em: 4 maio 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. O Ensino Fundamental no contexto da Educação Básica. In: **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental>>. Acesso em: 7 maio 2024.

CASTRO, Vanessa Weber de. **Músico ou professor?** Reflexões sobre a formação docente em música para a Educação Básica. SEMINÁRIO INTERNACIONAL REDES EDUCATIVAS E TECNOLOGIAS, 9, Rio de Janeiro, 05-08 jun. 2017. Disponível: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/104527783/2017_redes_TR934-libre.pdf?1690325531=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DMusico_ou_Professor_Reflexoes_sobre_a_fo.pdf&Expires=1712499753&Signature=c7-Gat~X4UUY7go0WHHT6zolo9nouCcJq1mVemV5y-g~A0vGazpkTPUpZ4CGkxCIMulZPuwnRAjAkhr~8q9HE7XkzVgnzul~PVLAvs3rzPRpEgL9we3XSzIGE-gnWDD2Tx50Dg~q2fu3VdJv~V07MoVrVZO DjJra6-sFvxplA1UcwZtT81SnrSH53kqZhQpEB8RLFahlReUgca4NI9vqC~KrAcxxLT~wgXUznkTUD0eVu9LNcnpKrmAhTJZ9isCXRDbQLMyH4EN1a2mmd84UhcJnexGmKGIQrq75sKG2PMXgle2kCh8JgShscelVUvn4lqgYFT~3WNPY~3ddO7Nlw__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA>. Acesso em: 7 maio 2024.

DEL BEN, Luciana. Múltiplos espaços, multidimensionalidade, conjunto de saberes: idéias para pensarmos a formação de professores de música. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 8, 29-32, mar. 2003.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. **De tramas e fios:** um ensaio sobre música e educação. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp; Rio de Janeiro: Funarte, 2008.

ILARI, Beatriz. **Música na infância e na adolescência, um Livro para Pais, Professores e Aficionados.** Curitiba: InteSaber. 2013.

MARCONDES, João. **Qual a qualificação para professor de musicalização?** Lençóis Paulista. 2020. Disponível em: <<https://www.souzalima.com.br/cursos/musicalizacao-infantil/>> . Acesso em: 26 maio 2024.

SANTOS, Cassiano; KOBAYASHI, Maria do Carmo Kobayashi; Maristela Mosca. Práticas pedagógico-musicais na Educação Infantil: diálogos possíveis e conexões com os Campos de Experiências da BNCC. **Conjecturas**, v.22, n.15, 2022. Disponível em: < <https://www.conjecturas.org/index.php/edicoes/article/view/1953>>. Acesso em: 28 maio 2024.

SANTOS, Cleusa Feliz. A musicalidade como ferramenta de aprendizagem para os anos iniciais do ensino fundamental. **Revista Educação & Evolução**, v.1, n.1, 2019. Disponível em: < <http://www.revistaeducacaoevolucio.com.br/educacao1/VOLUME%201%20-%20NUMERO%201%20-%20NOVEMBRO%202019.pdf#page=36>>. Acesso em: 28 maio 2024.

SANTOS, C.L.S. **Música e movimento na Educação Infantil:** diálogos possíveis e conexões entre a Base Nacional Comum Curricular e práticas

pedagógicas com crianças de 5 anos a partir da perspectiva da abordagem Orff-Schulwerk. Dissertação (Mestre em Educação: Docência para a Educação Básica) –UNESP, Faculdade de Ciências, Bauru, 2020.

SILVA, Maria Luzia da; MENEZES, Aretuza Gardênia Miranda de. O contexto da música no Ensino Infantil. In: TAVARES, Andrezza Maria Batista do Nascimento; NASCIMENTO, Valdete batista do. **Saberes e Práticas necessárias à atuação do Pedagogo**. Natal: Editora FAMEN, 2023.

SOARES, Daniela. A música na Educação Infantil. **Revista Inovação & Sociedade**, v.6, n.3, 2024. Disponível em: <https://revista.unipora.edu.br/index.php/ies/article/view/155>>. Acesso em: 2 maio 2024.

TERRA, Ana. **E o dente ainda doía**. São Paulo: Editora DCL, 2012.

VIEIRA, Suzana Aparecida dos Santos; TEMARY, Fabiane Kroker.

- Inclusão de crianças autistas na educação infantil (Aline Dailane Souza dos Santos; Karine Martins dos Santos; Lívia Monique de Almeida)

Inclusão de crianças autistas na educação infantil

Aline Dailane Souza dos Santos

Karine Martins dos Santos

Lívia Monique de Almeida

DOI: 10.5281/zenodo.13625815

RESUMO:

Em meio as discussões no meio educacional, este assunto vem sendo tratado com extrema delicadeza para que os direitos descritos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) sejam cumpridos da melhor maneira possível. Por se tratar de um transtorno relativamente novo, ainda se tem muito a ser estudado a seu respeito. Este artigo objetiva refletir sobre a escolarização de alunos autistas, utilizando ferramentas de cunho acadêmico, relatando a definição de autismo; conhecendo os direitos da criança com deficiência; descrevendo sobre o processo de inclusão escolar do aluno autista; e ao fim da pesquisa, compartilhando conhecimentos a respeito da inclusão e seus obstáculos. A pesquisa foi desenvolvida a partir da fundamentação teórica por meio de pesquisas bibliográficas, em artigos científicos, monografia, dissertações, teses livros, arquivos online, revistas e pesquisa em documentos, leis e decretos. Para realizar essa pesquisa utilizou-se o enfoque qualitativo, por meio exclusivo de referências bibliográficas para a fundamentação teórica de toda a pesquisa, e ênfase no estudo documental para uma melhor compreensão do assunto abordado, sendo assim observando os conceitos, definições e ideias de cada autor aqui citado.

Palavras-chave: Escolarização. Deficiência. Autistas.

ABSTRACT:

In the midst of discussions in the educational environment, this issue has been treated with extreme delicacy so that the rights described in the Law of Guidelines and Bases of National Education (LDB) are fulfilled in the best possible way. As it is a relatively new disorder, there is still a lot to be studied about it. This article is presented to the course Completion Paper of Course II of the Licentiate Course in Pedagogy at the Faculty of Guarantã do Norte - UNIFAMA, as a partial requirement for the presentation of the research work, under the guidance of Prof. Esp. Ana Marcia Soecki. This article aims to reflect on the schooling of autistic students, using academic tools, reporting the definition of autism; knowing the rights of children with disabilities; describing the school inclusion process of the autistic student; and at the end of the research, sharing knowledge about inclusion and its obstacles. The research was developed from the theoretical foundation through bibliographical research, in scientific articles, monographs, dissertations, theses, books, online archives, magazines and research in documents, laws and decrees. To carry out this research, a qualitative approach was used, exclusively through

bibliographical references for the theoretical foundation of the entire research, and an emphasis on documental study for a better understanding of the subject covered, thus observing the concepts, definitions and ideas of each author cited here.

Keywords: Schooling; Deficiency; Autistic.

1. INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista é uma doença que afeta o desenvolvimento neurológico fazendo com que, em muitos casos, haja o atraso cognitivo, a realização de movimentos repetitivos bem como a falta de interação social, as quais são as características mais presentes nos autistas. Impende destacar que o autismo possui classificações que determinam o grau que o transtorno afeta o indivíduo, os quais são: leve, moderado e severo e, dependendo do mesmo, se faz necessário um acompanhamento multidisciplinar. É característico do autista apresentar alguns déficits e excessos comportamentais em diversas áreas, conforme melhor explicado adiante. O grau de comprometimento destes déficits pode variar de uma criança para outra e na mesma criança ao longo do tempo. Por este motivo, a expressão Transtorno do Espectro Autista tem sido mais utilizada em detrimento da palavra Autista.

Este trabalho faz-se necessário para que em meio a um mar de incertezas e possibilidades que é o universo autista, os profissionais da educação, tenham uma brecha de expectativa, que sirva como uma luz de esperança clareando dias melhores na caminhada cujo objetivo principal é abrir a janela para o conhecimento na vida dos alunos, estejam eles dentro do espectro ou não.

Autistas são amparados pela Constituição Federal, pela Lei 12.764/2012 (Lei de Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista) e pela Lei nº 13.146/2015 (Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência - Estatuto da Pessoa com Deficiência) As leis específicas que visam a proteção dos direitos das pessoas com autismo

demonstram a preocupação do legislador em potencializar a efetivação dos princípios consagrados pela Constituição Federal: igualdade; dignidade da pessoa humana; garantia da educação para todos; igualdade de condições de acesso e permanência na escola. Mas acima de tudo, e, principalmente, visam a tão almejada inclusão social do autista. A lei 12.767/12, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, dispõe sobre diretrizes (art. 2º) e direitos (art. 3º) das pessoas autistas. Ela considerou para todos os efeitos legais, autistas pessoas com deficiência. Portanto, estes gozam de todos os direitos relacionados na Lei Brasileira de Inclusão.

Porém, Alunos com necessidades educacionais especiais não podem ser inseridos no ensino regular sem a adoção das medidas adaptativas. Não basta inserir o aluno na escola regular, é preciso lhe dar condições de aprendizagem e sociabilização.

A educação inclusiva para alunos dentro do espectro autista ainda é um grande paradigma de modo geral, que ainda nos dias atuais gera grandes discussões entre os profissionais da educação, principalmente quando se trata de atender as necessidades específicas de cada aluno, que por se tratar do autismo tem-se um parâmetro abrangente de possíveis transtornos envolvidos. Sabe-se que existem leis que asseguram a educação das crianças dentro do espectro autista, na qual relataremos no decorrer da pesquisa. Em meio as dificuldades enfrentadas pelos profissionais da educação, desde o acolhimento, inclusão, e desenvolvimentos das habilidades possíveis e necessárias nestes alunos, existem também, vários outros obstáculos a serem vencidos, como a aceitação dos pais e dos outros alunos, com a inserção deste aluno no meio comum em sala de aula. Dentre esses desafios, se mostra presente a falta de informação e formação especializada para o atendimento destes alunos.

Atualmente o autismo tem se mostrado um verdadeiro desafio para os educadores do século XXI, por se tratar de um transtorno relativamente novo e por se terem poucos estudos a respeito, se torna um caminho um tanto nebuloso para os profissionais da educação. Em meio as discussões no meio educacional, este assunto vem sendo tratado com extrema delicadeza para

que os direitos descritos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) sejam cumpridos da melhor maneira possível. Por se tratar de um transtorno relativamente novo, ainda se tem muito a ser estudado a seu respeito.

Uma em cada 50 crianças tem o transtorno, segundo o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), agência do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos. E este número vem aumentando a cada ano. Por estes e outros motivos faz-se necessária a intensificação dos estudos a respeito deste assunto, a busca por novas pesquisas de campo a fim de descobrir métodos pedagógicos para inserir estes alunos em sala de aula de forma satisfatória, bem como a atualização acadêmica dos profissionais da educação que irão atender estes alunos.

“... Imagine chegar em um país onde você não entende a língua e não conhece os costumes – e ninguém entende o que você quer ou precisa. Você, na tentativa de se organizar e entender esse ambiente, provavelmente apresentará comportamentos que os nativos acharão estranhos...” (citação retirada do Manual de Treinamento ABA – Help us learn – Ajude-nos a aprender.) Esta frase pode ser utilizada para compreender a maneira que uma criança portadora do Transtorno de Espectro Autista pensa, sente se comporta. Muitos dizem realmente que o autista constrói para si uma realidade paralela, alheia a nossa, e por viver “lá dentro” não consegue se comunicar com os outros que vivem no mundo “real”.

Dito isto, este trabalho faz-se necessário para que em meio a um mar de incertezas e possibilidades que é o universo autista, os profissionais da educação, tenham uma brecha de expectativa, que sirva como uma luz de esperança clareando dias melhores na caminhada cujo objetivo principal é abrir a janela para o conhecimento na vida dos alunos, estejam eles dentro do espectro ou não.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 O autismo, história e características

A palavra “autismo” deriva do grego “autos”, que significa “voltar-se para si mesmo”. A primeira pessoa a utilizá-la foi o psiquiatra austríaco Eugen Bleuler para se referir a um dos critérios adotados em sua época para a realização de um diagnóstico de Esquizofrenia. Estes critérios, os quais ficaram conhecidos como “os quatro ‘A’s de Bleuler, são: alucinações, afeto desorganizado, incongruência e autismo. A palavra referia-se à tendência do esquizofrênico de “ensimesmar-se”, tornando-se alheio ao mundo social fechando-se em seu mundo, como até hoje se acredita sobre o comportamento autista.

O autismo é uma síndrome que afeta o desenvolvimento em três importantes áreas: comunicação, socialização e comportamento. Dentro das Desordens do Espectro Autista (DEA), a síndrome pode se manifestar de forma leve a severa e, normalmente, as alterações comportamentais já podem ser notadas nos primeiros anos de vida (até os 3). Não há estatística oficial entre os brasileiros, mas especialistas acreditam que a proporção seja semelhante à encontrada em outros países: uma em cada 50 crianças tem o transtorno, segundo o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), agência do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos.

Embora diversos tipos de alterações neurológicas e/ou genéticas tenham sido descritas como prováveis etiologias do autismo, não há nada comprovado ainda. O transtorno pode estar diretamente associado a problemas cromossômicos, genéticos, metabólicos, e até mesmo doenças transmitidas ou adquiridas durante a gestação, durante e após o parto. A dificuldade em elaborar um diagnóstico de autismo é grande, quando se pensa que diversas síndromes possuem sintomatologia semelhante. Uma quantidade de 75 a 80% das crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista apresenta algum tipo de retardo mental, o qual pode estar associado a inúmeros fatores biológicos.

É característico do autista apresentar alguns déficits e excessos comportamentais em diversas áreas, conforme melhor explicado adiante. O

grau de comprometimento destes déficits pode variar de uma criança para outra e na mesma criança ao longo do tempo. Por este motivo, a expressão Transtorno do Espectro Autista tem sido mais utilizada em detrimento da palavra Autista.

Nem sempre o autismo está associado a deficiência mental. Às vezes ele ocorre em crianças com inteligência classificada como normal. O chamado “déficit intelectual” é mais intenso nas habilidades verbais e menos evidente em habilidades viso-espaciais. É muito comum, no entanto, crianças com este diagnóstico apresentarem desempenho além do normal em tarefas que exigem apenas atividades mecânicas ou memorização, ao contrário das tarefas nas quais é exigido algum tipo de conceituação, sequenciação ou sentido.

O transtorno do espectro do autista (TEA) ou simplesmente autismo é uma síndrome caracterizada por alteração do desenvolvimento com alta incidência em todo o mundo. O TEA é considerado um transtorno do neurodesenvolvimento definido no DSM-5, classificação diagnóstica mais recente dos transtornos mentais, por déficits de comunicação social associado a comportamentos ou interesses repetitivos, estereotipados com início precoce. De acordo com o DSM-5, como sintomas deverão estar presentes no início do período de desenvolvimento e se tornarem evidentes na primeira infância (CAMPOS, 2019).

Critérios diagnósticos dos Transtornos do Espectro Autista

- Deficiências persistentes na comunicação e interação social: Limitação na reciprocidade social e emocional; Limitação nos comportamentos de comunicação não verbal utilizados para interação social; Limitação em iniciar, manter e entender relacionamentos, variando de dificuldades com adaptação de comportamento para se ajustar às diversas situações sociais.

- Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, manifestadas pelo menos por dois dos seguintes aspectos observados ou pela história clínica: Movimentos repetitivos e estereotipados no uso de objetos ou fala; Insistência nas mesmas coisas, aderência inflexível às rotinas ou padrões ritualísticos de comportamentos verbais e não verbais;

Interesses restritos que são anormais na intensidade e foco; Hiper ou hiporreativo a estímulos sensoriais do ambiente.

- Os sintomas devem estar presentes nas primeiras etapas do desenvolvimento. Eles podem não estar totalmente manifestos até que a demanda social exceda suas capacidades ou podem ficar mascarados por algumas estratégias de aprendizado ao longo da vida.

- Os sintomas causam prejuízo clinicamente significativo nas áreas social, ocupacional ou outras áreas importantes de funcionamento atual do paciente. E esses distúrbios não são melhor explicados por deficiência cognitiva ou atraso global do desenvolvimento.

2.2 Leis que asseguram o ensino escolar para autistas

É proibida a negativa de matrícula em razão do autismo. Negar matrícula nestas condições é crime. A educação é direito fundamental garantido constitucionalmente, que dá a todos os cidadãos o acesso a todos os níveis de aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível. Portanto, é direito da pessoa autista estudar, preferencialmente na rede regular de ensino, tanto em escolas públicas quanto em escolas particulares. Não há na lei em vigor qualquer limitação do número de crianças com deficiência por sala de aula, portanto negar matrícula alegando essas condições é inaceitável.

Segundo o Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei 13.146/15) estabelece que a matrícula destas pessoas é obrigatória pelas escolas particulares, e não limita o número de alunos nessas condições por sala de aula. Discriminação é crime! Lei 12.764/12 Art. 7º O gestor escolar, ou autoridade competente, que recusar a matrícula de aluno com transtorno do espectro autista, ou qualquer outro tipo de deficiência, será punido com multa de 3 (três) a 20 (vinte) salários-mínimos. Art.10º (dez) Em caso de reincidência, apurada por processo administrativo, assegurado o contraditório e a ampla defesa, haverá a perda do cargo.

Alunos com necessidades educacionais especiais não podem ser inseridos no ensino regular sem a adoção das medidas adaptativas. Não basta inserir o aluno na escola regular, é preciso lhe dar condições de aprendizagem e sociabilização.

O Art. 28, III da Lei 13.146/15 determina que a escola regular deve se adaptar ao aluno autista. A lei exige que seja criado um projeto pedagógico para o atendimento educacional especializado, que atenda às necessidades e características individuais dos alunos, visando que o aluno autista tenha acesso ao currículo escolar em condições de igualdade.

2.3 A inclusão de alunos dentro do espectro no espaço escolar

O que cabe à escola é incluir a criança da melhor maneira possível. Na Lei nº 12.764/2012, que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, fica assegurado a ela o direito à Educação em todos os níveis de ensino.

Além de os incluir nas classes regulares de ensino, desenvolver um relacionamento capaz de propiciar uma melhor adaptação, bem como fornecer o atendimento a todos de forma ampla e efetiva, para que de fato se sintam acolhidos e incluídos. Porém nem sempre é o que de fato ocorre nas instituições de ensino regular, são inúmeros os desafios na inclusão escolar dos alunos autistas.

O aluno autista deve ser olhado em sua singularidade para ser atendido de forma adequada, e que possibilite o seu desenvolvimento. É imprescindível que haja planejamento pedagógico para que sejam verificadas as possibilidades de desenvolvimento, bem como sejam apontadas as necessidades individuais do aluno.

Para que o sistema educacional inclusivo funcione, é essencial a colaboração da família. Ela compõe a rede de apoio como a instituição primeira e significativamente importante para a escolarização dos alunos. É a fonte de informações para o professor sobre as necessidades específicas da criança. É fundamental que se estabeleça uma relação de confiança e cooperação entre a

escola e a família, pois este vínculo favorecerá o desenvolvimento da criança. Entretanto, é importante destacar que não cabe à família desempenhar o papel de profissional de apoio escolar. Este profissional é de responsabilidade exclusiva da instituição de ensino, quando se tratar de escola particular, e do Estado, quando se tratar de escola pública.

2.4 A importância da capacitação do professor para atuar na educação do autista

Os professores podem ficar atentos às mudanças comportamentais, como comprometimento na interação social e na comunicação, além de interesses restritos e repetitivos. Mas não é responsabilidade da escola fazer o diagnóstico. "Se o docente observar esses comportamentos, deve falar com a coordenação pedagógica e com a família para encaminhar a criança para avaliações profissionais, com exames genéticos, neurológicos, psicológicos, pedagógicos, fonoaudiólogos, entre outros".

Garantir que os direitos a inclusão sejam cumpridos não é uma tarefa fácil, faltam profissionais habilitados, o número de alunos em sala é grande e ainda não há muitos conhecimentos consolidados sobre o tema. O que existe são bons exemplos de práticas pedagógicas que funcionaram em determinados contextos e podem ajudar o educador e refletir sobre o processo de inclusão.

O aluno autista deve participar de todas as atividades escolares, ou seja, dos jogos, atividades esportivas e recreativas, uma vez que a educação não se limita à sala de aula. (Art. 28, XV da Lei 13.146/15). Para qualquer atividade no ambiente escolar, se pressupõe a igualdade de condições. Assim, não pode haver exclusão na dança do Dia das Mães, no passeio escolar, na festa junina, ou em qualquer outra atividade, uma vez que a escola deve ser vista como um todo, jamais dividindo-se a educação do aluno com ou sem deficiência. É muito importante que sejam respeitados os limites da criança. Entretanto, é inaceitável que a instituição de ensino decida não incluir a criança nas atividades escolares.

O que se pode utilizar como base para trabalhar com o aluno autista são técnicas experimentais, como por exemplo o relato de Maria da Paz Castro, especialista e formadora em inclusão:

Cada criança com autismo tem particularidades. É importante investigar ao máximo o que funciona com cada uma. É um processo complexo, com base na experimentação, de muitos erros e acertos. Por isso não existe uma receita. A música foi também uma ferramenta importante em sala de aula, ajudando o aluno a participar das atividades de alfabetização propostas. (CASTRO, 2015)

A parceria com os alunos contribui também para a gestão de sala, ou seja, a conscientização dos colegas neste processo de inclusão também é muito importante, é indispensável na verdade. Portanto o trabalho pedagógico do educador neste meio é extremamente importante, por, é através da vivência e convivência com os colegas que o aluno autista irá se sentir acolhido e bem-vindo.

Em muitos casos, o autismo é apenas uma das barreiras que o aluno tem de superar. Nestes casos o educador precisa se desdobrar e se reinventar a cada aula, pois, os alunos que dispõem de mais de um transtorno, acaba por exigir mais atenção nas questões da aprendizagem propriamente dita.

A lei 13.146/15 impõe a oferta de profissional de apoio escolar, que segundo o artigo 3º, XIII é: Profissional de apoio escolar: pessoa que exerce atividades de alimentação, higiene e locomoção do estudante com deficiência e atua em todas as atividades escolares nas quais se fizer necessária, em todos os níveis e modalidades de ensino, em instituições públicas e privadas, excluídas as técnicas ou os procedimentos identificados com profissões legalmente estabelecidas.

2.5 Transtorno do espectro autista ou TEA

Campos 2019 afirma que, o TEA (Transtorno do Espectro Autista) é considerado um transtorno do neurodesenvolvimento definido no DSM-5, como sintomas deverão estar presentes no início do período de desenvolvimento e

se tornarem evidentes na primeira infância. Já a agência do Departamento de Saúde e Serviços Humanos dos Estados Unidos afirma que o autismo é uma síndrome que afeta o desenvolvimento em três importantes áreas: comunicação, socialização e comportamento. De certa forma esses dois autores concordam no sentido de que o autismo é um transtorno que afeta o desenvolvimento da criança. Dentro das Desordens do Espectro Autista (DEA), a síndrome pode se manifestar de forma leve a severa e, normalmente, as alterações comportamentais já podem ser notadas nos primeiros anos de vida (até os 3): uma em cada 50 crianças tem o transtorno, segundo o Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC).

Portanto a pesquisa bibliográfica realizada, constatou-se o reduzido número de artigos dedicado à temática dentro da literatura, o que corrobora com a conclusão de diferentes autores sobre a carência de estudos na área (Belisário Filho & Cunha, 2010; Cabral & Marin, 2017; Camargo & Bosa, 2009; Nunes, Azevedo, & Schmidt, 2013). De qualquer forma, o conjunto de estudos obtidos que dispomos deve ser apreendido em sua integralidade, dentro de uma tentativa de identificar categorias, padrões, tendências, relações num meio diverso de contribuições. Nesse processo, está inclusa a busca por especificidades, semelhanças e discordâncias entre os diferentes dados obtidos, bem como por associações com o arcabouço teórico previamente estabelecido.

Com relação aos direitos da criança dentro do espectro o que cabe à escola é incluir a criança da melhor maneira possível. Na Lei nº 12.764/2012, que instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, fica assegurado a ela o direito à Educação em todos os níveis de ensino. Isso é assegurado também no Art. 28, XV da Lei 13.146/15, onde afirma que o aluno autista deve participar de todas as atividades escolares, ou seja, dos jogos, atividades esportivas e recreativas, uma vez que a educação não se limita à sala de aula.

3. METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida a partir da fundamentação teórica por meio de pesquisas bibliográficas, em artigos científicos, monografia, dissertações, teses livros, arquivos online, revistas e pesquisa em documentos, leis e decretos.

Para realizar essa pesquisa utilizou-se o enfoque qualitativo, por meio exclusivo de referências bibliografias para a fundamentação teórica de toda a pesquisa, e ênfase no estudo documental para uma melhor compreensão do assunto abordado, sendo assim observando os conceitos, definições e ideias de cada autor aqui citado.

[...] a pesquisa qualitativa [...] têm por preocupação o ponto de vista do indivíduo: a primeira considera a proximidade do sujeito, por exemplo, por meio da entrevista; na segunda, essa proximidade é medida por meio de materiais e métodos empíricos (KNECHTEL, 2014).

A pesquisa bibliográfica é um processo de investigação para solucionar, responder ou aprofundar sobre uma indagação no estudo de um fenômeno. Bastos e Keller (1995, p. 53) definem: “A pesquisa científica é uma investigação metódica acerca de um determinado assunto com o objetivo de esclarecer aspectos em estudo”. Para Gil (2002, p. 17) “A pesquisa é requerida quando não se dispõe de informação suficiente para responder ao problema, ou então quando a informação disponível se encontra em tal estado de desordem que não pode ser adequadamente relacionada ao problema”. Ela nos auxilia desde o início, pois é feita com o intuito de identificar se já existe um trabalho científico sobre o assunto da pesquisa a ser realizada, colaborando na escolha do problema e de um método adequado, tudo isso é possível baseando-se nos trabalhos já publicados.

A pesquisa bibliográfica, para Fonseca (2002), é realizada

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém,

pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

A pesquisa bibliográfica é primordial na construção da pesquisa científica, uma vez que nos permite conhecer melhor o fenômeno em estudo. Os instrumentos que são utilizados na realização da pesquisa bibliográfica são: livros, artigos científicos, teses, dissertações, anuários, revistas, leis e outros tipos de fontes escritas que já foram publicados.

[...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54).

Segundo Macedo (1994, p. 13), a pesquisa bibliográfica: “Trata-se do primeiro passo em qualquer tipo de pesquisa científica, com o fim de revisar a literatura existente e não redundar o tema de estudo ou experimentação”. Desta forma para Lakatos e Marconi (2003, p. 183): “[...] a pesquisa bibliográfica não é mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre certo assunto, mas proporciona a revisão de um tema sob novo enfoque ou abordagem, chegando a conclusões inovadoras”.

4. CONCLUSÃO

Diante desta pesquisa, conclui-se que a criação de uma legislação específica foi um marco essencial na defesa dos direitos das pessoas portadoras do Transtorno do Espectro Autista (TEA), principalmente no que se refere a inclusão social e escolar de crianças em escolas regulares de ensino, porém não podemos parar.

Se faz necessário que haja uma constante busca pela concretização da dignidade dos autistas, principalmente no âmbito escolar, já que mesmo com os avanços da sociedade, a luta constante pela igualdade, estes são diariamente rejeitados e alvos de preconceitos devido à falta de conhecimento e de conscientização.

As escolas regulares precisam estar preparadas para atender às necessidades do aluno de inclusão. Alunos autistas devem participar de todas as atividades da escola. A exclusão não pode ser aceita. A Educação Inclusiva indica para uma sociedade inclusiva. Autistas têm direito à educação e ao ensino profissionalizante. Crianças autistas têm assegurada a educação inclusiva, cabendo ao Estado a garantia do atendimento educacional especializado. Autistas têm direito à educação, preferencialmente na rede regular de ensino, com apoios e adaptações adequados para o seu desenvolvimento.

No sistema educacional inclusivo, o papel da família é tão importante quanto o do Estado, da comunidade escolar e da sociedade em geral. É direito do autista ter sua inclusão em todas as atividades escolares. A escola inclusiva respeita as diferenças e inclui não apenas por conta de uma lei, mas por compreender que a diversidade favorece o desenvolvimento de todos. A inclusão plena será possível quando as pessoas souberem se relacionar, sem discriminar, sem constranger e sem afastar a criança e sua família do convívio social. É Lei! Estudantes autistas, ou com alguma deficiência, têm direito ao profissional de apoio em sala de aula sempre que for necessário. É essencial haver práticas pedagógicas inclusivas e formação inicial e continuada dos professores. A inclusão de aluno autista na escola regular deve ser vista de forma ampla, envolvendo, inclusive, a efetiva participação da família.

Pois é sabido que a inclusão não se faz somente integrando um aluno deficiente em uma escola sem qualquer preparo. É importante que haja uma estrutura física adequada pois alguns possuem dificuldades, como de locomoção, assim como a conscientização de alunos e profissionais que fazem parte do ambiente é de suma importância, para que haja um acolhimento e a

inclusão real desse indivíduo, o que ocasionará inúmeros pontos positivos na trajetória acadêmica e social do autista.

É nosso dever como indivíduo e cidadão, conceder cidadania e dignidade a quem, até recentemente, não tinha perspectiva acerca de seus direitos e garantias.

REFERÊNCIAS

SILVA, Alexandre Costa. Abordagem Comportamental do Autismo. Portal Comporte-se Psicologia & AC. Disponível em: <https://comportese.com/2010/09/19/autismo-um-breve-historico>. Publicado em 19 de outubro de 2010. Acessado em: 17 de junho de 2021.

WINKEL, Sophia. ESCOLA NOVA, Práticas Pedagógicas. A Inclusão de Estudantes Autistas. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/3439/a-inclusao-de-estudantes-autistas?download=truevoltar=/conteudo/3439/a-inclusao-de-estudantes-autistas?download=true#=#>. Publicado em: 19 de outubro de 2010. Acessado em: 17 de junho de 2021.

CASTRO, Maria da Paz. ESCOLA NOVA, Práticas Pedagógicas. A Inclusão de Estudantes Autistas. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/3439/a-inclusao-de-estudantes-autistas?download=truevoltar=/conteudo/3439/a-inclusao-de-estudantes-autistas?download=true#=#>. Acessado em: 17 de junho de 2021.

CASTRO, Maria da Paz, apud. WINKEL, Sophia E MEIRELLES, Elisa em NOVA ESCOLA Estudantes e Autistas, Saiba como três professores superaram barreiras de contato e garantiram a inclusão. Edição 278 de janeiro de 2015. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/9083/estudantes-e-autistas>. Acessado em: 30 de junho de 2021.

SILVA, Alexandre Costa. Abordagem Comportamental do Autismo: Algumas Hipóteses Etiológicas. Portal Comporte-se Psicologia & AC. Disponível em: <https://comportese.com/2010/09/19/autismo-um-breve-historico>. Publicado em: 19 de outubro de 2010. Acessado em: 17 de junho de 2021.

LEAR, Kathy. Manual de Treinamento ABA – Help us learn – Ajude-nos a aprender. Comunidade Virtual Autismo no Brasil DISTRIBUIÇÃO INTERNA. Disponível em: <http://www.autismo.psicologiaeciencia.com.br/wp-content/uploads/2012/07/Autismo-ajude-nos-a-aprender.pdf>. Acessado em: 17 de junho de 2021.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

BASTOS, C. L; KELLER, V. Aprendendo a aprender. Petrópolis: Vozes, 1995.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo, SP: Atlas, 2002.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos de Metodologia Científica. São Paulo, SP: Atlas 2003.

MACEDO, N. D. Iniciação à pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa. São Paulo, SP: Edições Loyola, 1994.

CAMPOS, Rodrigo Carneiro de. Neurologista Infantil Presidente do Capítulo Mineiro da Associação Brasileira de Neurologia e Psiquiatria Infantil- ABENEPI. Neurologista da Secretaria Municipal de Saúde e Hospital Vila da Serra.

TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA – TEA. Descritores: Transtorno Autístico; autismo infantil; transtorno do espectro autista. Sessões Clínicas, abril de 2019. Disponível em <https://www.acoesunimedbh.com.br/sessoesclinicas/wordpress/wp-content/uploads/2019/04/08.05-Sess%C3%B5es-Cl%C3%ADnicas_Espectro-Autista_.pdf> Acesso em: 29 de junho de 2021.

Instituindo a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista. Lei nº 12.764/12. Disponível em: <http://serpe.adv.br/ebook-autismo-e-educacao.pdf>. Acesso em: 29 de junho de 2019.

SERPE, Diana, AUTISMO E EDUCAÇÃO O que a lei brasileira garante. Advogada especializada no direito de pessoas autistas e com outras deficiências. Disponível em: <http://serpe.adv.br/ebook-autismo-e-educacao.pdf>. Acesso em: 29 de junho de 2021.

CABRAL, C. S., & Marin, A. H. (2017). Inclusão escolar de crianças com transtornos do espectro autista: uma revisão sistemática da literatura. Educação em revista, 33(2), 1-10. doi.org/10.1590/0102-4698142079.

BELISÁRIO Filho, J. F., & Cunha, P. (2010). A Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar: transtornos globais do desenvolvimento. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial.

CAMARGO, S. P., & Bosa. C. A. (2009). Competência Social, Inclusão Escolar e Autismo: Revisão Crítica da Literatura. Psicologia & Sociedade, 21(1), 65-74. doi.org/10.1590/S0102-71822009000100008

NUNES, D. R. de P., Azevedo, M. Q. O., & Schmidt, C. (2013). Inclusão educacional de pessoas com Autismo no Brasil: uma revisão da literatura. Revista Educação Especial, 26(47), 557-572.

- Novos horizontes na Educação Pública tendo como aliada as tecnologias digitais no impacto social (Odete Ramos Dias da Silva; Alice Anete Siqueira)

Novos horizontes na Educação Pública tendo como aliada as tecnologias digitais no impacto social

Odete Ramos Dias da Silva³

Alice Anete Siqueira

DOI: 10.5281/zenodo.13171226

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo investigar e retratar a importância dos novos horizontes na escola pública tendo como aliada as tecnologias digitais no impacto social sendo aplicada na educação, e também como isto pode influenciar e alterar os parâmetros metodológicos do ensino, mostrando também qual o papel do docente em meio essa transição, e como este também pode se transformar ao ponto em que se adentra neste ambiente digital. O trabalho visa apresentar os novos métodos de aprendizagem criados a partir do avanço tecnológico e da digitalização global, estes modificando a estrutura educacional. Nosso trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica que nos proporcionou entender que quando as Tecnologias digitais em Comunicação são utilizadas de modo a considerar o interesse e as necessidades dos educandos, ou melhor, para beneficiar e favorecer a integração dos estudantes de forma livre e responsável no processo de construção do conhecimento podem legitimar ao mesmo tempo os ideais da democracia nos contextos escolares. Faz-se referência como o professor pode agir no sentido de aliar as novas tecnologias às metodologias utilizadas em sala de aula, como forma de melhorar os processos de ensino e de aprendizagem. Mostrar aos alunos também como era as tecnologias nas décadas anteriores e enfocando o fato dos alunos do hoje já crescerem informatizados, o que torna imprescindível para educação que os professores e demais profissionais se qualifiquem quanto ao processo de inserir a Tecnologias digitais e ao processo de ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino. Aprendizagem. Tecnologia na educação.

ABSTRACT:

This research aims to investigate and portray the importance of new horizons in public schools, having as an ally digital technologies in the social impact being applied in education, and also how this can influence and change the methodological parameters of teaching, also showing what role of teachers in the midst of this transition, and how they can also transform to the point where they enter this digital environment. The work aims to present new learning methods created from technological advances and global digitalization, which modify the educational structure. . Our work is a bibliographical research that allowed us to understand that when digital Technologies in Communication are used in order to consider the interests and needs of students, or better, to benefit and favor the integration of students in a free and responsible way in the process of knowledge construction, they can at the same time legitimize the ideals of democracy in school contexts. Reference is made to how teachers can act to combine new technologies with methodologies used in the classroom, as a way of improving teaching and

³ Professora Licenciada em Estudos Sociais pela Faculdades Integradas de Tupã e em Matemática pela UNEMAT. PÓS-GRADUAÇÃO Psicopedagogia e Gestão Escolar – Instituto Cuiabano de Educação – ICE. Cidade Rosário Oeste – MT; Mestrando em Matemática – ainda não concluído. ESCRITORA - Livros e Artigos.

learning processes. Also show students what technologies were like in previous decades and focusing on the fact that today's students have already grown up computerized, which makes it essential for education that teachers and other professionals are qualified in the process of incorporating digital technologies and the teaching process.

Keywords: Teaching. Learning. Technology in education.

Apresentação

A tecnologia nas escolas tem sido cada vez mais incorporada como uma ferramenta de apoio ao ensino e aprendizagem, tornando mais acessível, interativa e envolvente a maneira como os alunos aprendem e os professores ensinam. Nesse contexto, realizamos uma pesquisa de mercado com o objetivo de **orientar empreendedores a identificar oportunidades de negócio** com base nos desafios enfrentados pelos principais educadores de escolas e instituições privadas e em especial a escola prof.^a Elizabet Evangelista Pereira do município de Rosário Oeste -MT. É evidente que desafios precisam ser superados com relação ao uso de tecnologias na educação brasileira. Embora a Revolução Industrial represente o início do avanço digital, o Brasil ainda carece de progressos nesse quesito, pois apesar desta ciência ser benéfica no processo de ensino-aprendizagem, ela não é amplamente utilizada pela desigualdade de acesso à internet existente no país. A consequência disso é o baixo interesse por parte dos estudantes, o que provoca a evasão escolar em massa. Primeiramente é fundamental destacar que o acesso aos recursos digitais não é um benefício experimentado por todos. De acordo com o IBGE, um em cada quatro brasileiros não estão inseridos na internet; isto representa um impasse com relação ao uso de tecnologias no contexto educacional do país. Embora a Constituição Federal garanta como direito social o acesso à educação, ela não é oferecida de forma adequada, visto que ocorre negligência por parte do Governo no âmbito educacional pela redução frequente de verbas destinadas às escolas e ao ensino, o que confirma a desigualdade existente no país. Deve-se ressaltar também que o cenário arcaico das escolas brasileiras acaba por incentivar a evasão escolar no país. Atualmente, a organização

escolar tende a ser desinteressante para o aluno; em muitos casos se a tecnologia fosse usada no contexto de aprendizado isso não aconteceria. Paulo Freire, patrono da educação no Brasil, afirma que "Ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediados pelo mundo". Dessa forma, torna-se vital o uso das tecnologias nessa conjuntura, pois esse recurso pode ser usado como mecanismo capaz de tornar o ensino mais leve e atrativo e auxiliar os professores em sala de aula. Logo, medidas são necessárias para resolver o problema discutido. O Ministério da Educação deve oferecer capacitação online para os professores nos finais de semana por meio de vídeos, materiais de apoio e tarefas para que eles se sintam preparados para inserir a tecnologia no ensino e enfrentarem os possíveis desafios que surgirem. Dessa maneira, o ensino brasileiro se tornará mais atrativo aos adolescentes e poderá impedir o problema da evasão escolar. Urge também que o Ministério da Educação invista em tecnologia através de verbas públicas para tornar menos desigual a educação. Assim, o ensino será mais justo e igualitário para que todos desfrutem dos benefícios tecnológicos originados na Revolução Industrial. A *tecnologia* ajuda a trazer novas possibilidades para a sala de aula. Além de aproximar estudantes de outras fontes de informação, permite que professores explorem diferentes recursos para transmitir conhecimento. Quem também ganha com isso são as instituições, que passam a oferecer *educação* de maior qualidade. Acima de tudo, precisamos estabelecer um compromisso ético com a educação que queremos oferecer. Assim, a tecnologia e a inovação vão ser aliadas na construção de um país mais igualitário e orgulhoso da sua diversidade. Apesar desse conjunto de fatores de risco, os momentos de crise também trazem oportunidades. Sobretudo para pensar esta que é a questão orientadora de todas as demais: a educação. Enquanto ela não for prioridade para o debate público, não avançaremos em campos estruturantes da nossa sociedade é evidente que desafios precisam ser superados com relação ao uso de tecnologias na educação brasileira. Embora a Revolução Industrial represente o início do avanço digital, o Brasil ainda carece de progressos nesse quesito, pois apesar desta ciência ser benéfica no processo de ensino-aprendizagem, ela não é amplamente utilizada pela desigualdade de acesso à

internet existente no país. A consequência disso é o baixo interesse por parte dos estudantes, o que provoca a evasão escolar em massa. Primeiramente é fundamental destacar que o acesso aos recursos digitais não é um benefício experimentado por todos. De acordo com o IBGE, um em cada quatro brasileiros não estão inseridos na internet; isto representa um impasse com relação ao uso de tecnologias no contexto educacional do país. Embora a Constituição Federal garanta como direito social o acesso à educação, ela não é oferecida de forma adequada, visto que ocorre negligência por parte do Governo no âmbito educacional pela redução frequente de verbas destinadas às escolas e ao ensino, o que confirma a desigualdade existente no país. Deve-se ressaltar também que o cenário arcaico das escolas brasileiras acaba por incentivar a evasão escolar no país. Atualmente, a organização escolar tende a ser desinteressante para o aluno; em muitos casos se a tecnologia fosse usada no contexto de aprendizado isso não aconteceria. Paulo Freire, patrono da educação no Brasil, afirma que "Ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediados pelo mundo". Dessa forma, torna-se vital o uso das tecnologias nessa conjuntura, pois esse recurso pode ser usado como mecanismo capaz de tornar o ensino mais leve e atrativo e auxiliar os professores em sala de aula. Logo, medidas são necessárias para resolver o problema discutido. O Ministério da Educação deve oferecer capacitação online para os professores nos finais de semana por meio de vídeos, materiais de apoio e tarefas para que eles se sintam preparados para inserir a tecnologia no ensino e enfrentarem os possíveis desafios que surgirem. Dessa forma, o ensino brasileiro se tornará mais atrativo aos adolescentes e poderá impedir o problema da evasão escolar. É necessário também que o Ministério da Educação invista em tecnologia através de verbas públicas para tornar menos desigual a educação. Assim, o ensino será mais justo e igualitário para que todos desfrutem dos benefícios tecnológicos originados na Revolução Industrial. Destacando alguns pontos, os governantes em especial do Estado de Mato Grosso o atual Mauro Mendes está fazendo um trabalho investindo Tecnologia na educação, porém o desinteresse está nos estudantes

Introdução



A tecnologia é importante na educação devido a sua capacidade de proporcionar oportunidades de aprendizagem inovadoras e acessíveis. Assim, ela permite que os educadores criem ambientes de ensino mais dinâmicos, interativos e personalizados. Ao incorporar a tecnologia na educação, amplia-se o potencial de transformar o processo de aprendizagem, tornando-o mais envolvente, acessível e adaptado às necessidades individuais dos alunos. No entanto, nem tudo são flores, e o uso de sistemas digitais impõe alguns desafios aos alunos e profissionais da educação. A importância desse recurso na educação é importante pois a sua capacidade de proporcionar oportunidades de aprendizagem inovadoras e acessíveis. Assim, ela permite que os professores produzam um espaço de ensino com evolução, interativos e personalizados. Ao incorporar esse mecanismo na educação, amplia-se o potencial de transformar o processo de aprendizagem, tornando-o mais envolvente, acessibilidade e adaptável às necessidades individuais dos alunos. A instituição educacional EE PROFESSORA ELIZABET EVANGELISTA PEREIRA está situada na região Centro-Oeste e localiza-se no município de Rosário Oeste, seu endereço é RUA C, 43 COHAB VELHA. 78480-000 Rosário Oeste – MT. e pode ser contatada pelo número de telefone/celular (65) 33561859. É um centro educativo do Brasil pertencente à categoria administrativa pública de Tempo Integral desde 2018, uma instituição educativa Urbana, sua dependência administrativa é estadual e está regulado pelo Conselho de Educação. Esse centro educacional tem diferentes etapas e modalidades de ensino, como Ensino Médio, e tem Entre 180 e 210 matrículas de escolarização. As escolas do Brasil em Rosário Oeste são o palco onde sonhos são desenhados e realidades são forjadas; um lugar onde cada lição é um passo em direção a um

amanhã mais brilhante e promissor. A escola mantém um calendário acadêmico estruturado para garantir a educação pontual e eficaz de todos os alunos brasileiros, promove uma comunicação constante entre os professores, alunos e pais, melhorando assim o processo educacional, dedica-se a oferecer uma experiência educacional de qualidade, focada nas necessidades de cada aluno do Brasil, orgulha-se de ter uma equipe de profissionais totalmente qualificados e com vasta experiência na entrega de uma educação abrangente, compromete-se a atingir os objetivos de aprendizagem estabelecidos, garantindo que todos O uso das tecnologias é de grande valor junto ao contexto educacional, agregando dentro do processo ensino aprendizagem, haja vistas, que em pleno século XXI, já não é mais novidade para quase ninguém, ainda que lamentavelmente, muitos ainda não podem ter acessos, devido condições sociais e faltas de certas políticas públicas que abrigue a esses. Nos últimos anos, a da tecnologia no setor educacional tornou-se um fenômeno global e inegável. Se outrora o quadro negro, o giz e o livro didático eram os pilares da educação, hoje, dispositivos digitais, plataformas interativas e recursos online constituem ferramentas essenciais para o aprendizado moderno. No entanto, enquanto a tecnologia abre portas para inúmeras oportunidades, também apresenta desafios que precisam ser enfrentados para garantir uma educação equitativa e eficaz para todos. A era digital trouxe consigo uma série de benefícios para o campo educacional. A possibilidade de acessar informações de qualquer lugar do mundo, quase instantaneamente, democratizou o conhecimento de maneiras antes inimagináveis. Além disso, softwares educativos personalizam o aprendizado, adaptando-se ao ritmo de cada aluno e potencializando o processo pedagógico. Para os educadores, plataformas online de gestão e planejamento, como os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), transformaram o modo de preparar e ministrar aulas, tornando-as mais interessante, no entanto, nem todos os aspectos da inserção tecnológica na educação são positivos. O abismo digital, que separa aqueles que têm acesso às novas tecnologias daqueles que não têm, ameaça ampliar ainda mais as desigualdades educacionais já existentes. Em regiões mais carentes ou em situações de vulnerabilidade social, a falta de infraestrutura e

recursos tecnológicos dificulta o acesso a uma educação de qualidade. Assim, para maximizar os benefícios da tecnologia na educação, é fundamental que políticas públicas sejam implementadas. Investimentos em infraestrutura, como internet de alta velocidade e dispositivos acessíveis, são essenciais. Além disso, a capacitação de educadores para o uso eficaz das ferramentas digitais é uma etapa crucial para garantir que a tecnologia seja uma aliada, e não um obstáculo, no processo educativo. Em suma, a tecnologia, quando bem utilizada, tem o potencial de revolucionar a educação, tornando-a mais inclusiva, personalizada e engajadora. Contudo, é essencial que se reconheça e combata os desafios que ela apresenta. Afinal, o objetivo final da educação é formar cidadãos críticos, ativos e preparados para os desafios do século XXI, e a tecnologia deve ser uma aliada ferramenta para alcançar essa meta.

os alunos atinjam seu potencial máximo e promove práticas ecológicas e sustentabilidade em sua comunidade educacional, incentivando a consciência ambiental entre os alunos.

Objetivo

A presente pesquisa tem como objetivo retratar a Novos Horizontes na Educação Pública tendo como aliada as Tecnologias Digitais no Impacto Social, e também como isto pode influenciar e alterar os parâmetros das metodológicas do ensino.

Referencial Teórico

A importância da Tecnologia na escola

Nos tempos atuais, pessoas que vivem às margens da sociedade informatizada têm maior dificuldade, ou até mesmo sentem-se impedidas para executar algumas tarefas tornadas mais simples pelo uso de serviços baseados em novas tecnologias. Numa época como a que vivemos, a exclusão

digital tem grande impacto na vida destas pessoas, que por inúmeros motivos não utilizam tais tecnologias. Pode-se citar como exemplo um fato simples e corriqueiro que ocorre quando se tenta obter uma colocação profissional e é exigido um conhecimento mínimo em informática. A impossibilidade da utilização da Internet priva algumas comunidades da obtenção de maior conhecimento e troca de informações, o que as enriqueceria cultural, social e economicamente (ARAS, 2004). A tecnologia na educação, quando usada da forma correta, torna-se uma ferramenta indispensável para o desenvolvimento de nossas crianças e adolescentes. Por meio dela, os alunos podem acessar conteúdos relevantes, mergulhar em um universo de novos conhecimentos e manter uma proximidade muito maior com os educadores. A tecnologia também facilita o aprendizado, que passa a ser personalizado, e ajuda professores e professoras a criar seus planos de aula. As restrições da pandemia da COVID-19 mostraram quão importante é o papel da tecnologia na educação, uma vez que as aulas só foram possíveis por causa dos recursos tecnológicos. Por exemplo, a tecnologia pode ajudar a personalizar a aprendizagem, permitindo que os alunos aprendam no seu próprio ritmo e de acordo com suas necessidades individuais. Ela também pode aumentar o engajamento dos alunos, tornando a aprendizagem mais interessante e relevante para eles. Assim, o objetivo do componente Tecnologia e Inovação é compreender como articular as Tecnologias Digitais da Informação e da Comunicação, Letramento digital e Pensamento Computacional para ampliar perspectivas de ensino e aprendizagem relacionando a tecnologia e inovação aos demais componentes curriculares. Além de trazer leveza às aulas, no ensino complementar, a tecnologia melhora o aprendizado e estimula a criatividade e a expressão de crianças e adolescentes. Há outros complementos tecnológicos que permitem uma maior interatividade dos estudantes, assim como garantem um alinhamento de acordo com cada perfil. O objetivo principal tanto da tecnologia quanto da inovação é articular recursos e ideias para melhorar substancialmente um processo ou produto. Além disso, buscar o aperfeiçoamento e valorização do capital humano e financeiro de uma companhia. Acesso amplo à informação. A tecnologia também é responsável

por trazer novos conteúdos e informações como nenhuma outra geração teve acesso. Isso permite que as crianças possam explorar novas áreas de conhecimento para começar a identificar quais delas apresentam mais ou menos interesse. O avanço das tecnologias de informação possibilitou a criação de ferramentas que podem ser utilizadas pelos professores em sala de aula, o que permite maior disponibilidade de informação e recursos para o educando, tornando o processo educativo mais dinâmico, eficiente e inovador. A inserção de tecnologias digitais no ambiente educacional possibilitou a criação de um espaço de aprendizado mais dinâmico e interativo. Plataformas de aprendizagem online, softwares educacionais, realidade virtual e aumentada, e recursos multimídia, tornaram-se ferramentas fundamentais para o ensino. Informações da sala de aula integrada aos processos de gestão; Redução da evasão escolar; Fidelização dos alunos; Otimização da experiência do aluno. Dentro da escola, a inovação tecnológica transforma a maneira de ensinar e aprender, além de facilitar os processos gerenciais, dando suporte para gestão escolar eficiente com dados integrados e que auxiliam na tomada de decisão estratégica. Tecnologia e inovação proporcionam melhores condições para aperfeiçoar os processos e ampliar a qualidade em todos os sentidos. Além disso, reduzir custos, potencializar o desempenho das equipes e alavancar a competitividade. A disponibilidade de tecnologia em sala de aula em sala de aula, propõe uma aula mais dinâmica e como ferramenta, tais como: exibir um vídeo; aplicar um questionário online; passar um game educativo; acompanhar a leitura de um e-book; montar um robô com os estudantes; supervisionar a resolução de exercícios em uma plataforma digital de aprendizagem; na plataforma plural resolver atividades propostas e pedir para os alunos pesquisarem sobre um tema. “A contribuição da tecnologia é possibilitar ao professor conhecer melhor cada aluno e ser capaz de oferecer, mesmo trabalhando com grupos grandes, experiências de aprendizagem que atendam diferentes necessidades e ritmos de aprendizagem”. (REVISTA EDUCAÇÃO, 2020). A tecnologia é um conjunto de técnicas, habilidades e instrumentos para transformar materialmente o meio ambiente. Ou seja, ela é um meio. A inovação é a criação de algo novo, uma nova solução para um

velho problema. Você pode melhorar processos e produtos com e sem a tecnologia. O uso da tecnologia na educação, com recursos em sala de aula, pode estimular a criatividade, o raciocínio lógico, a colaboração, a capacidade de pesquisa e outras competências importantes para o mundo contemporâneo, para entender as tendências e desenvolver as habilidades para o futuro. A tecnologia na educação, quando usada da forma correta, torna-se uma ferramenta indispensável para o desenvolvimento de nossas crianças e adolescentes. Por meio dela, os alunos podem acessar conteúdos relevantes, mergulhar em um universo de novos conhecimentos e manter uma proximidade muito maior com os educadores. O papel da tecnologia no processo de aprendizagem é ampliar o acesso ao conhecimento e disponibilizar recursos interativos e personalizados, tornando o aprendizado um processo ativo, no qual o aluno é o próprio responsável pela aquisição de conhecimento. Ela facilita a aquisição de conhecimento e é possível inovar na forma de passar o conteúdo, e também em aplicar metodologias ativas. Assim, é possível sair do padrão de simplesmente passar um conteúdo no quadro ou enviar um texto para que os alunos leiam e apresentem algo.

Novos horizontes na escola com a tecnologia:

Abrindo portas para o futuro e transformando a sociedade

A educação se encontra em um momento crucial de transformação, impulsionada pelo poder da tecnologia. Essa aliança estratégica abre um leque de oportunidades para reimaginar o ensino e a aprendizagem, expandindo horizontes e promovendo um impacto social positivo e duradouro. Ampliando o Acesso à Educação: A tecnologia derruba barreiras físicas e democratiza o acesso ao conhecimento. Através de plataformas online, cursos à distância e ferramentas interativas, alunos de diferentes origens, localizações e realidades socioeconômicas podem ter acesso a uma educação de qualidade, independentemente de suas circunstâncias. Essa inclusão digital promove a equidade e garante que todos tenham as mesmas chances de sucesso; personalizando a Aprendizagem: A tecnologia permite personalizar o

aprendizado, atendendo às necessidades e estilos de aprendizagem individuais de cada aluno. Através de ferramentas de inteligência artificial e análise de dados, é possível identificar pontos fortes e fracos, adaptar o ritmo das aulas e oferecer conteúdo personalizados. Essa abordagem garante um aprendizado mais significativo e engajador, respeitando o ritmo único de cada estudante;

Estimulando a Criatividade e a Inovação: A tecnologia abre um mundo de possibilidades para estimular a criatividade e a inovação nas escolas. Ferramentas digitais como softwares de design, realidade virtual e gamificação permitem que os alunos explorem sua criatividade, resolvam problemas de forma inovadora e desenvolvam habilidades essenciais para o século XXI. Essa abordagem prepara os jovens para os desafios e oportunidades do mercado de trabalho em constante mutação;

Colaboração e o Trabalho em Equipe: A tecnologia facilita a colaboração e o trabalho em equipe entre alunos, professores e a comunidade escolar. Plataformas online e ferramentas de comunicação permitem que os alunos trabalhem juntos em projetos, compartilhem ideias e aprendam uns com os outros. Essa interação promove o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como comunicação, empatia e trabalho em equipe, essenciais para o sucesso na vida pessoal e profissional;

Conectando a Escola com a Comunidade: A tecnologia conecta a escola com a comunidade, abrindo um canal de comunicação bidirecional. Através de redes sociais, plataformas online e eventos virtuais, pais, responsáveis e membros da comunidade podem se manter informados sobre as atividades escolares, participar de eventos e contribuir para o processo de aprendizagem. Essa conexão fortalece o senso de comunidade e colaboração entre a escola e o seu entorno;

Preparando para o Futuro: A educação do século XXI precisa preparar os alunos para os desafios e oportunidades de um mundo em constante transformação. A tecnologia, nesse contexto, é uma ferramenta essencial para desenvolver as habilidades necessárias para o sucesso na vida: pensamento crítico, resolução de problemas, comunicação, colaboração, criatividade e adaptabilidade. Ao integrar a tecnologia de forma estratégica no ensino, as escolas garantem que seus alunos estejam preparados para enfrentar os desafios do futuro e

contribuir para uma sociedade mais justa, próspera e sustentável. A aliança entre tecnologia e educação abre um universo de possibilidades para transformar a forma como ensinamos e aprendemos. Ao utilizarmos a tecnologia de forma estratégica e responsável, podemos ampliar o acesso à educação, personalizar a aprendizagem, estimular a criatividade, promover a colaboração, conectar a escola com a comunidade e preparar os alunos para o futuro. Essa união é fundamental para construir uma sociedade mais justa, equitativa e próspera, onde todos tenham as mesmas oportunidades de alcançar seus sonhos.

Tecnologias digitais: Aliadas na Educação Escolar



Na educação do século XXI, a revolução digital trouxe consigo uma transformação significativa na maneira como aprendemos e ensinamos. Nesse contexto, os e-books emergem como ferramentas versáteis, oferecendo uma experiência na educação que está em constante evolução e à medida que o uso da tecnologia na escola se torna uma parte cada vez mais integrada na vida de alunos e professores. A educação está em constante evolução e à medida que o uso da **tecnologia na escola** se torna uma parte cada vez mais integrada na vida de alunos e professores, sua influência no ambiente educacional também cresce. A educação já utiliza ferramentas digitais de diversas maneiras, mas essa evolução está ganhando novos contornos. Portanto, é crucial estar atento às tendências que moldarão o cenário educacional em 2024. Como gestor escolar ou educador, é essencial acompanhar de perto essas tendências, pois elas não apenas transformam como ensinamos e aprendemos, mas também abrem **novas possibilidades para o desenvolvimento dos estudantes**. Por isso, neste artigo, exploraremos as principais tendências de tecnologia na escola que merecem a sua atenção em 2024. Começaremos com a aprendizagem interativa e a gamificação, uma combinação inovadora que engaja os alunos de maneira

envolvente e divertida. As tecnologias digitais estão transformando rapidamente o cenário educacional, oferecendo novas ferramentas e recursos para o ensino e a aprendizagem. Quando integradas de forma eficaz à prática pedagógica, as tecnologias digitais podem, trazer benefícios para os alunos com uma aprendizagem Ativa e Interativa através de jogos educativos, simulações e vídeos podem tornar as aulas mais dinâmicas e envolventes, estimulando a participação e o interesse dos alunos. As ferramentas digitais permitem que os alunos explorem conceitos de forma autônoma e personalizada, promovendo a aprendizagem ativa além disso tendo acesso à informação, podendo afirmar que a internet oferece uma vasta gama de recursos educacionais, como artigos, vídeos, livros digitais e plataformas de aprendizagem online. Os alunos podem acessar essas informações de forma rápida e fácil, ampliando seu conhecimento além dos limites do currículo tradicional. A individualidade do aprendizado nas tecnologias digitais possibilita a criação de planos de ensino personalizados, atendendo às necessidades e estilos de aprendizagem individuais e os alunos podem progredir em seu próprio ritmo e receber feedback imediato sobre seu desempenho. A evolução de habilidades digitais com o uso das tecnologias digitais na escola prepara os alunos para o futuro, desenvolvendo habilidades essenciais para a sociedade atual, como: pensamento crítico e resolução de problemas, comunicação e colaboração online e criatividade e inovação e visando benefícios para professores no planejamento e organização e sendo como ferramentas digitais que podem auxiliar nas de aulas, gerenciamento de tarefas e comunicação com os alunos e pais. Nas Plataformas online permitem a criação e compartilhamento de materiais didáticos, facilitando a colaboração entre professores. As tecnologias digitais oferecem recursos para avaliar o progresso dos alunos de forma mais abrangente e personalizada. O feedback pode ser fornecido de forma imediata e interativa, permitindo que os alunos identifiquem suas áreas de melhoria. Contribui para o desenvolvimento profissional e com o Projeto de Vida Diversos e também nos cursos e treinamentos online estão disponíveis para auxiliar os professores a integrarem as tecnologias digitais em suas práticas pedagógicas e comunidades online de educadores permitem a troca de experiências e boas

práticas. Sendo assim, ao integrar as tecnologias digitais de forma consciente e estratégica, as escolas podem promover uma educação mais dinâmica, engajadora e eficaz, preparando os alunos para os desafios do século XXI. Podemos estabelecer uma integração estratégica das Tecnologias Digitais para que alcancem seu pleno potencial na educação, é fundamental que sua integração seja realizada de forma estratégica, considerando:

- Capacitação de Professores:** É essencial oferecer treinamento adequado aos professores para que se sintam confortáveis e preparados para utilizar as tecnologias digitais em sala de aula.
- Infraestrutura Adequada:** As escolas precisam ter acesso à internet banda larga e dispositivos digitais em quantidade suficiente para atender às necessidades dos alunos e professores.
- Planejamento Pedagógico Integrado:** As tecnologias digitais devem ser utilizadas em conjunto com métodos tradicionais de ensino, como aulas expositivas, debates e atividades em grupo.
- Avaliação e Monitoramento:** É importante avaliar o impacto das tecnologias digitais na aprendizagem dos alunos e fazer ajustes contínuos na sua implementação.

Ao integrar as tecnologias digitais de forma consciente e estratégica, as escolas podem promover uma educação mais dinâmica, engajadora e eficaz, preparando os alunos para os desafios do século XXI. Esta pesquisa visa explorar os novos horizontes da educação pública e sua pesquisa visa explorar os novos horizontes da educação pública com o apoio das tecnologias digitais e seu impacto social. também analisaremos como isso pode influenciar e alterar as metodologias de ensino. com o apoio das tecnologias digitais e seu impacto social, também analisaremos como isso pode influenciar e alterar as metodologias de ensino.

Da pedra ao silício

Tecnologia Primitiva

As primeiras ferramentas eram feitas de pedra, madeira e osso - instrumentos simples, mas essenciais para a sobrevivência e desenvolvimento da humanidade.

Revolução Industrial

A introdução de máquinas a vapor e outras inovações transformou a maneira como as pessoas viviam, trabalhavam e aprendiam.

Era Digital

O advento dos computadores, internet e smartphones revolucionou o ensino, permitindo acesso instantâneo a informações e novas formas de aprendizagem.



Ferramentas que inspiram

Projetores

Permitem apresentar conteúdo de forma interativa e visual, enriquecendo as aulas.

Tablets e Laptops

Facilitam o acesso a recursos digitais e a colaboração entre alunos e professores.

Realidade Virtual

Transporta os estudantes para ambientes simulados, amplificando a experiência de aprendizagem.

Tecnologia e Engajamento

Interatividade

Ferramentas tecnológicas tornam as aulas mais envolventes, estimulando a participação ativa dos alunos.

Feedback Imediato

Aplicativos e plataformas proporcionam avaliações e retornos instantâneos, permitindo ajustes no processo de aprendizagem.

Personalização

Tecnologias adaptativas personalizam o conteúdo e o ritmo de acordo com as necessidades individuais de cada estudante.

Colaboração

Ferramentas de comunicação e compartilhamento facilitam o trabalho em equipe e a troca de ideias entre alunos.

Abrindo caminhos para um futuro brilhante na tecnologia da informação

A tecnologia educacional se consolida como uma aliada poderosa na jornada do conhecimento, abrindo portas para um futuro promissor na educação. Através da integração estratégica de ferramentas digitais, o aprendizado se transforma em uma experiência mais dinâmica, personalizada e engajadora, preparando os alunos para os desafios e oportunidades do mundo em constante transformação. Criamos um ambiente propício para o desenvolvimento de habilidades essenciais para o século XXI, como pensamento crítico, criatividade, colaboração e resolução de problemas. Empoderamos os alunos para que se tornem protagonistas de sua própria aprendizagem, construindo seu conhecimento de forma autônoma e significativa. Pelo contrário, ela o complementa e o torna um facilitador do processo de aprendizagem. Cabe ao professor mediar o uso das ferramentas digitais, garantir a qualidade dos conteúdos e criar um ambiente de aprendizagem seguro e acolhedor. É fundamental que governos, instituições de ensino, professores, pais e alunos trabalhem juntos para construir um futuro educacional mais promissor, onde a tecnologia seja utilizada de forma responsável e ética, sempre em prol do desenvolvimento humano integral. Adotar uma visão estratégica alinhada com as metas institucionais é fundamental para orientar a integração da tecnologia na educação. O investimento contínuo em infraestrutura, capacitação docente e recursos digitais é essencial para manter a relevância e a eficácia da tecnologia no processo educacional. A constante adaptação às tendências e inovações tecnológicas, aliada a uma mentalidade aberta à mudança, permitirá que a escola acompanhe as necessidades dos alunos e prepare-os para o futuro. Os alunos devem ser capacitados a utilizar diversas ferramentas e plataformas digitais, desenvolvendo habilidades essenciais para a vida e o trabalho no século 21. Sistemas adaptativos e agentes virtuais personalizarão ainda mais a experiência de aprendizagem. Ambientes de simulação imersivos transformarão a forma como os alunos exploram novos conceitos. Plataformas

online permitirão uma educação de qualidade, acessível a estudantes de qualquer lugar.

Sobre os desafios da desigualdade digital no acesso à tecnologia na escola



A desigualdade digital representa um dos maiores desafios para a implementação da tecnologia na educação. A falta de acesso a computadores, tablets e internet de qualidade em muitas escolas e domicílios impede que

todos os alunos tenham as mesmas oportunidades de aprendizado. Essa disparidade agrava as diferenças sociais e dificulta a inclusão de todos os estudantes no processo educacional, exigindo políticas públicas e investimentos em infraestrutura tecnológica para garantir o acesso equitativo à educação digital. A integração da tecnologia na educação, embora promissora, revela um desafio crucial a disparidade no acesso a recursos tecnológicos entre diferentes grupos sociais impacta significativamente a qualidade da educação e as oportunidades de aprendizado. Tendo como principais desafios o acesso desigual a dispositivos que nem todos os estudantes possuem computadores, tablets ou smartphones em casa, limitando seu acesso a plataformas de ensino online e recursos digitais; a falta de acesso à internet de qualidade em muitas regiões e domicílios impede que os alunos participem de atividades online e realizem pesquisas; mesmo com acesso a dispositivos e internet, muitos estudantes e professores não possuem as habilidades digitais necessárias para utilizar as ferramentas tecnológicas de forma eficaz; a aquisição e manutenção de equipamentos e softwares podem ser um custo elevado para as escolas, especialmente as públicas, dificultando a implementação de projetos tecnológicos e muitas escolas não possuem a

infraestrutura adequada para o uso de tecnologias digitais, como laboratórios de informática equipados e conexão à internet estável.

Consequências da desigualdade digital

A internet e as tecnologias digitais têm papel fundamental na vida das pessoas, seja para comunicação, trabalho, lazer, educação, entre outras atividades. No entanto, a dependência digital pode levar a depressão, ansiedade, sedentarismo, isolamento social, problemas posturais e de autoestima.



Ela traz inúmeras vantagens, como a facilidade na comunicação, melhoria na qualidade de vida e aumento da produtividade. No entanto, também pode ter um impacto negativo, como o aumento da dependência digital, a disseminação de informações falsas e a ameaça a privacidade dos indivíduos. Atualmente, as consequências da exclusão social acentuam a desigualdade tecnológica e dificultam o acesso ao conhecimento, aumentando o abismo entre ricos e pobres. Isso se deve, em grande parte, ao fator renda (SPAGNOLO, 2003). O retrato da exclusão digital na sociedade brasileira A exclusão digital vem ganhando destaque nos últimos anos. As atenções começam a se voltar para este assunto, que já é visto como causa e consequência da exclusão em nossa sociedade. O Brasil é palco de desigualdades que criam uma demanda por políticas de transferência e geração de renda. Porém, não basta disponibilizar os meios; é importante mostrar às pessoas como as tecnologias podem contribuir para suas tarefas e atividades, trazendo conhecimento e novas oportunidades. Este trabalho, baseado em pesquisa bibliográfica reflexiva e qualitativa, aborda aspectos que estão normalmente associados com a exclusão digital, como a exclusão social, a sociedade do conhecimento, o e-gov e a economia contemporânea, dentre outros, além de fatores que devem

ser levados em consideração para elaboração de políticas de combate à exclusão digital. Como resultado desta reflexão, identificam-se algumas das reais consequências e o significado da exclusão digital na sociedade brasileira. O fator motivador deste trabalho foi a observação dos impactos que a tecnologia da informação exerce sobre o trabalho e a vida dos cidadãos brasileiros. Podendo observar que essa facilidade gera benefícios imediatos, como a agilidade nas comunicações e um maior acesso à informação. Além disso, há também o aumento na movimentação da economia e nos hábitos de consumo, com produtos digitais a preços mais acessíveis e maior variedade de ofertas. As TIC (Tecnologias da Informação e a Comunicação) oferecem inúmeras vantagens: mais acesso à informação, redução de custos no setor trabalhista, mais conectividade entre as pessoas, etc. Porém, a digitalização não está acontecendo de forma igualitária em todo o mundo. Também existe um desequilíbrio e o nome para isto é exclusão digital. O estudo aponta que o abismo digital no Brasil pode ter consequências graves para o futuro do país. A falta de acesso à internet pode limitar o desenvolvimento econômico e social do país, além de aumentar as desigualdades sociais. Para superar a desigualdade digital na educação, é necessário um esforço conjunto de governos, escolas, empresas e sociedade civil. Algumas medidas que podem ser adotadas incluem: Expansão do acesso à internet: Investimento em infraestrutura para levar a internet a todas as escolas e comunidades. Doação de equipamentos: Campanhas de doação de computadores e tablets para escolas e estudantes carentes. Programas de formação: Oferecimento de cursos de formação para professores e estudantes, visando desenvolver habilidades digitais. Criação de políticas públicas: Implementação de políticas públicas que incentivem o uso da tecnologia na educação e garantam o acesso equitativo a todos os estudantes. Parcerias com empresas: Estabelecimento de parcerias com empresas de tecnologia para o desenvolvimento de soluções educacionais acessíveis e eficazes. Ao enfrentar os desafios da desigualdade digital, é possível garantir que todos os estudantes tenham acesso a uma educação de qualidade e as mesmas oportunidades de desenvolvimento.

Consequências da exclusão digital

A discriminação tecnológica constitui uma forma de pobreza e exclusão social ao privar uma parte da população de recursos essenciais para se desenvolver e gerar riqueza. Pudemos ver isso com frequência durante a pandemia da COVID-19. Muitos estudantes e trabalhadores tiveram dificuldades para trabalhar remotamente e seguir suas aulas online. Barreira ao estudo e ao conhecimento. A crise do coronavírus mostrou os efeitos da exclusão digital na educação: professores e alunos à margem por não terem acesso à tecnologia e às competências digitais suficientes. Também aumenta a ignorância ao limitar o acesso ao conhecimento. Ampliação das desigualdades sociais: A falta de acesso à tecnologia agrava as desigualdades sociais existentes, limitando as oportunidades de aprendizado e dificultando a ascensão social dos estudantes de baixa renda; Dificuldade em acompanhar o ritmo das aulas: Os estudantes sem acesso à tecnologia em casa podem ter dificuldades em acompanhar o conteúdo das aulas, realizar atividades online e interagir com os colegas e professores. Desigualdade de oportunidades: A falta de acesso à tecnologia limita as oportunidades de os estudantes desenvolverem habilidades digitais essenciais para o mercado de trabalho. Dificuldade em encontrar empregos: A falta de habilidades digitais pode dificultar a inserção dos jovens no mercado de trabalho, que cada vez mais demanda profissionais com competências tecnológicas.

Superando os desafios:



A dinâmica de ensino e aprendizado nas escolas mudou muito, conforme as ferramentas digitais foram

incorporadas no dia a dia da sala de aula. E como qualquer novidade, essa mudança trouxe também os desafios do uso da tecnologia na educação. A evolução da tecnologia, dos serviços de internet e dos dispositivos móveis (smartphones, notebook e tablets) nos aproximou da transformação digital, que vem modificando nossas relações e interações com diversos setores. Na educação, as novas ferramentas permitiram melhorar a dinâmica de ensino em sala de aula, a participação dos alunos, os trabalhos em equipe, as habilidades técnicas e pedagógicas dos professores e muito mais. Dar atenção a esses pontos permite superá-los, encontrando ferramentas que ajudem a eliminar essas brechas, mantendo toda comunidade escolar alinhada com o propósito de aprender, mas se por um lado existem todos esses benefícios, por outro, os desafios do uso da tecnologia na educação colocam os métodos pedagógicos em teste. Mesmo com a tecnologia ganhando espaço nas escolas, existem uma série de fatores que devem ser considerados na sua implementação como custo, facilidade de uso, contratação de suporte, uso adequado etc. Os desafios mais comuns que as instituições vivenciam no uso das novas tecnologias da educação sendo que no momento, educadores inovadores se debruçam para eleger soluções que permitam atividades diferentes on-line e contorne o mau uso da tecnologia. Eles buscam complementar o ensino e simultaneamente oferecem informações relevantes sobre o aprendizado do aluno. A sala de aula hoje é qualquer lugar, ou seja, quando está conectado nos momentos de estudo ou quando está realizando tarefas de aprendizagem, o aluno também está tendo aula. Aula não é mais apenas quando o professor está transmitindo conteúdo. Não se trata de colocar em prática todas as tecnologias, mas sim da tecnologia mais adequada ao momento de cada aluno e turma. Não se trata de reproduzir a sala de aula através da tela do computador, mas sim de reproduzir experiências de aprendizagem por meio de softwares, plataformas e soluções em que o aluno realiza tarefas de escrita e leitura, por exemplo, complementa seu aprendizado e gera informações relevantes para o professor. Um dos primeiros desafios do uso da tecnologia na educação é o mau uso das ferramentas pelos alunos. Ver os computadores e smartphones como meios de aprendizado e não de entretenimento é um

desafio comum nos momentos iniciais de introdução da tecnologia. A implantação de um ambiente ou plataforma de comunicação e aprendizagem é uma solução, pois possuem recursos que bloqueiam as distrações. Um exemplo de dispositivo que auxilia a contornar esse desafio é o Chromebook. O aparelho é um computador voltado para uso educacional, que pode ser conectado ao sistema Google for Education (serviço pago do Google). O device integra os alunos com os professores e com o sistema de gestão escolar digital da instituição. Assim, os alunos só conseguem fazer uso dos recursos permitido pelo administrador do sistema. O professor também tem acesso a bloqueios temporários, para limitar o acesso dos alunos durante as aulas, trazendo o foco para o conteúdo.

Instigar e oportunizar a aprendizagem contemporânea

Nos últimos anos, a inclusão da tecnologia no âmbito educacional tornou-se um fenômeno mundial e inegável. Se antigamente o quadro negro, o giz e o livro didático eram os pilares da educação, hoje, mecanismo digitais, plataformas interativas e recursos online constituem ferramentas importantes para o aprendizado no tempo atual. Apesar, da tecnologia abrir as portas para inúmeras oportunidades, também apresenta obstáculos que precisam ser resistentes para garantir uma educação igualitária e eficaz para todos. No mundo digital trouxe consigo uma série de benefícios para o ramo educacional. A possibilidade de conectar informações de qualquer lugar do mundo, quase instantaneamente, popularizou o conhecimento de maneiras inéditas. Além disso, softwares educativos personalizam o aprendizado, adaptando-se ao ritmo de cada estudantes e aprimorando o processo pedagógico. Para os educadores, plataformas online de gestão e planejamento, como os Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), modificando o modo de preparar e ministrar aulas, tornando-as mais interativas e engajadoras. A educação contemporânea é formada por diferentes abordagens de ensino adaptadas às transformações sociais, tecnológicas e culturais atuais e levar a realidade — tanto a tecnologia

quanto os desafios — para dentro das aulas. Abordar os temas que fazem parte da vida dos alunos e ajudá-los a se desenvolver nesse mundo. Ou seja: é quebrar o muro imaginário entre os mundos “lá fora” e “aqui dentro”. Baseada na participação ativa dos alunos, essa abordagem promove uma aprendizagem significativa, colaborativa, crítica e personalizada. De modo que, nem todos as particularidades da implantação tecnológica na educação são otimistas. O abismo digital, que separa aqueles que têm acesso às novas tecnologias daqueles que não têm, ameaça ampliar ainda mais as desigualdades educacionais já existentes. Em regiões mais carentes ou em situações de vulnerabilidade social, a falta de infraestrutura e recursos tecnológicos dificulta o acesso a uma educação de qualidade. Outrossim, a dependência da tecnologia pode implicar as habilidades primordiais, como a capacidade de concentração e a interação humana. Sendo assim, para maximizar os benefícios da tecnologia na educação, é fundamental que políticas públicas sejam implementadas. Investimentos em infraestrutura, como internet de alta velocidade e dispositivos acessíveis, são essenciais. Além disso, a capacitação de educadores para o uso eficaz das ferramentas digitais é uma etapa fundamental para garantir que a tecnologia seja uma aliada, e não um obstáculo, no processo educativo. Enfim, a tecnologia, quando bem aplicada, tem o potencial de revolucionar a educação, tornando-a mais interativa, individualizada e comprometida. Todavia, é importante que se identifique e combata os desafios que ela apresenta. Por fim, o objetivo final da educação é formar cidadãos críticos, ativos e preparados para os desafios do século XXI, e a tecnologia deve ser uma ferramenta para alcançar essa meta. Na educação do século XXI, a revolução digital trouxe consigo uma transformação significativa na maneira como aprendemos e ensinamos. Nesse contexto, os e-books emergem como ferramentas versáteis, oferecendo uma experiência...educação está em constante evolução e à medida que o uso da tecnologia na escola se torna uma parte cada vez mais integrada na vida de alunos e professores. A educação está em constante evolução e à medida que o uso da **tecnologia na escola** se torna uma parte cada vez mais integrada na vida de alunos e professores, sua influência no ambiente educacional também

crece. A educação já utiliza ferramentas digitais de diversas maneiras, mas essa evolução está ganhando novos contornos. Portanto, é crucial estar atento às tendências que moldarão o cenário educacional em 2024. Como gestor escolar ou educador, é essencial acompanhar de perto essas tendências, pois elas não apenas transformam como ensinamos e aprendemos, mas também abrem **novas possibilidades para o desenvolvimento dos estudantes**. Por isso, neste artigo, exploraremos as principais tendências de tecnologia na escola que merecem a sua atenção em 2024. Começaremos com a aprendizagem interativa e a gamificação, uma combinação inovadora que engaja os alunos de maneira envolvente e divertida. As tendências em tecnologia educacional promovem um maior engajamento, personalização e imersão para os alunos, por isso, devem ser acompanhadas no próximo ano letivo.

Sobre o papel do professor como mediador tecnológico



O professor desempenha um papel fundamental como mediador tecnológico, orientando os alunos na utilização das ferramentas digitais e garantindo que a tecnologia seja utilizada de forma eficaz para o aprendizado. Além de dominar as ferramentas digitais, o professor precisa ser capaz de criar atividades pedagógicas inovadoras que integrem a tecnologia ao currículo escolar. A formação continuada dos professores é essencial para que eles possam acompanhar as constantes mudanças tecnológicas e desenvolver as competências necessárias para atuar como mediadores pedagógicos nesse novo contexto. Para o professor é um papel essencial na educação contemporânea: Com a crescente integração da tecnologia nas escolas, o papel do professor evoluiu significativamente. Ele deixou de ser apenas o transmissor de conhecimento para se tornar um mediador tecnológico, guiando os alunos na navegação pelo

mundo digital e auxiliando-os a desenvolver as habilidades necessárias para o século XXI. O professor atua como facilitador, promovendo a autonomia dos alunos na busca por conhecimento e incentivando a aprendizagem ativa. Ele auxilia na escolha das ferramentas digitais mais adequadas para cada atividade, ensinando os alunos a utilizá-las de forma eficiente e eficaz; O professor orienta os alunos na utilização das diversas plataformas e recursos digitais, esclarece dúvidas e oferece suporte técnico quando necessário. Ele também ensina os discentes a buscar informações de forma crítica e a avaliar a confiabilidade das fontes; O docente estimula a colaboração entre os alunos através de atividades online, fóruns de discussão e projetos em grupo, promovendo a troca de ideias e o desenvolvimento de habilidades sociais; O educador serve como modelo para os estudantes, demonstrando o uso das tecnologias digitais em sala de aula e incentivando a utilização dessas ferramentas em outras áreas da vida; O mediador cria atividades pedagógicas inovadoras que integram a tecnologia ao currículo escolar, tornando o aprendizado mais engajador e relevante para os alunos. A formação continuada de professores é um processo fundamental para a melhoria da qualidade do ensino e para a adaptação dos educadores às constantes mudanças do mundo contemporâneo, especialmente no que diz respeito à tecnologia e às novas demandas da sociedade. O mundo está em constante evolução, e a educação precisa acompanhar essa dinâmica. A formação continuada permite que os professores se atualizem sobre as novas tendências pedagógicas, as tecnologias educacionais e os conteúdos mais relevantes para os alunos. Ao participar de cursos e workshops, boas práticas promovidas pela SEDUC-MT os professores podem adquirir novas habilidades e estratégias de ensino, tornando suas aulas mais dinâmicas, engajadoras e eficazes. A digital está cada vez mais presente nas escolas, e os professores precisam estar preparados para utilizá-la como ferramenta de ensino. A formação continuada oferece a oportunidade de aprender a utilizar as diversas ferramentas digitais disponíveis. A formação continuada contribui para o desenvolvimento profissional dos professores, estimulando a reflexão sobre a prática pedagógica e o aprimoramento de suas competências. Os cursos oferecidos pelo Estado

de Mato Grosso para professores na Plataforma do AVADEF para contribuir com o conhecimento, evolução tecnológico e adquirir experiências. As necessidades dos alunos estão em constante mudança. A formação permite que os professores se adaptem a essas necessidades, oferecendo um ensino mais personalizado e relevante. Os benefícios do aperfeiçoamento para os alunos têm uma aprendizagem mais significativa, os discentes adquirem umas novas estratégias para tornar o aprendizado mais significativo e prazeroso para os estudantes. A utilização de novas tecnologias e metodologias de ensino torna as aulas mais interessantes e engajadoras, aumentando o interesse dos alunos. A formação continuada prepara os professores para desenvolver nas crianças e adolescentes as habilidades necessárias para o século XXI, como o pensamento crítico, a criatividade, a colaboração e a resolução de problemas. Ao aprender com professores mais bem preparados, os alunos tendem a ter um melhor desempenho acadêmico. Com todas essas formações e informações temos que superar os desafios, tais como: A falta de tempo é um dos principais desafios para a formação continuada dos professores, que já possuem uma carga horária intensa; A oferta de cursos de formação continuada de qualidade e acessíveis pode ser limitada em algumas regiões; alguns professores podem ser resistentes a mudanças e ter dificuldades em adaptar suas práticas pedagógicas. Mas como superar esses desafios? Ter flexibilidade a oferecer cursos de formação continuada em diferentes formatos (presenciais, online, híbridos) e horários, para atender às necessidades dos professores; Estabelecer parcerias com universidades, instituições de pesquisa e empresas para oferecer cursos de qualidade e gratuitos ou a baixo custo; Oferecer incentivos financeiros ou outros tipos de reconhecimento aos professores que participam de atividades de formação continuada; Promover uma cultura de valorização da formação continuada nas escolas, incentivando os professores a buscarem o desenvolvimento profissional constante. Resumindo, a formação continuada de professores é um investimento fundamental para a melhoria da qualidade da educação. Ao proporcionar aos professores as ferramentas e o conhecimento necessários para se adaptarem

às mudanças do mundo contemporâneo, a formação continuada contribui para o desenvolvimento de uma educação mais relevante, eficaz e equitativa.

Como as tecnologias estão sendo utilizadas na escola



Sabemos que as tecnologias são de fundamental importância no nosso cotidiano principalmente nos dias de hoje, onde a necessidade de facilidade e conforto de forma prática e dinâmica é uma das características da nossa sociedade moderna dessa forma saber utilizá-la bem se torna uma necessidade. A

educação, assim como a tecnologia é algo construído pelo ser humano e também muito necessário, por isso tentamos ao máximo ligá-las, só que a tecnologia é usada como meio para se construir e adquirir educação. No caso da sala de aula o professor mediador usaria suportes tecnológicos para atrair mais atenção do aluno e instruir de forma lúdica, nessa instrução é dado ao professor um poder enorme, pois ele ganha a autoridade e influência sobre toda uma turma. Assim já dizia Kenski (2007):

“A educação é um mecanismo de articulação das relações entre poder, conhecimento e tecnologias. Desde pequena, a criança é educada em um determinado meio cultural familiar, onde adquire conhecimentos, hábitos, atitudes, habilidades e valores que definem a sua identidade social. A forma como se expressa oralmente, como se alimenta e se veste, como se comporta dentro e fora de casa são resultado do poder em relação aos conhecimentos e ao uso das tecnologias que farão a mediação entre professores, alunos e os conteúdos a serem aprendidos.” (KENSKI, 2007. P.18)

A linguagem possibilita a comunicação, entretenimento e informação assim como muitas máquinas. Só que pelo uso contínuo os seres humanos esquecem que ela também é uma tecnologia criada pelo homem. A cada dia que passa as máquinas e inúmeras tecnologias estão sendo usadas nos ambientes escolares. Sabemos que a dificuldade de lidar com esse novo método de ensino e aprendizagem pode trazer uma série de dificuldades tanto para o professor quanto para o aluno, mas utilizar a tecnologia para educação além de facilitar a aprendizagem de forma dinâmica contribuindo assim para participação desse aluno no meio em que vive, onde a tecnologia tem espaço. Para que serve então uma educação tecnológica? [...] para formar o indivíduo na sua qualidade de pessoa humana, mais crítica e consciente para fazer a história do seu tempo com possibilidades de construir novas tecnologias, fazer uso da crítica e da reflexão sobre a utilização de forma mais precisa e humana, e ter as condições de, convivendo com o outro, participando da sociedade em que vive, transformar essa sociedade em termos mais justos e humanos (GRINSPUN,2001, p. 29).

As tecnologias não resolvem todos os problemas da educação, mas auxiliam nas aulas passando o conteúdo de forma atraente e dinâmica e sociabilizando esse conhecimento. Todavia isso só acontece se forem utilizadas corretamente. Não é a tecnologia que vai resolver ou solucionar o problema educacional no Brasil. Poderá colaborar, no entanto, se for usada adequadamente, para o desenvolvimento educacional de nossos alunos. (MASETTO, 2000, p.139) Isso cabe ao professor mediador desse conhecimento sistematizá-lo e passá-lo de forma pedagogicamente correta, conforme afirma Moran (2000): As tecnologias podem trazer, hoje, dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. O papel do professor – o papel principal – é ajudar o aluno a interpretar esses dados, a relacioná-los, a contextualizá-los. (MORAN, 2000, p.29) Porém ainda existem professores que não sabem o real sentido do uso das tecnologias da comunicação e da informação, pensam que estas servem apenas para distrair a turma, usando esses aparatos tecnológicos para cumprir uma aula mal planejada, não exploram as tecnologias de forma positiva, as tornando uma brincadeira, e não

de forma pedagógica, de forma que o aluno venha a aprender. Tendo isso em vista vem à mente à seguinte indagação será que a tecnologia tem sido usada de forma correta? Será que este uso tem ajudado suficientemente as aulas na escola?

Tecnologias antigas: Relembrando as tecnologias do passado e seu impacto na evolução da sociedade



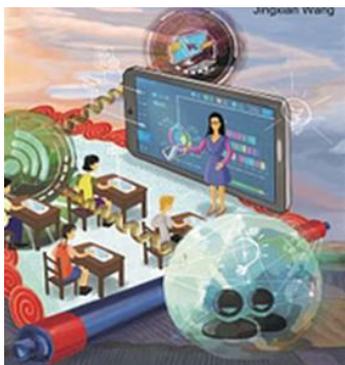
A importância de relembrar as tecnologias do passado

O mundo está em constante evolução tecnológica e, muitas vezes, é fácil esquecer as tecnologias que possibilitaram a construção do presente. As tecnologias antigas foram responsáveis por revolucionar a forma como a humanidade vive e trabalha. Relembrar essas tecnologias é importante para entender o impacto que tiveram na sociedade e

para perceber a importância da inovação no processo de evolução tecnológica. A influência das tecnologias antigas na evolução da humanidade as tecnologias antigas tiveram um papel crucial na evolução da humanidade. Desde a roda, uma das primeiras invenções da história, até a máquina a vapor, as tecnologias do passado possibilitaram o avanço de diversas áreas, como a agricultura, a indústria e o transporte. Além disso, essas tecnologias foram responsáveis por criar novas demandas e ampliar a capacidade produtiva da sociedade. A tecnologia da escrita, por exemplo, possibilitou a criação de registros históricos e a preservação do conhecimento, permitindo que a humanidade aprendesse com os erros e evoluísse. Já a tecnologia da imprensa possibilitou a difusão de informações e ideias, contribuindo para a criação de uma sociedade mais informada e crítica. A roda foi uma das primeiras invenções da história e teve um impacto significativo na forma como a humanidade se desloca e transporta ob-

jetos. A tecnologia do arado possibilitou a produção em larga escala de alimentos, permitindo que as sociedades crescessem e se desenvolvessem. A máquina a vapor foi responsável pelo surgimento da Revolução Industrial, mudando a forma como as indústrias funcionam e aumentando a produção de bens. Outros exemplos de tecnologias antigas são a tecnologia da escrita, que permitiu a preservação do conhecimento e a criação de registros históricos, e a tecnologia da imprensa, que possibilitou a difusão de informações e ideias. Essas tecnologias tiveram um impacto significativo na sociedade e contribuíram para o desenvolvimento humano. Relembrar as tecnologias do passado é importante para entender como a sociedade evoluiu e como as inovações tecnológicas foram fundamentais para esse processo. Além disso, a compreensão do impacto dessas tecnologias pode ajudar a criar soluções tecnológicas mais eficientes e sustentáveis no futuro. Aprendendo com o passado, podemos criar um futuro melhor.

Consequências da desigualdade digital



A internet e as tecnologias digitais têm papel fundamental na vida das pessoas, seja para comunicação, trabalho, lazer, educação, entre outras atividades. No entanto, a dependência digital pode levar a depressão, ansiedade, sedentarismo, isolamento social, problemas posturais e de autoestima. Ela traz inúmeras vantagens, como a facilidade na comunicação, melhoria na qualidade de vida e aumento da produtividade. No entanto, também pode ter um impacto negativo, como o aumento da dependência digital, a disseminação de informações falsas e a ameaça a privacidade dos indivíduos. Atualmente, as consequências da exclusão social acentuam a desigualdade tecnológica e dificultam o acesso ao conhecimento, aumentando o abismo entre ricos e pobres. Isso se deve, em grande parte, ao fator renda (SPAGNOLO, 2003). O retrato da exclusão digital

na sociedade brasileira. A exclusão digital vem ganhando destaque nos últimos anos. As atenções começam a se voltar para este assunto, que já é visto como causa e consequência da exclusão em nossa sociedade. O Brasil é palco de desigualdades que criam uma demanda por políticas de transferência e geração de renda. Porém, não basta disponibilizar os meios; é importante mostrar às pessoas como as tecnologias podem contribuir para suas tarefas e atividades, trazendo conhecimento e novas oportunidades. Este trabalho, baseado em pesquisa bibliográfica reflexiva e qualitativa, aborda aspectos que estão normalmente associados com a exclusão digital, como a exclusão social, a sociedade do conhecimento, o e-gov e a economia contemporânea, dentre outros, além de fatores que devem ser levados em consideração para elaboração de políticas de combate à exclusão digital. Como resultado desta reflexão, identificam-se algumas das reais consequências e o significado da exclusão digital na sociedade brasileira. O fator motivador deste trabalho foi a observação dos impactos que a tecnologia da informação exerce sobre o trabalho e a vida dos cidadãos brasileiros. Podendo observar que essa facilidade gera benefícios imediatos, como a agilidade nas comunicações e um maior acesso à informação. Além disso, há também o aumento na movimentação da economia e nos hábitos de consumo, com produtos digitais a preços mais acessíveis e maior variedade de ofertas. As TIC (Tecnologias da Informação e a Comunicação) oferecem inúmeras vantagens: mais acesso à informação, redução de custos no setor trabalhista, mais conectividade entre as pessoas, etc. Porém, a digitalização não está acontecendo de forma igualitária em todo o mundo. Também existe um desequilíbrio e o nome para isto é exclusão digital. O estudo aponta que o abismo digital no Brasil pode ter consequências graves para o futuro do país. A falta de acesso à internet pode limitar o desenvolvimento econômico e social do país, além de aumentar as desigualdades sociais. Para superar a desigualdade digital na educação, é necessário um esforço conjunto de governos, escolas, empresas e sociedade civil. Algumas medidas que podem ser adotadas incluem: Expansão do acesso à internet: Investimento em infraestrutura para levar a internet a todas as escolas e comunidades. Doação de equipamentos: Campanhas de doação de

computadores e tablets para escolas e estudantes carentes. Programas de formação: Oferecimento de cursos de formação para professores e estudantes, visando desenvolver habilidades digitais. Criação de políticas públicas: Implementação de políticas públicas que incentivem o uso da tecnologia na educação e garantam o acesso equitativo a todos os estudantes. Parcerias com empresas: Estabelecimento de parcerias com empresas de tecnologia para o desenvolvimento de soluções educacionais acessíveis e eficazes. Ao enfrentar os desafios da desigualdade digital, é possível garantir que todos os estudantes tenham acesso a uma educação de qualidade e as mesmas oportunidades de desenvolvimento.

Consequências da exclusão digital

A discriminação tecnológica constitui uma forma de pobreza e exclusão social ao privar uma parte da população de recursos essenciais para se desenvolver e gerar riqueza. Pudemos ver isso com frequência durante a pandemia da COVID-19. Muitos estudantes e trabalhadores tiveram dificuldades para trabalhar remotamente e seguir suas aulas online. Barreira ao estudo e ao conhecimento. A crise do coronavírus mostrou os efeitos da exclusão digital na educação: professores e alunos à margem por não terem acesso à tecnologia e às competências digitais suficientes. Também aumenta a ignorância ao limitar o acesso ao conhecimento. Ampliação das desigualdades sociais: A falta de acesso à tecnologia agrava as desigualdades sociais existentes, limitando as oportunidades de aprendizado e dificultando a ascensão social dos estudantes de baixa renda; Dificuldade em acompanhar o ritmo das aulas: Os estudantes sem acesso à tecnologia em casa podem ter dificuldades em acompanhar o conteúdo das aulas, realizar atividades online e interagir com os colegas e professores. Desigualdade de oportunidades: A falta de acesso à tecnologia limita as oportunidades de os estudantes desenvolverem habilidades digitais essenciais para o mercado de trabalho. Dificuldade em encontrar empregos: A falta de habilidades digitais pode

dificultar a inserção dos jovens no mercado de trabalho, que cada vez mais demanda profissionais com competências tecnológicas.

Falta de conhecimento dos professores sobre tecnologia

Assim como na comunicação, o uso da tecnologia digital na educação é um caminho sem volta. A conectividade aumenta as possibilidades de pesquisa e transforma o aprendizado em uma atividade mais lúdica do que já foi quando o professor tinha apenas a lousa e o giz como recurso. A boa notícia é que as escolas estão mais conectadas do que na época pré-pandemia, mas ainda há desafios a serem vencidos. Um deles tem a ver com a falta de preparo dos professores da rede de ensino Fundamental e Médio no mundo digital. Para a maior parte do corpo docente (75%), falta um curso específico que viabilize conhecimentos de ferramentas digitais que possam ser usadas em classe. Sem o preparo dos professores, mesmo que as escolas estejam mais aptas, a tecnologia acaba não sendo usada como poderia e ser utilizada. A **falta de conhecimento dos professores** sobre como usar ferramenta digitais também é um dos desafios do uso da tecnologia na educação. Muitas escolas ainda não alinham seus processos para integrar a tecnologia de forma prática, capacitando os professores para que eles possam se familiarizar e entender as possibilidades dos novos recursos. Como a realidade profissional de cada professor é diferente, ainda mais em um país grande como o Brasil, os próprios profissionais se empenham em adquirir conhecimento. Além da iniciativa pessoal, soma-se o **serviço de suporte** que os sistemas de gestão escolar oferecem para os professores, ajudando a tirar dúvidas, alterar configurações e assim conhecer melhor as novas ferramentas.

Custo de aquisição de novas tecnologias



O Custo de Aquisição de Tecnologia, também conhecido como CAC (Cost of Acquisition), é um indicador utilizado pelas empresas para mensurar o valor gasto na obtenção de novas tecnologias. é o valor médio gasto para adquirir um novo comprador. Ou seja, trata-se do valor médio investido em todas as etapas da jornada de compra para gerar um lead e conquistar um cliente. O **custo de aquisição** talvez seja um dos desafios do uso da tecnologia na educação que mais impactam as instituições de ensino. Adquirir licenças, equipamentos e ter um profissional de TI para monitorar a rede da escola geram a necessidade de se investir. Mas mesmo com esse desafio, é possível contorná-lo, usando ferramentas gratuitas para aproximar alunos e professores da tecnologia. Alguns exemplos são: criar um blog da turma em uma plataforma gratuita, para os alunos desenvolverem atividades; incluir conteúdos digitais nas aulas como vídeos, podcasts, apresentações, animações, etc. Fazer uma agenda online para compartilhar com a turma os prazos de trabalhos, datas de provas, entregas de trabalho, avisos para os pais, entre outros; usar a versão gratuita de plataformas de educação (o Google for Education tem uma versão gratuita).

Acompanhar a evolução tecnológica

A evolução tecnológica tem transformado rapidamente a forma como vivemos, trabalhamos e aprendemos. No entanto, muitas vezes a educação não acompanha essa evolução e fica defasada em relação às demandas do mundo contemporâneo. É fundamental que a educação seja capaz de acompanhar as mudanças tecnológicas e a velocidade com que as informações acontecem, para preparar os estudantes para enfrentar os desafios do mercado de trabalho e da sociedade em geral. A importância de uma educação conectada com a evolução tecnológica e a velocidade com que as informações acontecem é es-

sencial para que os alunos possam enfrentar os desafios do mundo atual e para que estejam preparados para o futuro. É preciso investir em uma educação que promova o desenvolvimento de habilidades e competências relacionadas ao mundo digital, para formar cidadãos críticos, inovadores e capacitados para as demandas do mercado. Diante desse cenário, é preciso que as instituições de ensino atualizem os seus currículos e metodologias, incorporando novas tecnologias e recursos digitais. Os professores também precisam estar preparados, sendo capacitados para ensinar e utilizar essas ferramentas. As soluções e ferramentas mudam e evoluem bastante em uma velocidade que não é fácil e nem barato de acompanhar. Para contornar esse desafio do uso da tecnologia na educação, é importante escolher um sistema e ferramentas que incluam **atualizações automáticas**. Se a escola não tem as habilidades de um profissional de TI a disposição para fazer a gestão das ferramentas, usar um serviço que já oferece updates gratuitos ajuda bastante. Assim, é possível equilibrar os gastos de aquisição e manutenção que as tecnologias precisam ter naturalmente.

Tecnologia digital: Uma nova aliada na educação

A tecnologia digital está transformando a forma como os estudantes aprendem e os educadores ensinam. Com uma ampla gama de ferramentas e recursos, a tecnologia se torna uma aliada poderosa para uma educação mais envolvente e eficaz. Aplicativos de realidade aumentada trazem os conteúdos didáticos para a vida, permitindo que os alunos interajam com modelos 3D e visualizem conceitos de forma imersiva. Jogos digitais tornam a aprendizagem mais envolvente, estimulando a curiosidade e a motivação dos estudantes ao mesmo tempo em que consolidam habilidades. Ferramentas de Colaboração Plataformas de colaboração online permitem que os alunos trabalhem em grupo, compartilhem ideias e recebam feedback em tempo real, promovendo um aprendizado mais ativo e participativo. A tecnologia está redefinindo a forma como aprendemos e ensinamos. Uma vez vista como uma distração, ela se

tornou uma ferramenta indispensável para enriquecer o processo educacional. Cada aluno tem seu próprio ritmo e estilo de aprendizado. As ferramentas digitais permitem criar experiências de aprendizado personalizadas, adaptando-se às necessidades individuais. A internet coloca uma vasta quantidade de informação ao alcance de todos, permitindo que os alunos explorem temas de interesse e aprofundem seus conhecimentos. Plataformas online facilitam a colaboração entre alunos e professores, promovendo a troca de ideias e o trabalho em equipe. Jogos educativos, simulações e outras ferramentas interativas tornam o aprendizado mais divertido e envolvente. A tecnologia permite que os alunos aprendam a qualquer hora e em qualquer lugar, oferecendo maior flexibilidade. Ferramentas como Google Classroom, Moodle e Canvas permitem a criação de cursos online, a realização de atividades e a comunicação entre alunos e professores. Existem diversos aplicativos para dispositivos móveis que ensinam matemática, línguas, história e outras disciplinas de forma divertida e interativa. Essas tecnologias imersivas oferecem novas possibilidades para a visualização de conceitos complexos e a realização de experiências práticas. Algoritmos de IA podem personalizar o aprendizado, identificar dificuldades dos alunos e oferecer suporte individualizado. Apesar dos benefícios e oportunidades, a integração da tecnologia na educação também apresenta desafios: Nem todos os alunos têm acesso à internet e a dispositivos digitais de qualidade. Muitos professores precisam de treinamento para utilizar as ferramentas digitais de forma eficaz. O uso excessivo de dispositivos pode levar à distração e à perda de foco.

Para superar esses desafios e aproveitar ao máximo o potencial da tecnologia na educação, é fundamental: Investir em infraestrutura - Garantir acesso à internet e dispositivos digitais para todos os alunos. Oferecer formação contínua aos professores - Capacitar os professores para utilizar as ferramentas digitais de forma pedagógica. Desenvolver projetos colaborativos - Envolver alunos, professores e comunidade em projetos que integrem a tecnologia ao currículo escolar.

Engajamento Interativo

A tecnologia, quando integrada de forma estratégica à educação, tem o poder de transformar a forma como os alunos aprendem e os professores ensinam. Um dos aspectos mais relevantes dessa transformação é o **engajamento interativo**. Ao oferecer experiências dinâmicas e personalizadas, a tecnologia permite que os alunos se tornem protagonistas de sua própria aprendizagem, tornando o processo mais eficaz e prazeroso. É a criação de ambientes de aprendizagem nos quais os alunos são ativamente envolvidos em atividades que exigem interação, colaboração e resolução de problemas. Através de ferramentas digitais, os alunos podem explorar conteúdos de forma autônoma, experimentar conceitos de maneira prática e interagir com seus colegas e professores em tempo real. Ao tornar o aprendizado mais divertido e desafiador, a tecnologia aumenta a motivação dos alunos, tornando-os mais dispostos a se dedicar aos estudos. A interação com o conteúdo permite que os alunos construam seu próprio conhecimento de forma mais profunda e significativa. O trabalho em equipe, a resolução de problemas e a comunicação são habilidades cruciais para o século XXI, e a tecnologia oferece um ambiente propício para o desenvolvimento dessas competências. Através de plataformas adaptativas, é possível oferecer atividades e conteúdo personalizados para cada aluno, respeitando seus ritmos e estilos de aprendizagem. A aplicação de elementos de jogos em atividades educativas torna o aprendizado mais divertido e desafiador. Essas tecnologias permitem que os alunos vivenciem experiências imersivas, explorando ambientes e conceitos de forma mais realista. Existem diversos aplicativos que oferecem atividades interativas e jogos educativos para diferentes áreas do conhecimento. É importante promover a colaboração entre alunos e professores, incentivando a troca de ideias e a construção do conhecimento em conjunto. É preciso avaliar o impacto das atividades interativas na aprendizagem dos alunos e ajustar as estratégias conforme necessário. O engajamento interativo na tecnologia escolar é uma tendência que veio para ficar. Ao oferecer experiências de

aprendizagem mais dinâmicas e personalizadas, a tecnologia tem o potencial de transformar a educação, preparando os alunos para os desafios do futuro.

Realidade Aumentada

Aplicativos de realidade aumentada trazem os conteúdos didáticos para a vida, permitindo que os alunos interajam com modelos 3D e visualizem conceitos de forma imersiva.

Jogos Educacionais

Jogos digitais tornam a aprendizagem mais envolvente, estimulando a curiosidade e a motivação dos estudantes ao mesmo tempo em que consolidam habilidades.

Ferramentas de Colaboração

Plataformas de colaboração online permitem que os alunos trabalhem em grupo, compartilhem ideias e recebam feedback em tempo real, promovendo um aprendizado mais ativo e participativo.

Personalização do Ensino

Aprendizagem Adaptativa

Sistemas de aprendizagem adaptativa ajustam o conteúdo e o ritmo de acordo com as necessidades e habilidades de cada aluno, permitindo um aprendizado mais eficiente e personalizado.

Dados Orientados

O uso de análises de dados educacionais permite que educadores e administradores tomem decisões embasadas para melhorar a eficácia do ensino e atender melhor às necessidades dos estudantes.

Feedback Imediato

Ferramentas de avaliação digital fornecem feedback instantâneo aos alunos, ajudando-os a identificar áreas de melhoria e acompanhar seu progresso de forma contínua.

Amplificando Habilidades



Pensamento Criativo

Ferramentas digitais estimulam a criatividade e a resolução de problemas, capacitando os alunos a desenvolver soluções inovadoras.



Comunicação

Recursos de apresentação e colaboração online melhoram a capacidade de os alunos se expressarem e trabalharem em equipe.



Alfabetização Digital

O uso de tecnologias digitais no ensino prepara os estudantes para o mercado de trabalho e um futuro cada vez mais tecnológico.

Engajamento dos Pais



1

Comunicação

Plataformas digitais que facilitam a comunicação entre pais, alunos e escola, mantendo todos informados sobre o progresso e atividades.

2

Envolvimento

Pais podem acompanhar e participar do aprendizado dos filhos por meio de portais online e aplicativos educacionais.

3

Colaboração

A tecnologia permite uma colaboração mais próxima entre pais e professores, apoiando juntos o desenvolvimento dos estudantes.

Formação Docente

1

Desenvolvimento Profissional

Cursos e treinamentos online capacitam os educadores a integrar a tecnologia de forma eficaz em suas práticas pedagógicas.

2

Recursos Didáticos

Plataformas digitais oferecem uma ampla variedade de conteúdo, aulas e ferramentas para enriquecer o processo de ensino-aprendizagem.

3

Colaboração entre Pares

Comunidades virtuais de educadores permitem o compartilhamento de melhores práticas e o aprendizado mútuo sobre o uso da tecnologia.

Equidade e Inclusão

Acesso

Tecnologias acessíveis e dispositivos móveis ampliam o acesso à educação, especialmente para estudantes de comunidades carentes.

Adaptação

Recursos de tecnologia assistiva possibilitam que alunos com necessidades especiais se envolvam plenamente no aprendizado.

Oportunidades

A integração da tecnologia na educação cria novas oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento para todos os estudantes.

Implementação Eficaz

Planejamento

Criar um plano estratégico para a integração da tecnologia, levando em conta infraestrutura, treinamento e apoio contínuo.

Monitoramento

Acompanhar o impacto da tecnologia no aprendizado e no engajamento dos alunos, ajustando estratégias conforme necessário.

Capacitação

Investir na formação docente, garantindo que os educadores tenham as habilidades necessárias para utilizar a tecnologia de forma eficaz.

A evolução das tecnologias digitais das tecnologias digitais no Panorama completo



O desenvolvimento das tecnologias digitais no Brasil tem uma história fascinante, marcada por avanços, desafios e inovações que moldaram a transformação digital do país. A transformação digital no Brasil tem sido notável nas últimas décadas, impactando profundamente diversos setores da sociedade e da economia. Desde a popularização da internet até o surgimento de tecnologias disruptivas como a inteligência artificial, o país tem acompanhado de perto essa evolução, apresentando avanços significativos e desafios a serem superados. A transformação digital no Brasil tem sido notável nas últimas décadas, impactando profundamente diversos setores da sociedade e da economia. Desde a popularização da internet até o surgimento de tecnologias disruptivas como a inteligência artificial, o país tem acompanhado de perto essa evolução, apresentando avanços significativos e desafios a serem superados. Fatores que Impulsionaram a Evolução Digital no Brasil

Popularização da Internet: O acesso à internet se tornou cada vez mais democrático, impulsionado pela expansão da infraestrutura de telecomunicações e pela queda dos preços dos dispositivos; **Aumento do Poder de Compra:** O crescimento da classe média e o aumento do poder de compra da população brasileira fomentaram a demanda por produtos e serviços digitais; **Incentivos Governamentais:** Programas governamentais como o Minha Casa, Minha Vida e o Brasil Conectado contribuíram para a expansão do acesso à internet em áreas remotas e de baixa renda; **Empreendedorismo Digital:** O surgimento de startups e empresas digitais inovadoras impulsionou a criação de novas soluções e modelos de negócios; **Pandemia de COVID-19:** A pandemia acelerou a digitalização de diversos setores, impulsionando o

trabalho remoto, o e-commerce e os serviços digitais. Um panorama das Principais Tendências e Impactos podendo citar: E-commerce - O comércio eletrônico cresceu exponencialmente, oferecendo maior comodidade e variedade de produtos aos consumidores; Fintechs - Empresas de tecnologia financeira revolucionaram o setor bancário, oferecendo serviços mais personalizados e eficientes; Internet das Coisas (IoT) - A IoT está transformando a forma como interagimos com os objetos ao nosso redor, com aplicações em diversas áreas, como indústria, saúde e agricultura; Inteligência Artificial - A IA está sendo aplicada em diversas áreas, como diagnóstico médico, atendimento ao cliente e automação de processos; Realidade Virtual e Aumentada - Essas tecnologias estão sendo utilizadas em diversas áreas, como educação, entretenimento e treinamento profissional. A evolução gera Desafios e Oportunidades, tais como: Desigualdade Digital: A desigualdade digital ainda é um grande desafio, com diferenças significativas no acesso à internet e à tecnologia entre as diferentes regiões do país; Segurança Cibernética: Com o aumento da digitalização, os riscos de ataques cibernéticos também cresceram, exigindo investimentos em segurança da informação; Educação: É fundamental investir em educação para preparar a força de trabalho para os desafios da era digital; Inovação: O Brasil precisa fomentar a inovação e o desenvolvimento de novas tecnologias para se manter competitivo no cenário global. O futuro da tecnologia digital no Brasil é promissor, com diversas oportunidades para o crescimento econômico e o desenvolvimento social. A contínua expansão da infraestrutura de telecomunicações, o aumento dos investimentos em pesquisa e desenvolvimento e a crescente demanda por soluções digitais são fatores que impulsionarão essa evolução. O Brasil está se consolidando como um player global na economia digital, com um ecossistema de inovação cada vez mais robusto e promissor.

ANOS 1970 E 1980: PRIMEIROS PASSOS

Mainframes Governamentais

No final dos anos 1970, o governo brasileiro investiu em sistemas de computação de grande porte, como os mainframes, para automação de serviços públicos.

Incentivos à Indústria Nacional

Nos anos 1980, a "Lei de Informática" foi implementada para proteger e fomentar a indústria nacional de tecnologia.

Universidades Pioneiras

Nessa época, universidades brasileiras como a USP e a UNICAMP se tornaram centros de pesquisa e desenvolvimento em informática.

Anos 1990: Conectando o Brasil

Chegada da Internet

Em 1995, a Internet comercial chegou ao Brasil, trazendo uma nova era de comunicação e acesso à informação.

Expansão dos Computadores

Nessa década, o uso de computadores pessoais se popularizou, impulsionado pela queda nos preços e maior acessibilidade.

Surgimento de Empresas de TI

Novas empresas de tecnologia começaram a surgir, aproveitando as oportunidades trazidas pela revolução digital.

Anos 2000: Boom da Internet e Inovação

Acesso à Banda Larga

O aumento da velocidade e da cobertura da Internet banda larga transformou a experiência digital no país.

Ascensão das Startups

Um ecossistema empreendedor floresceu, com o surgimento de inúmeras startups inovadoras em diversos setores.

Disseminação de Smartphones

A popularização dos smartphones impulsionou a adoção de serviços móveis e aplicativos no Brasil.

Investimentos em Tecnologia

Empresas e o governo investiram cada vez mais em projetos de transformação digital para modernizar processos e serviços.

Anos 2010: Economia Digital e Disrupção



Computação em Nuvem

A adoção de serviços de computação em nuvem impulsionou a transformação digital de empresas e órgãos públicos.



Big Data e Analytics

O uso de big data e analytics permitiu a geração de insights valiosos e a tomada de decisões mais embasadas.



Internet das Coisas

A expansão do Internet das Coisas (IoT) trouxe novos casos de uso e oportunidades de inovação no país.



Inteligência Artificial

Avanços na área de inteligência artificial têm possibilitado soluções cada vez mais sofisticadas e automatizadas.

Desafios Atuais e Futuros

1

Inclusão Digital

Reduzir a desigualdade de acesso e promover a inclusão digital em todo o país é um grande desafio.

2

Cibersegurança

Garantir a segurança de dados e proteger sistemas contra ameaças cibernéticas é crucial para a confiança digital.

3

Alfabetização Tecnológica

Investir na educação e no desenvolvimento de habilidades digitais é essencial para o futuro do país.

Liderando a Transformação Digital

1

Ecosistema de Inovação

O Brasil tem conseguido criar um ambiente propício ao empreendedorismo e à inovação tecnológica.

2

Investimentos Estratégicos

Tanto o setor público quanto o privado têm realizado investimentos significativos em tecnologia e transformação digital.

3

Colaboração Público-Privada

Parcerias entre governo, empresas e universidades têm impulsionado o desenvolvimento de soluções inovadoras.

4

Talentos Emergentes

O Brasil tem formado uma nova geração de profissionais altamente qualificados na área de tecnologia.

Rumo a um Futuro Digital Brilhante

Economia Digital

A crescente digitalização tem transformado a estrutura econômica do país.

Oportunidades de Negócios

Novas tecnologias abrem espaço para a criação de modelos de negócios inovadores.

Qualidade de Vida

A integração de tecnologias pode melhorar a prestação de serviços públicos e a qualidade de vida dos cidadãos.

A Evolução da Tecnologia na Educação

Ao pensarmos em tecnologia em sala de aula, nossa mente imediatamente se volta para computadores, tablets e softwares educacionais. No entanto, o século XIX nos apresenta um cenário bem diferente, mas igualmente fascinante. A maioria, era mecânica e manual. As ferramentas utilizadas nas escolas eram simples, mas desempenhavam um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem. A principal ferramenta de um professor, utilizado para escrever eram giz e quadro-negro utilizado para apresentar lições, fazer cálculos e desenhar diagramas revolucionavam o ensino, **é importante ressaltar que a tecnologia educacional do século variava muito de acordo com o país, a região e a classe social.** Em algumas escolas, os recursos eram escassos e os alunos tinham pouco acesso a materiais didáticos. Em outras, as escolas eram bem equipadas e os alunos tinham a oportunidade de aprender com os melhores professores. **A evolução da tecnologia educacional tem sido exponencial.** A invenção da eletricidade, o desenvolvimento de novos materiais e a criação de dispositivos eletrônicos

transformaram completamente a forma como ensinamos e aprendemos. No entanto, as ferramentas básicas do ensino, como o quadro-negro e o livro, continuam sendo utilizadas até hoje. Década de 1980 computadores pessoais chegam às salas de aula. **A década de 80 marcou um ponto de inflexão na história da educação, com a introdução dos computadores pessoais nas salas de aula.** Essa mudança radical transformou a maneira como os alunos aprendiam e os professores ensinavam, abrindo portas para um futuro tecnológico na educação. Os primeiros computadores a chegar às escolas eram grandes, pesados e bem mais caros do que os modelos modernos. Marcas como Apple e IBM dominavam o mercado, com modelos como o Apple II e o IBM PC. Os programas disponíveis para uso educacional eram limitados, com foco em jogos educativos, planilhas eletrônicas simples e processadores de texto. Nem todas as escolas tinham recursos para adquirir computadores, e muitas vezes havia apenas um ou dois equipamentos disponíveis para toda a turma. Apesar das limitações, os computadores abriram novas possibilidades para o ensino. Os alunos podiam aprender a digitar, criar apresentações, realizar cálculos e explorar o mundo digital. A chegada dos computadores pessoais nas salas de aula foi o primeiro passo para a construção de um futuro onde a tecnologia seria uma ferramenta fundamental para o ensino e a aprendizagem. Hoje um novo rumo para o aprendizado. A chegada dos tablets, smartphones e plataformas digitais revolucionou completamente a forma como ensinamos e aprendemos. Se nos anos 80 os computadores de mesa eram uma novidade nas escolas, hoje a tecnologia está presente no dia a dia de alunos e professores, transformando a educação de maneira profunda. Tablets, smartphones, Chromebook e plataformas digitais oferecem novos caminhos para o aprendizado. Cada aluno possui um ritmo e estilo de aprendizado único. As plataformas digitais permitem personalizar as atividades, adaptando-as às necessidades e interesses de cada estudante. A internet coloca uma vasta quantidade de informações a um clique de distância. Os alunos podem pesquisar, aprofundar seus conhecimentos e desenvolver habilidades de pesquisa de forma autônoma. Ferramentas como Google Classroom, Microsoft Teams e plataformas de videoconferência facilitam a colaboração entre alunos

e professores, promovendo a troca de ideias e o trabalho em equipe. A gamificação utiliza elementos de jogos para tornar o aprendizado mais divertido e engajador. Plataformas com desafios, recompensas e rankings motivam os alunos a alcançarem seus objetivos. Essas tecnologias imersivas proporcionam experiências de aprendizado mais ricas e interativas, permitindo que os alunos explorem ambientes virtuais e visualizem conceitos de forma mais concreta. A IA estar sendo utilizada para personalizar o aprendizado, oferecer feedback instantâneo aos alunos e automatizar tarefas administrativas, liberando mais tempo para que os professores se dediquem ao acompanhamento individual dos alunos. **Resumindo**, a tecnologia está transformando a educação, oferecendo novas oportunidades para o aprendizado e preparando os alunos para um futuro cada vez mais digital. No entanto, é fundamental que a tecnologia seja utilizada de forma consciente e pedagógica, com o objetivo de promover o desenvolvimento integral dos alunos

Aprendizagem interativa e gamificação

A aprendizagem interativa é uma tendência que está moldando o cenário educacional nos últimos anos e é esperado que continue a evoluir em 2024. A gamificação desempenha um papel significativo nesse contexto, por ser uma ferramenta importante para promover a interatividade e o engajamento dos alunos. Ao incorporar elementos de jogos, como desafios, recompensas e competições, o educador torna a aprendizagem mais envolvente e motivadora. Ela permite que os alunos **assumam o controle de seu próprio processo de aprendizagem**, definindo metas e acompanhando seu progresso, tudo isso de maneira lúdica. A competição saudável com colegas cria um ambiente de aprendizagem estimulante e interativo, incentivando os alunos a se esforçarem mais e a se sentirem realizados quando alcançam seus objetivos. De maneira geral, com a aprendizagem interativa os estudantes podem aplicar o que aprenderam em contextos práticos. Isso é importante em disciplinas que requerem habilidades práticas, como ciências e matemática. Por meio de

simulações interativas e ambientes virtuais, os alunos podem praticar suas habilidades e enfrentar desafios reais de uma forma segura e controlada. Por meio da tecnologia, os professores também têm acesso a dados importantes para acompanhar o desenvolvimento dos alunos e aplicar a melhor intervenção pedagógica. A aprendizagem interativa é uma abordagem educacional que coloca o aluno no centro do processo, incentivando a participação ativa e a construção do conhecimento. Ao invés de um modelo passivo, onde o aluno apenas recebe informações, a aprendizagem interativa promove a experimentação, a resolução de problemas e a colaboração. A gamificação consiste em aplicar elementos de jogos a contextos não-lúdicos, como a educação. Ao incorporar mecânicas de jogos, como pontos, níveis, desafios e recompensas, a gamificação torna o processo de aprendizagem mais envolvente e motivador. A combinação da aprendizagem interativa com a gamificação cria um ambiente de aprendizado ainda mais eficaz e atrativo. Ao tornar o processo de aprendizagem mais lúdico e desafiador, a gamificação aumenta o engajamento dos alunos e a retenção do conhecimento. Mostrando os benefícios da combinação tais como: aumento do engajamento- gamificação torna o aprendizado mais divertido e desafiador, incentivando os alunos a participarem ativamente das atividades; melhora da motivação - a obtenção de recompensas e a progressão em níveis aumentam a sensação de realização e motivam os alunos a continuar aprendendo; desenvolvimento de habilidades - A resolução de desafios e a colaboração em equipe promovem o desenvolvimento de habilidades como pensamento crítico, criatividade e trabalho em equipe; aprendizagem mais significativa - Ao aplicar os conhecimentos adquiridos em situações práticas, os alunos constroem um aprendizado mais significativo e duradouro. Aplicação da Gamificação na Aprendizagem Interativa dos discentes se propõe de forma adequada para o ensino. Sendo assim, Defina objetivos claros: Determine os conhecimentos e habilidades que você deseja que os alunos desenvolvam; Crie desafios e missões: Proponha atividades que simulem situações reais e exijam a aplicação dos conhecimentos; Utilize sistemas de recompensa: Ofereça recompensas virtuais ou reais para motivar os alunos; Incorpore elementos de

competição: Crie atividades em grupo ou individuais que estimulem a competição saudável; Forneça feedback constante: Ofereça feedback construtivo para ajudar os alunos a progredir. Podemos exemplificar as aplicações através de: Cursos online - Crie plataformas de aprendizado com elementos de jogos, como avatares personalizáveis, progressão em níveis e rankings; Salas de aula: Utilize jogos de tabuleiro, simulações e aplicativos para tornar as aulas mais dinâmicas e interativas; Treinamento corporativo: Crie programas de treinamento com desafios gamificados para aumentar o engajamento dos funcionários. A combinação da aprendizagem interativa com a gamificação representa uma poderosa ferramenta para transformar a educação. Ao tornar o aprendizado mais divertido e desafiador, essa abordagem aumenta o engajamento dos alunos, melhora a retenção do conhecimento e promove o desenvolvimento de habilidades essenciais para o século XXI.

Inteligência Artificial (IA)

A inteligência artificial (IA) é um campo de estudo fascinante que vem ganhando cada vez mais relevância no mundo contemporâneo. Essa tecnologia avançada possui um grande potencial de transformação nos mais diversos setores, incluindo a educação. Nesta série de conteúdo, abordaremos os principais desafios e oportunidades da IA para docentes e discentes, explorando como essa ferramenta pode impactar o ensino e a aprendizagem. É um campo da ciência da computação voltada para o **desenvolvimento de sistemas e algoritmos** capazes de realizar tarefas que normalmente requerem inteligência humana. Isso inclui a capacidade de aprender, raciocinar, resolver problemas e tomar decisões autônomas. A inteligência artificial já vem sendo aplicada em diversos aspectos da educação, desde a personalização do ensino até a automatização de tarefas administrativas. Essa tecnologia tem o potencial de revolucionar a forma como os conteúdos são apresentados e as habilidades são desenvolvidas em sala de aula. Docentes podem se beneficiar de recursos

de IA para melhor compreender as necessidades e estilos de aprendizagem de seus alunos, adaptando suas metodologias de ensino de maneira mais eficaz. Por outro lado, os discentes também podem usufruir de ferramentas de IA que os auxiliem no processo de aprendizagem, como tutores virtuais, sistemas de recomendação de conteúdo e aplicativos de práticas e revisões. Essa interação entre alunos e IA pode potencializar a aquisição de conhecimento e o desenvolvimento de competências fundamentais para o século XXI.

Personalização do Ensino

A IA permite que o ensino seja adaptado às necessidades individuais de cada aluno, oferecendo conteúdo e atividades personalizadas de acordo com seu nível de conhecimento, ritmo de aprendizagem e interesses.

Automação de Tarefas

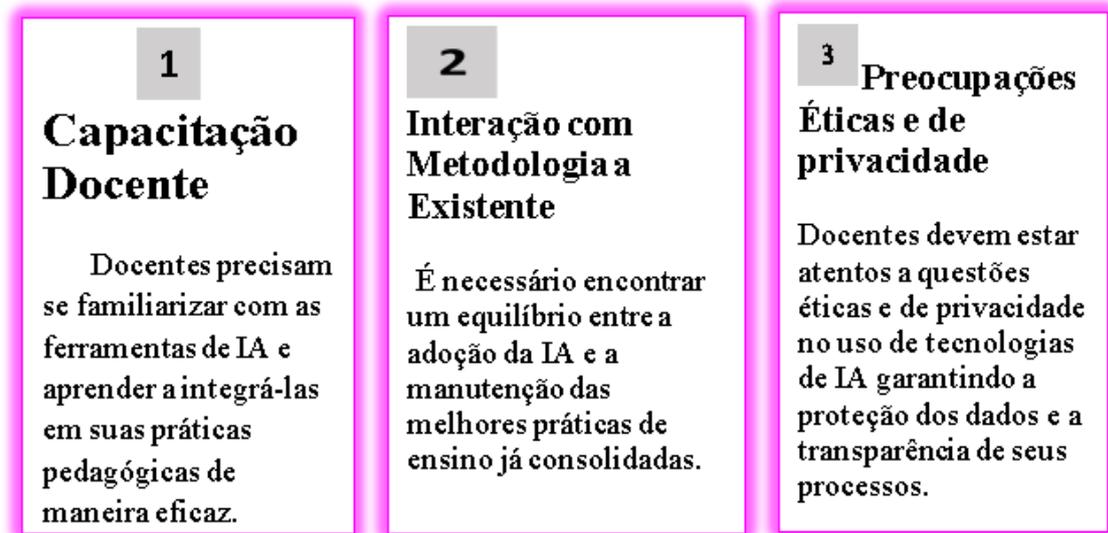
Docentes podem utilizar a IA para automatizar tarefas repetitivas, como a correção de exercícios e a geração de relatórios, liberando-os para se dedicarem a atividades mais estratégicas e interativas em sala de aula.

Análise de Dados

Sistemas de IA podem coletar e analisar dados sobre o desempenho e comportamento dos alunos, fornecendo insights valiosos para que docentes aprimorem suas práticas pedagógicas.

Desafios para Docentes no Uso da IA

Embora a inteligência artificial ofereça muitas oportunidades na educação, sua adoção também apresenta alguns desafios para os docentes. Um dos principais desafios é a necessidade de capacitação e atualização constante dos professores para que possam compreender e utilizar as ferramentas de IA de maneira eficaz. Outro desafio é a integração da IA com as metodologias de ensino já estabelecidas, de modo a garantir uma transição suave e a manutenção da qualidade do ensino. Docentes precisarão repensar suas práticas pedagógicas, adaptando-as à nova realidade tecnológica sem perder de vista os princípios educacionais fundamentais.



Oportunidades da IA para Discentes

Para os discentes, a inteligência artificial também traz diversas oportunidades de aprendizagem e desenvolvimento. Com o uso de ferramentas de IA, os alunos podem se beneficiar de um processo de ensino mais personalizado, recebendo conteúdo e atividades adaptados às suas necessidades individuais. Além disso, a IA pode oferecer recursos de apoio à aprendizagem, como assistentes virtuais, tutores digitais e sistemas de recomendação, que auxiliam os alunos no estudo e na resolução de problemas. Essas ferramentas têm o potencial de tornar a experiência de aprendizagem mais engajadora, interativa e eficaz.

<p>Aprendizagem Personalizada</p> <p>A IA permite que os conteúdos e atividades sejam adaptados ao nível de conhecimento, ritmo de aprendizagem e interesses de cada aluno, otimizando o processo de aquisição de conhecimento.</p>	<p>Assistentes Virtuais</p> <p>Discentes podem contar com a ajuda de chatbots e outras ferramentas de IA para esclarecer dúvidas, obter apoio no estudo e desenvolver habilidades complementares.</p>	<p>Feedbacks Instantâneos</p> <p>Sistemas de IA podem fornecer feedbacks imediatos aos alunos sobre seu desempenho e progresso, ajudando-os a identificar áreas de melhoria e a aprimorar suas competências.</p>

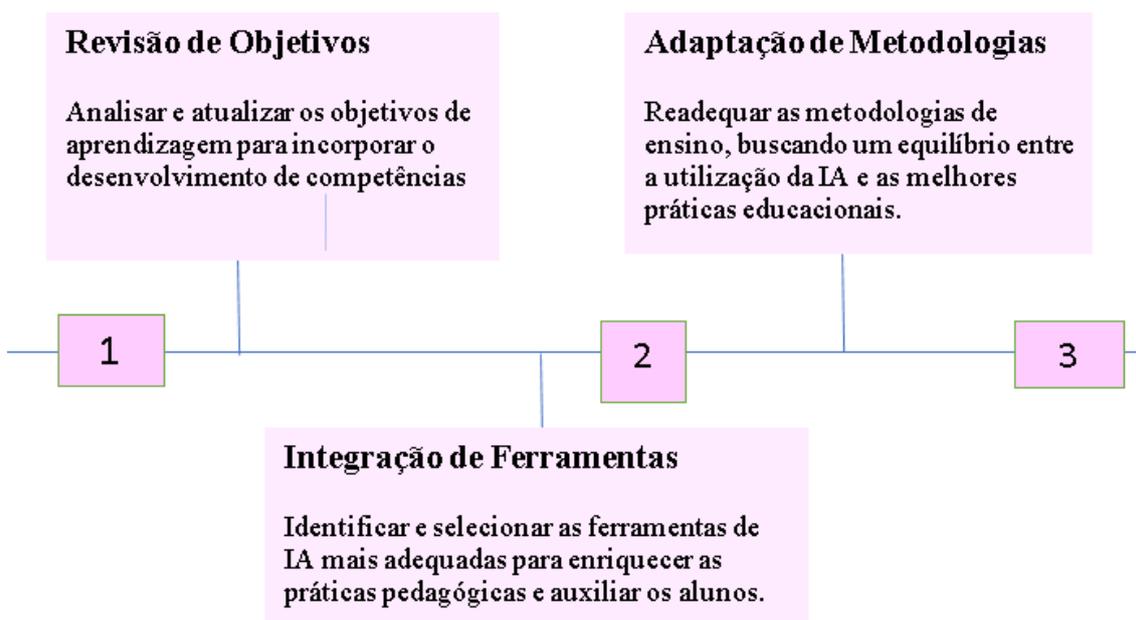
Ética e Privacidade na Aplicação da IA

Embora a inteligência artificial ofereça diversas oportunidades na educação, é fundamental que seu uso seja pautado por princípios éticos e de proteção de dados. Docentes e instituições de ensino devem estar atentas aos desafios relacionados à privacidade e à transparência dos algoritmos utilizados. É importante estabelecer políticas claras sobre a coleta, armazenamento e utilização de dados dos alunos, garantindo que estes sejam tratados de forma ética e segura. Além disso, é necessário que os processos de IA sejam transparentes e compreensíveis, de modo que docentes e discentes possam entender como as decisões são tomadas e os resultados são gerados.

<p>Privacidade dos Dados</p> <p>Instituições de ensino devem adotar medidas rigorosas de segurança e proteção dos dados pessoais e acadêmicos dos alunos, respeitando a legislação vigente.</p>	<p>Transparência dos Algoritmos</p> <p>Os processos de IA utilizados na educação devem ser explicáveis e compreensíveis, de modo que docentes e discentes tenham confiança na tomada de decisões.</p>	<p>Impacto Social e Equidade</p> <p>É crucial que a aplicação da IA na educação leve em consideração questões de equidade e inclusão, evitando perpetuar ou amplificar vieses e desigualdades existentes.</p>
--	--	--

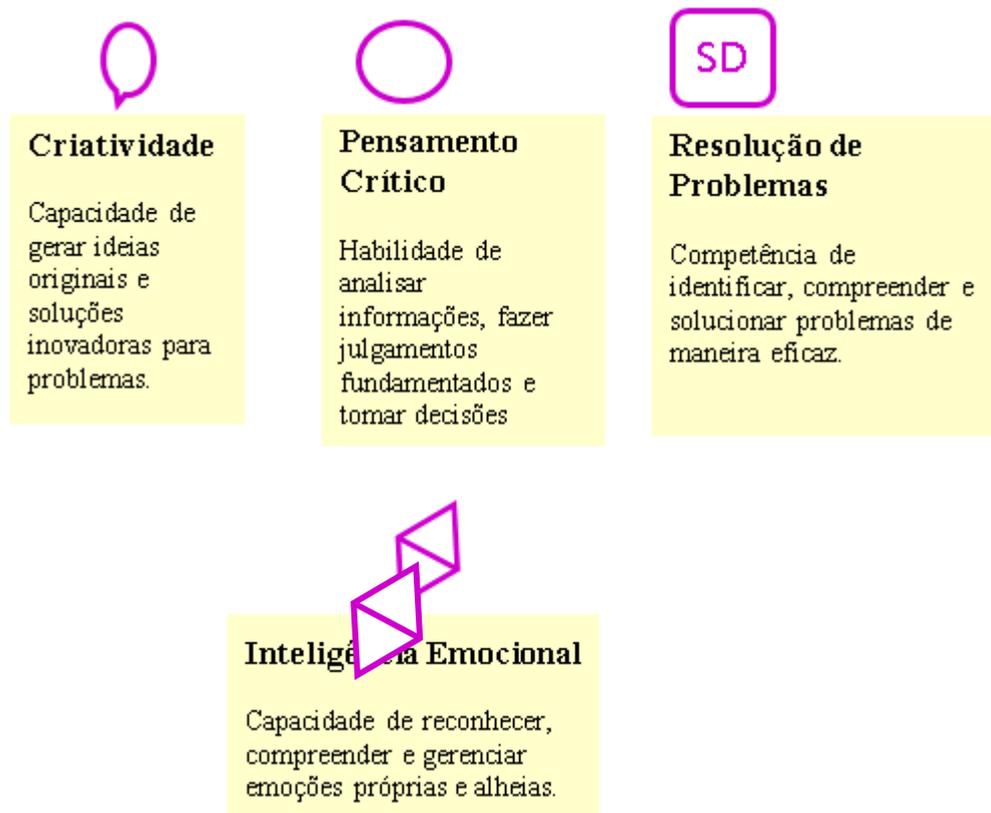
Adaptação do currículo e metodologia de ensino

A adoção da inteligência artificial na educação requer uma adaptação dos currículos e das metodologias de ensino. Docentes precisarão repensar a forma como os conteúdos são estruturados e apresentados, buscando integrar de maneira harmoniosa as ferramentas de IA com as práticas pedagógicas já consolidadas. Essa adaptação envolve não apenas a familiarização com as tecnologias de IA, mas também a revisão dos objetivos de aprendizagem, das atividades propostas e das estratégias de avaliação. É fundamental que essa transição seja guiada por uma perspectiva holística, visando o desenvolvimento integral dos alunos e a manutenção da qualidade do ensino. Se tratando do uso de tecnologia na escola, a IA tem um potencial significativo. Isso porque pode ser usada para criar sistemas de aprendizado personalizado, adaptando o conteúdo e o ritmo de ensino conforme as necessidades de cada aluno. Além disso, a IA pode **automatizar tarefas administrativas em escolas**, economizando tempo e recursos, permitindo que os professores se concentrem em outras tarefas essenciais para um ensino-aprendizagem de qualidade. A constante evolução da IA promete revolucionar como a educação é entregue, tornando-a mais eficaz e personalizada.



Desenvolvimento de habilidades complementares à IA

Embora a inteligência artificial traga diversas oportunidades para a educação, é fundamental que docentes e discentes desenvolvam habilidades complementares que não podem ser automatizadas pela IA. Essas habilidades envolvem competências como criatividade, pensamento crítico, resolução de problemas complexos e inteligência emocional. Ao lado do domínio de ferramentas de IA, é essencial que os alunos sejam estimulados a desenvolver essas habilidades fundamentais para o sucesso no século XXI. Dessa forma, eles estarão preparados não apenas para interagir com a tecnologia, mas também para enfrentar desafios complexos e inovar em um mundo em constante transformação.



Perspectivas futuras

A inteligência artificial apresenta tanto desafios quanto oportunidades significativas para docentes e discentes no campo da educação. Embora a adoção dessa tecnologia exija adaptações no currículo, nas metodologias de ensino e no desenvolvimento de habilidades complementares, sua aplicação pode trazer benefícios valiosos, como a personalização do aprendizado e a otimização de tarefas. À medida que a IA continua a evoluir, é essencial que educadores e instituições de ensino mantenham-se atualizados e adotem uma abordagem ética e responsável em relação ao uso dessa tecnologia. Ao equilibrar a integração da IA com práticas pedagógicas sólidas e o desenvolvimento de competências essenciais, docentes e discentes estarão preparados para enfrentar os desafios e aproveitar as oportunidades trazidas pela inteligência artificial no campo da educação.

A Tecnologia como ferramenta transformadora na educação

A tecnologia vem revolucionando o sistema educacional, oferecendo uma gama de ferramentas que ampliam as possibilidades de aprendizado e tornam as aulas mais dinâmicas e envolventes. Essa transformação tem impactado positivamente a forma como professores e alunos interagem e constroem o conhecimento. A Tecnologia como Ferramenta Transformadora na Educação: Um Futuro Mais Brilhante A tecnologia está redefinindo a maneira como aprendemos e ensinamos. Uma vez vista como uma distração, ela se tornou uma ferramenta indispensável para enriquecer o processo educacional. Cada aluno tem seu próprio ritmo e estilo de aprendizado. As ferramentas digitais permitem criar experiências de aprendizado personalizadas, adaptando-se às necessidades individuais A internet coloca uma vasta quantidade de informação ao alcance de todos, permitindo que os alunos explorem temas de interesse e aprofundem seus conhecimentos. Plataformas online facilitam a colaboração entre alunos e professores, promovendo a troca de ideias e o trabalho em equipe. Engajamento: Jogos educativos, simulações e outras ferramentas interativas tornam o aprendizado mais divertido e

envolvente. Flexibilidade: A tecnologia permite que os alunos aprendam a qualquer hora e em qualquer lugar, oferecendo maior flexibilidade. **Sabe-se que**, a tecnologia é uma poderosa aliada na educação, capaz de transformar a forma como aprendemos e ensinamos. Ao superar os desafios e aproveitar as oportunidades, podemos construir um futuro educacional mais inovador, inclusivo e eficaz. Vivemos em uma era de transformação digital, onde cada setor está sendo reinventado, e a educação não é diferente. As práticas inovadoras de aprendizagem digital estão se tornando essenciais para atender às novas demandas do mercado e às necessidades dos alunos, preparando-os para um mundo cada vez mais conectado. Institutos e fundações educacionais têm uma oportunidade incrível de liderar essa mudança, promovendo projetos educacionais que desenvolvem no público as competências digitais necessárias para o futuro e fazendo, de fato, a diferença na vida de seus alunos. No entanto, implementar essas práticas não é apenas uma questão de adotar novas tecnologias. É preciso entender as metodologias pedagógicas que melhor se adequam a esses recursos e como elas podem ser integradas de maneira eficaz no dia a dia das instituições. Desde a personalização do aprendizado até a gamificação e o uso de ambientes virtuais, as opções são vastas e repletas de potencial. No mundo contemporâneo, a digitalização está presente em quase todos os aspectos de nossas vidas. Desde o trabalho remoto até as transações financeiras e o entretenimento, a tecnologia digital é onipresente. Essa transformação exige que indivíduos possuam um conjunto de competências digitais para navegar e prosperar nesse novo cenário. Para as instituições educacionais, essa realidade representa um chamado urgente para atualizar e inovar suas abordagens pedagógicas.

Tecnologia na educação: Uma aliada poderosa



A tecnologia tem desempenhado um papel cada vez mais vital na

transformação do cenário educacional. Desde melhorar a eficiência do ensino até ampliar as oportunidades de aprendizagem, a integração da tecnologia na educação se mostra uma aliada poderosa e indispensável. Nesta apresentação, exploraremos a metodologia, as considerações finais e a conclusão sobre como a tecnologia pode impulsionar a educação rumo a um futuro mais dinâmico e engajador. **A afirmação "Tecnologia na Educação: Uma Aliada Poderosa" é cada vez mais evidente no cenário educacional contemporâneo.** A integração de ferramentas e recursos tecnológicos nas práticas pedagógicas tem transformado a forma como ensinamos e aprendemos, oferecendo um leque de possibilidades para personalizar a educação, estimular a criatividade e promover o desenvolvimento de habilidades essenciais para o século XXI. Através de plataformas online e aplicativos educacionais, é possível adaptar o conteúdo e o ritmo de aprendizagem às necessidades individuais de cada aluno, tornando o processo mais eficaz e motivador. A internet oferece um vasto acervo de informações e recursos didáticos, permitindo que os alunos explorem temas de interesse e aprofundem seus conhecimentos de forma autônoma. O uso de ferramentas digitais desde cedo prepara os alunos para o mercado de trabalho, que cada vez mais demanda profissionais com habilidades como programação, design digital e resolução de problemas. Plataformas online facilitam a colaboração entre alunos e professores, promovendo a troca de ideias, a construção do conhecimento em conjunto e o desenvolvimento de habilidades sociais. A utilização de elementos de jogos em atividades educativas torna o aprendizado mais divertido e engajador, aumentando a motivação dos alunos e a retenção de conteúdo. Apesar dos benefícios, a integração da tecnologia na educação também apresenta desafios: O acesso à tecnologia e à internet ainda é desigual, o que pode gerar um gap digital entre os alunos. O uso excessivo de dispositivos eletrônicos pode levar à distração e prejudicar a concentração dos alunos. É fundamental que os professores sejam capacitados para utilizar as ferramentas tecnológicas de forma eficaz e pedagógica. A aquisição e manutenção de equipamentos e softwares podem representar um custo elevado para as instituições de ensino. Para aproveitar ao máximo o potencial

da tecnologia na educação, é importante: A tecnologia deve ser utilizada de forma intencional e integrada ao currículo escolar. É fundamental investir na formação continuada dos professores para que eles possam utilizar as ferramentas tecnológicas de forma eficaz. Os alunos devem ser orientados a utilizar a tecnologia de forma crítica, avaliando a confiabilidade das informações e desenvolvendo habilidades de pesquisa. A tecnologia pode ser utilizada para promover a colaboração entre alunos e professores, incentivando a troca de ideias e a construção do conhecimento em conjunto. Como se vê, no entanto, é preciso superar os desafios e utilizar a tecnologia de forma consciente e pedagógica para garantir que ela seja uma aliada no processo de ensino e aprendizagem.

Integrando a Tecnologia

Diagnóstico

O primeiro passo é realizar um diagnóstico cuidadoso do ambiente educacional, identificando as necessidades, desafios e oportunidades existentes. Isso ajudará a traçar um plano estratégico para a integração da tecnologia de forma eficaz.

Capacitação Docente

Investir na capacitação dos professores é fundamental. Eles devem receber treinamento adequado para utilizar as ferramentas tecnológicas de maneira pedagógica e eficiente, garantindo a máxima eficácia no processo de ensino-aprendizagem.

Implementação Gradual

A implementação da tecnologia na educação deve ser feita de forma gradual e adaptativa. Iniciar com projetos-piloto, avaliar os resultados e fazer os ajustes necessários antes de expandir para toda a instituição é essencial para o sucesso da iniciativa.

Metodologias

A metodologia desta pesquisa é qualitativa descritiva, e a técnica utilizada foi a análise de conteúdo de documentos. A análise documental nos permitiu o estudo de motivações, atitudes, valores e tendências relacionadas com a exclusão digital e social, visando a interpretação baseada na inferência e na dedução, com rigor de objetividade (BARDIN, 1997). É fundamental adotar metodologias que explorem o potencial das ferramentas digitais e promovam um aprendizado mais eficaz e engajador. No intento de vislumbrar como são viabilizados a inserção e os usos da tecnologia no âmbito escolar, através do mapeamento das ações do projeto Conectados optamos por realizar a pesquisa qualitativa. Enfrentando o impacto da tecnologia como ferramenta de ensino e descobrindo novas formas de ensinar, aprendemos a nos manter pertos, mesmo de longe, neste contexto. A metodologia desta pesquisa é qualitativa descritiva, e a técnica utilizada foi a análise de conteúdo de documentos. A análise documental nos permitiu o estudo de motivações, atitudes, valores e tendências relacionadas com a exclusão digital e social, visando a interpretação baseada na inferência e na dedução, com rigor de objetividade (BARDIN, 1997). É fundamental adotar metodologias que explorem o potencial das ferramentas digitais e promovam um aprendizado mais eficaz e engajador. No intento de vislumbrar como são viabilizados a inserção e os usos da tecnologia no âmbito escolar, através do mapeamento das ações do projeto Conectados optamos por realizar a pesquisa exploratória. Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo “captar” o fenômeno em estudo a partir de da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes (GODOY, 1995, p. 21).Esses materiais foram lidos e deles se destacaram as ações realizadas no projeto, a

participação e percepção de profissionais da área de educação principalmente professor, bem como a visão do aluno acerca dos processos efetivados, respondendo o questionamento inicial sobre a exequibilidade do acesso à tecnologia no âmbito escolar. Aproximamos a pesquisa documental a aspectos do estudo de caso, pois essa metodologia permite analisar profundamente um objeto, discutindo detalhadamente uma situação particular (GODOY, 1995). Dessa forma, nos propomos a mapear e analisar todos os documentos do projeto Conectados disponíveis ao público, compreendendo que essa fonte é uma possibilidade de análise selecionada. Com isso sugerimos ferramentas de ensino aprendizado para o público alunado, onde irão acessar suas aulas, documentos e atividades, para o enaltecimento dos seus próprios conhecimentos adquiridos de maneira remota. Taís ferramentas separamos quatro dentre elas estão o Google Classroom, Google forms e Google meet. Ferramentas que já estão sendo usadas por grande parte das instituições que adotaram o o Novo Ensino Médio em tempo Integral, assim como os equipamentos como Chromebook, Ultrabook para incentivar e melhorar a aprendizagem dos protagonistas. Ao concluir este Artigo com maestria a implementação da tecnologia como aliada na educação exige uma abordagem abrangente e estratégica. Para tanto, proponho uma metodologia estruturada em cinco etapas essenciais: Iniciar com um diagnóstico profundo da realidade educacional da instituição, mapeando os recursos tecnológicos disponíveis, a infraestrutura, a conectividade, o nível de conhecimento dos professores e alunos em relação à tecnologia e as práticas pedagógicas vigentes. Levantar os principais desafios e oportunidades relacionados à integração da tecnologia, considerando fatores como a cultura organizacional, as necessidades dos alunos e as expectativas da comunidade. Estabelecer metas específicas e mensuráveis para a implementação da tecnologia, alinhadas com o projeto pedagógico da instituição e com as necessidades identificadas na etapa de diagnóstico. Capacitar os professores para utilizar as ferramentas digitais de forma eficaz e pedagógica, promovendo a integração da tecnologia ao currículo escolar. Orientar os alunos sobre o uso responsável e ético das ferramentas digitais, promovendo a cidadania digital e o desenvolvimento de habilidades

críticas. Monitorar de perto o processo de implementação, avaliando continuamente o impacto da tecnologia na aprendizagem dos alunos e no desempenho dos professores, realizando ajustes no plano de ação quando necessário. Cultivar uma cultura de inovação na instituição, incentivando a experimentação de novas tecnologias e metodologias de ensino. Coletar feedback de alunos, professores, pais e demais stakeholders para identificar pontos fortes e oportunidades de melhoria na implementação da tecnologia. Manter-se atualizado sobre as últimas tendências em tecnologia educacional e buscar novas ferramentas e recursos que possam contribuir para o aprimoramento do processo de ensino e aprendizagem; incentivar a colaboração entre professores, compartilhando experiências e boas práticas na utilização da tecnologia em sala de aula. Estabelecer parcerias com outras instituições de ensino, empresas e especialistas em tecnologia educacional para promover o intercâmbio de conhecimentos e experiências. Divulgar os resultados da implementação da tecnologia para a comunidade escolar e para a sociedade em geral, inspirando outras instituições a também integrarem a tecnologia como aliada na educação.

CONCLUSÃO

Desse modo, o uso das ferramentas tecnológicas que oferecem na aprendizagem citamos uma melhor retenção do conhecimento, o incentivo a aprendizagem individual e coletiva e o suporte que o professor tem no preparo das aulas para torná-las mais atrativas. A tecnologia na educação é uma realidade que veio para ficar. Ao aproveitar seus benefícios e superar os desafios, podemos criar um ambiente de aprendizado mais dinâmico, eficiente e equitativo para todos os alunos; é uma ferramenta poderosa, mas não substitui o papel do professor como mediador do aprendizado. O sucesso da implementação da tecnologia na educação depende da combinação de um bom planejamento, da capacitação dos professores e do engajamento dos alunos. Nesse sentido, do uso que as ferramentas tecnológicas oferecem na aprendizagem citamos uma

melhor retenção do conhecimento, o incentivo a aprendizagem individual e coletiva e o suporte que o professor tem no preparo das aulas para torná-las mais motivadas. A aliança entre tecnologia e educação abre um universo de possibilidades para transformar a forma como ensinamos e aprendemos. Ao utilizarmos essa ferramenta de forma estratégica e responsável, podemos ampliar o acesso à educação, personalizar a aprendizagem, estimular a criatividade, promover a colaboração, conectar a escola com a comunidade e preparar os alunos para o futuro. Essa união é fundamental para construir uma sociedade mais justa, equitativa e próspera, onde todos tenham as mesmas oportunidades de alcançar seus sonhos. A dimensão atingida pela exclusão digital no Brasil tem aspectos diferentes da dimensão percebida em outros países. Em nosso país a exclusão digital está associada às desigualdades socioeconômicas e culturais. Talvez em outros países a exclusão digital pudesse ser abordada de forma separada da exclusão social, mas é impossível falar da exclusão digital sem mencionar os outros problemas existentes na sociedade brasileira, como o analfabetismo, desemprego, baixa renda e educação. A exclusão social e a exclusão digital são mutuamente causa e consequência. Os fatores da exclusão social aprofundam a exclusão digital e a exclusão digital contribui para o aumento da exclusão social. Até então, o governo brasileiro tinha direcionado suas políticas de inclusão digital para disponibilizar seus serviços de forma on-line, como Previdência, Receita Federal, entre outros. Só agora é que vem adotando políticas que tratam as características educadoras do *e-gov*, tornando-o inclusivo, e não exclusivo como vinha se mostrando. A tecnologia da informação passa então a ser uma ferramenta que pode contribuir para a prática de conceitos importantes como transparência, prestação de contas, controle social e participação popular, ajudando o brasileiro a exercer a sua cidadania. A inclusão digital vem no sentido de estar aproximando comunidades e desenvolvendo mecanismos de inteligência coletiva que possibilitem a elas acharem as soluções adequadas aos seus problemas e enriquecer, social, cultural e economicamente. A informática e a internet são importantíssimas para a educação, visto que facilitam as pesquisas e apoiam o desenvolvimento de trabalhos. Soluções como criação de telecentros e doação de computadores não

resolvem o problema da exclusão digital. É necessário mostrar as pessoas que as tecnologias podem ajudá-las no seu dia a dia, contribuindo para o desenvolvimento do capital intelectual e facilitando a realização de suas atividades. Não se pode obrigar as pessoas a utilizarem as tecnologias disponibilizadas. Elas têm que desenvolver seu interesse em aprender e utilizá-las. Em decorrência de sua amplitude, o tema "exclusão digital" faz-se digno de detalhamentos, investigações e pesquisas futuras. Os impactos causados principalmente dentro da sociedade brasileira, com suas diversidades econômica, social e cultural, são objetos ricos em nuances sociais e terreno fértil para buscar-se caminhos que levem o Brasil a ser um país melhor. Como consequência de sucessivos estudos, espera-se que programas governamentais e particulares possam surgir fundamentados nas informações que os pesquisadores gerem, levando o Brasil a um estado de excelência na iniciativa de aprimorar a educação e trabalho no país. Consideráveis resultados obtidos, pois não somente construímos conhecimentos, mas, sobretudo, fizemos com que eles despertassem o desejo de buscar melhorar a cada dia. A tecnologia não é um recurso como solução para atrair o interesse dos alunos para o desenvolvimento na vida escolar e interesse pelos estudos e conhecimentos, mas sim um método facilitador e que auxiliará os estudantes em seu desenvolvimento para o aprendizado, e busca pelo conhecimento. Paulo Freire (2010) "Não existe tal coisa como um processo de educação neutra. Educação ou funciona como um instrumento que é usado para facilitar a integração das gerações na lógica do atual sistema e trazer conformidade com ele, ou ela se torna a "prática da liberdade", o meio pelo qual homens e mulheres lidam de forma crítica com a realidade e descobrem como participar na transformação do seu mundo. "Freire acreditava que o homem precisa lidar com realidade e o meio a qual ele está inserido. Em tempos de pandemia causada pelo Covid-19, professores e educadores estavam sendo desafiados por este novo modelo de ensino remoto como alternativa de levar o conhecimento através do uso da tecnologia. Diante do que foi aplicado e vivenciado, tivemos uma experiência diferente, como o próprio Paulo Freire (2005, p.68) disse "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo." A educação vem nos

mostrando que realmente precisamos uns dos outros para que tudo isso possa ir crescendo cada vez mais. Sendo assim, o Projeto visa busca sempre e colocar a educação de forma inovadora e continuada, sempre caracterizando uma prática assegurada pela parte teórica do ensino e aprendizagem. Como a educação muda o mundo. A educação é uma arma poderosa. Atividades remotas, híbrida e nas presenciais da forma que está conduzida a educação após a crucial pandemia causada pela COVID-19 deixando experiência a educação, sala de aula, nos ambientes e novas formas de organização do ensino, apoio da família no processo educacional, entre outros. Através da educação, um cidadão se torna um ser mais questionador, tem mais oportunidades no mercado de trabalho e melhoria na sua própria qualidade de vida. A importância de aprender para si mesmo é compartilhar os conhecimentos com os outros. A utilização de equipamentos como computadores conectados à internet e as diversas ferramentas disponíveis que os aplicativos de acesso às aulas trazem, como textos, vídeos e imagens, tudo hiper conectado em único lugar, é uma ótima opção para prender a atenção dos alunos e para aperfeiçoar no manuseio ao acesso por parte dos discentes em suas aulas, atividades e nas elaborações de documentos, tais como Word e powerpoint. Ferramentas também de grande apoio para os discentes em seus trabalhos acadêmicos, trazem grande importância para a vida acadêmica dos mesmos. Diante do que foi aplicado e vivenciado, tivemos uma experiência diferente, como o próprio Paulo Freire (2005, p.68) disse “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.” A educação vem nos mostrando que realmente precisamos uns dos outros para que tudo isso possa ir crescendo cada vez mais. Sendo assim, o Projeto busca sempre colocar a educação de forma inovadora e continuada, sempre caracterizando uma prática assegurada pela parte teórica do ensino e aprendizagem aproximamos a pesquisa documental a aspectos do estudo de caso, pois essa metodologia permite analisar profundamente um objeto, discutindo detalhadamente uma situação particular (GODOY, 1995). Dessa forma, nos propomos a mapear e analisar todos os documentos do projeto Conectados disponíveis ao público, compreendendo que essa fonte é uma possibilidade de análise selecionada.

Benefícios da Tecnologia destacam-se: a integração da tecnologia na educação traz inúmeros benefícios, como: maior engajamento dos alunos, acesso a recursos educacionais digitais, personalização do ensino, desenvolvimento de habilidades **tecnológicas** essenciais e melhoria na comunicação e colaboração entre alunos e professores; apesar dos benefícios, existem desafios a serem superados, como a necessidade de infraestrutura adequada, investimento em capacitação docente, adaptação de currículos e a garantia de inclusão digital para todos os estudantes e o papel da liderança escolar é fundamental para o sucesso da integração da tecnologia na educação. Eles devem alinhar a visão, fornecer recursos e apoiar os professores e alunos durante todo o processo de transformação.

Referências

AMARO, R. R. A Exclusão Social Hoje. Disponível em [http://www.triplov.com/ista/cadernos/cad_09/amaro.html]. Acesso em 24 de abril de 2004.

ARAS, V. Exclusão Digital: o que é isto? Disponível em [www.suigeneris.pro.br/excldig.htm]. Acesso em: 19 de abril 2004.

BARDIN, L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições70, 1997.

BRADBROOK, G., FISHER, J. Digital Equality Report - Reviewing digital inclusion activity and mapping the way forwards. Disponível em [<http://www.citizenonline.org.uk/publications>]. Acesso em: 15 de maio. 2004.

CABRAL, P. Internet Banking: Ativando e envolvendo clientes. Disponível em [http://www.agenciaclick.com.br/br/estudos/artigo_832.asp] . Acesso em 21 de maio. 2004.

DIREITO, D. Inclusão Digital - Os rumos do projeto no Brasil: Revista Eletrônica Tema, Ano XXVIII, Edição 166, Abril 2003. Publicação Online [<http://www1.serpro.gov.br/publicacoes/tema/166/index.htm>]

GALVAO, A. Analfabetismo Digital: Seção e-Notícias do site Observatório da Imprensa, Edição 217, Março 2003. Disponível em [<http://observatorio.ultimosegundo.ig.com.br/artigos/eno260320031.htm>].

Acesso em 26 março de 2004.

LEVY, P. A Conexão Planetária - O Mercado, Ciberespaço, a Consciência. São Paulo: Editora 33, 2002.

NERI, M. C. Mapa da Exclusão Digital. Rio de Janeiro: FGV/IBRE, Centro de Políticas Sociais, 2003. 143 p.

SANTANA, R. As mudanças no governo eletrônico: Revista Eletrônica Tema, Ano XXVIII, Edição 168, Julho/Agosto 2003. Publicação Online [http://www.planejamento.gov.br/tecnologia_informacao/conteudo/noticias/comite_exec_egov_cria_camaras.htm]. Acesso em 26 de março de 2004.

SERPRO. Serpro leva inclusão digital a São Gonçalo - Rio de Janeiro: Revista Eletrônica Tema, Ano XXVIII, Edição 172, Março 2004. Publicação Online [http://www.serpro.gov.br/noticiasSERPRO/20040412_07]

SILVA FILHO, A. M. Os Três Pilares da Inclusão Digital, 2003. Disponível em <www.comunicacao.pro.br/setepontos/2/trespilares.htm>. Acesso em 24 de abril de 2004.

SPAGNOLO, G. Ações Concretas de Inclusão Digital, 2003. Disponível em <www.softwarelivre.org/news/1438>. Acesso em 17 de abril de 2004.

- O ambiente escolar e a importância do Psicopedagogo (Adricele Sousa Alves Rezende dos Santos; Clediane Mota de Jesus; Felipe Stival Harter; Nathaly Servilha Harter)

O ambiente escolar e a importância do Psicopedagogo

Adricele Sousa Alves Rezende dos Santos

Clediane Mota de Jesus

Felipe Stival Harter

Nathaly Servilha Harter

DOI: 10.5281/zenodo.13357161

RESUMO

Dentre tantos ambientes que contribuem para o desenvolvimento humano, a escola pode ser considerada o mais importante deles. Um ambiente escolar deve ser estruturado, pensando e preparado para contribuir nas aprendizagens respeitando as especificidades de cada aluno e as necessidades especiais buscando uma escola acolhedora e preocupada com o desenvolvimento integral dos alunos. Diante disso, a atuação de vários profissionais soma os esforços para contribuição com alunos, formação de professores, estimulação da participação familiar. Dentre eles, o psicopedagogo possibilita compreensão das dificuldades e a construção do processo de aprendizagem em conjunto com professores e família.

PALAVRAS-CHAVE: Educação especial. Inclusão escolar. Reflexões.

ABSTRACT

Among the many environments that contribute to human development, the school can be considered the most important. A school environment should be structured, designed, and prepared to support learning while respecting the specific needs of each student and addressing special requirements, aiming to create a welcoming school focused on the holistic development of students. In this context, the efforts of various professionals combine to support students, teacher training, and family involvement. Among them, the psychopedagogue facilitates the understanding of difficulties and the construction of the learning process in collaboration with teachers and families.

KEYWORDS: Special education, school inclusion, reflections.

INTRODUÇÃO

O tema escolhido para esta pesquisa surgiu da observação prática da importância de o aluno vivenciar diversos ambientes, especialmente o escolar. As experiências cotidianas desempenham um papel crucial na formação do indivíduo, fornecendo-lhe ferramentas essenciais para suas futuras necessidades.

É papel da escola criar um ambiente educacional de qualidade, comprometido com o desenvolvimento integral de todos os alunos, respeitando suas especificidades individuais. Para alcançar esse objetivo, é fundamental reconhecer a necessidade da atuação de diversos profissionais, em vez de atribuir toda a responsabilidade exclusivamente ao professor.

Primeiramente, é importante refletir sobre a importância da escola, os desafios e conflitos envolvidos na busca por uma educação de qualidade. Em seguida, vamos analisar o papel de um desses profissionais, começando pela psicopedagogia. Abordaremos as atribuições e as áreas de atuação do psicopedagogo como parte integrante da equipe escolar. Por fim, examinaremos as perspectivas do trabalho psicopedagógico no ambiente escolar.

Esta pesquisa será bibliográfica e baseada nas principais contribuições de autores renomados que discutem o tema.

O ambiente escolar e seus conflitos

Para que aconteça o desenvolvimento humano se faz necessário uma organização complexa e contínua que envolvem fatores como genética e fatores ambientais. Esses fatores podem ser entendidos como condições nutricionais, ambientais, a estimulação familiar, o padrão cultural, o nível educacional e socioeconômico da família.

São vários ambientes e situações que contribuem. Neles se encontram diferentes fontes que se fazem necessários para o desenvolvimento humano. Se esse ambiente não propiciar situações favoráveis que contribuem para tal, surge a possibilidade de um fracasso.

Dentre tantos existentes o escolar pode ser considerado o mais importante. Conceição (2018) considera relevante a escola pois é ela que desde a infância até a adolescência oportuniza a vivência de situações fora do seu contexto familiar e convivência em grupos diferentes de suas próprias realidades.

Segundo Canivez (1991), a escola passa a ser o espaço social, depois da família:

A escola, de fato, institui a cidadania. É ela o lugar onde as crianças deixam de pertencer exclusivamente à família para integrarem-se numa comunidade mais ampla em que os indivíduos estão reunidos não por vínculos de parentesco ou de afinidade, mas pela obrigação de viver em comum. A escola institui, em outras palavras, a coabitação de seres diferentes sob a autoridade de uma mesma regra. (p. 33)

É dentro da escola que acontecem diferentes processos de desenvolvimento que se dão por meio de um ambiente adequado para o desenvolvimento físico, desenvolvimento social, moral e psíquico. Para Rego (2002):

Um ambiente estimulante para a criança é aquele em que ela se sente segura e ao mesmo tempo desafiada, onde ela sinta o prazer de pertencer a aquele ambiente e se identifique com o mesmo e principalmente um ambiente em que ela possa estabelecer relações entre os pares. Um ambiente que permite que o educador perceba a maneira como a criança transpõe a sua realidade, seus anseios, suas fantasias. Os ambientes devem ser planejados de forma a satisfazer as necessidades da criança, isto é, tudo deverá estar acessível à criança, desde objetos pessoais como também os brinquedos, pois só assim o desenvolvimento ocorrerá de forma a possibilitar sua autonomia, bem como sua socialização dentro das suas singularidades (p. 47).

Mesmo diante de toda essa importância, nem sempre no ambiente escolar as coisas acontecem da forma que se espera. Podem acontecer diferentes conflitos que vão desde políticas públicas, disparidade no acesso aos recursos, contexto social ambientado pela escola, profissionalismo, falta de capacitação e as dificuldades de aprendizagem.

O mundo que nos cerca na atualidade está em transformações constantes. Transformações essas em diversos âmbitos, como social, tecnológico, saúde e outros. Dessas mudanças, a mais complexa de todas acontece entre as pessoas e o capital aumentando a disparidade entre ricos e pobres, onde respectivamente um desfruta de diferentes possibilidades de viver e o outro sobrevive.

Diante dessa discrepância social que reflete em diferentes setores sociais, está a situação do ambiente escolar que ainda não consegue suprir todas as demandas escolares. A escola ainda não tem condições de promover uma educação de qualidade que confronte com as desigualdades sociais, que acabe com a padronização do ensino, extermine a aprendizagem não autêntica e considere todo o ser que passe pela escola como único e merecedor de todos os esforços para que sua experiência no ambiente escolar, desenvolvimento e aprendizagem aconteçam de forma completa. A declaração de Salamanca (Brasil, 1994) orienta que

As escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas e entre outras. Devem acolher crianças com deficiências e bem-dotadas, crianças que vivem na rua e que trabalham entre outras. (...)

Diante de tanta importância, faz-se necessário a busca de um ambiente escolar digno, completo, respeitando as especificidades de todos que circulam e propicie uma educação de boa qualidade. Segundo Zanata; Capellin (2013) p. 281):

A educação é considerada atualmente como um processo que pode favorecer a reflexão crítica e a busca de soluções para os problemas que encontramos na humanidade; o acesso ao conhecimento se torna um instrumento de luta no processo de humanização da sociedade, na tentativa de conquistarmos mais justiça, solidariedade e igualdade entre os homens. Não podemos ser ingênuos e pensar que a educação sozinha vai ser a “redentora da pátria”, porém as práticas educativas podem, em cotidiano escolar, colaborar para minimizar ou aumentar este processo secular de exclusão, quando primeiramente tomarmos consciência de que a escola produz e reproduz preconceitos. (p. 281):

Todos os envolvidos nos diferentes processos educativos devem entender que a escola é a responsável pela transformação do indivíduo, alterando comportamentos respeitando os diferentes aspectos dos seres, sejam políticos, sociais, religiosos e econômicos.

Abrangendo o pensamento sobre as necessidades especiais, se faz necessário eliminar pensamentos excludentes sobre a incapacidade de conviver, aprender e estudar com os demais. Faz parte da função da escola dar continuidade as transformações para assimilação e construção de conhecimento. Stainback; Stainback (1999) completa:

A educação inclusiva pode ser definida como a prática da inclusão de todos – independentemente de seu talento, deficiência, origem socioeconômica ou cultural – em escolas e salas de aula provedoras, onde as necessidades desses alunos sejam satisfeitas (p. 21).

Psicopedagogo no ambiente escolar

Para que um ambiente escolar seja de qualidade, vários quesitos são necessários. Os desafios quem envolvem essa qualidade são as dificuldades de aprendizagem, falta de investimento financeiro e sobrecarga de trabalho. Os profissionais da escola, além de transmitir conhecimentos, devem levar em consideração as questões sociais, políticas e culturais que sempre interferem no social e intelectual da criança.

Diante de toda essa perspectiva, surge a Psicopedagogia para auxiliar na desafiante tarefa de educar. Azevedo (2004) afirma:

A Psicopedagogia em seu desejo de conhecer mais sobre o outro, para poder ajudá-lo a vencer suas dificuldades, superar seus problemas de aprendizagem e compreender os elementos que interferem nesse processo, em busca da autoria de pensamento, tem como o seu maior desafio: aprender a conhecer, aprender a fazer e aprender a ser (p. 72).

A Psicopedagogia é uma área que possibilita diversas atuações de trabalho já que seu objetivo principal é investigar e estudar como acontece a aprendizagem humana. A “Psicopedagogia é um campo de atuação em

Educação e Saúde que se ocupa do processo de aprendizagem considerando o sujeito, a família, a escola, a sociedade e o contexto sócio-histórico, utilizando procedimentos próprios, fundamentados em diferentes referenciais teóricos” (ABPP, 2011, p.1)

Um psicopedagogo é capaz de compreender padrões normais e evolutivos que envolve cada processo de aprendizagem, estuda como a família, a escola e a sociedade podem influenciar no desenvolvimento humano. Não é um trabalho para criticar e apontar possíveis erros cometido nos diversos ambientes, mas sim trabalhar especificamente em projetos, orientações nas propostas e métodos de ensino e mediar as relações entre família, professores e alunos.

Para Rubinstein (1987, p. 103)

... num primeiro momento a Psicopedagogia esteve voltada para a busca e o desenvolvimento de metodologias que melhor atendessem aos portadores de dificuldades, tendo como objetivo fazer o reeducação ou a remediação e desta forma promover o desaparecimento do sintoma. E, ainda, a partir do momento em que o foco de atenção passa a ser a compreensão do processo de aprendizagem e a relação que o aprendiz estabelece com a mesma, o objeto da psicopedagogia passa a ser mais abrangente: a metodologia é apenas um aspecto no processo terapêutico, e o principal objetivo é a investigação de etiologia da dificuldade de aprendizagem, bem como a compreensão do processamento da aprendizagem, considerando todas as variáveis que intervêm neste processo.

Uma das principais funções atribuídas ao trabalho psicopedagógico é estudar e interferir nas dificuldades de aprendizagem e os possíveis transtornos garantindo que cada indivíduo seja respeitado e entendido como único e que a escola possa garantir que todos os conteúdos sejam assimilados e o desenvolvimento de aspectos como raciocínio, inteligência imaginação e criatividade. Esse estudo compreende a busca por informações relacionadas ao processo e identificar quais são os aspectos positivos e a potencialidade do aluno conforme afirma Nascimento (2013)

... a Psicopedagogia estuda os processos de aprendizagem, ou seja, os mecanismos do aprender e do não aprender, aquilo que interfere,

as dificuldades e transtornos de aprendizagem. A Psicopedagogia Institucional se propõe a analisar a instituição educacional como um todo, sujeitos que a compõe, metodologias de trabalho, currículo, a fim de auxiliar no sucesso educacional (p. 3).

O psicopedagogo também pode avaliar os alunos com dificuldades de aprendizagem para identificar quais são as situações que interferem no seu desempenho visando o bom andamento das atividades. Por intermédio de uma postura diagnóstica, deve ser sugerido um trabalho coletivo com diferentes profissionais em prol do aluno. Essa intervenção, segundo Fabricio e Cantos (2011)

... precisa ter um caráter multidisciplinar (objetivos e estratégias comuns com avaliação dos efeitos), processual (seguir um padrão de planejar/desenvolver/avaliar/replanejar) e singular (específico para cada um)". (p. 5 e 6)

No que diz respeito a relação entre psicopedagogo e a família, Brum & Pavão (2014) diz

O importante para acontecer o trabalho da psicopedagoga é a parceria da família do sujeito e, se preciso, o acompanhamento de outros profissionais de outras áreas afins concernentes ao problema básico do não aprender. Na maioria das vezes, o problema de aprendizagem está totalmente ligado à família e se torna um grande mistério descobrir. O conhecimento científico e a dedicação do profissional da Psicopedagogia podem ajudar a desvendar o que está escondido. (Brum & Pavão7, p. 117).

Ressaltamos que a nossa compreensão de família não é o mesmo. Não existe um padrão e sim uma variedade em desenvolvimento da identidade própria. Junto com esse desenvolvimento, a relevância da família contínua em reconhecimento a ser o primeiro local de aprendizado por meio de contatos sociais, vivências e experiências educacionais. Como família, os pais precisam encorajar a realização de tarefas que respeitem as capacidades das crianças tendo coerência nas exigências e maior aceitação do fracasso, despertando assim um sentimento de autoconfiança e elevação da autoestima.

O trabalho psicopedagógico também tem uma importância significativa para a inclusão escolar. É válido citar também os deveres do psicopedagogo.

Além de ter uma formação acadêmica, devem ser seguidos alguns deveres ao longo de sua prática:

a) manter-se atualizado quanto aos conhecimentos científicos e técnicos que tratam da aprendizagem humana; b) desenvolver e manter relações profissionais pautadas pelo respeito, pela atitude crítica e pela cooperação com outros profissionais; c) assumir as responsabilidades para as quais esteja preparado e nos parâmetros da competência psicopedagógica; d) colaborar com o progresso da Psicopedagogia; e) responsabilizar-se pelas intervenções feitas, fornecer definição clara do seu parecer ao cliente e/ou aos seus responsáveis por meio de documento pertinente; f) preservar a identidade do cliente nos relatos e discussões feitos a título de exemplos e estudos de casos; g) manter o respeito e a dignidade na relação profissional para a harmonia da classe e a manutenção do conceito público (ABPP, 2011, p. 3)

Pensando nas novas demandas escolares e num modelo de educação inclusiva, Stainback e Stainback (1999) nos faz lembrar que

Se realmente desejamos uma sociedade justa e igualitária, em que todas as pessoas tenham valor igual e direitos iguais, precisamos reavaliar a maneira como operamos em nossas escolas, para proporcionar aos alunos com deficiências as oportunidades e as habilidades para participar da nova sociedade que está surgindo. (p.29)

É também responsabilidades do psicopedagogo é assegurar que todos os alunos tenham acesso às mesmas oportunidades educacionais, independentemente de suas diferenças. Isso inclui garantir que o ambiente escolar seja inclusivo e livre de discriminação, oferecendo suporte para que cada aluno possa participar plenamente do processo educativo.

O objetivo do tratamento psicopedagógico é o desaparecimento do sintoma e a possibilidade do sujeito aprender normalmente em condições melhores enfatizando a relação que ele possa ter com a aprendizagem, ou seja, que o sujeito seja o agente da sua própria aprendizagem e que se aproprie do conhecimento (Bossa, 2007, p.21).

Conclusão

A escola é um espaço essencial para a experimentação e preparação para o futuro, além de promover a ressignificação dos conteúdos. Ela proporciona a interação entre os pares e a formação de caráter, princípios e valores morais, fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Diante das múltiplas atribuições e desafios do ambiente escolar, é crucial a atuação de diversos profissionais, destacando-se o papel do psicopedagogo.

O psicopedagogo é um profissional fundamental no processo educativo, pois consegue estabelecer vínculos sólidos com os alunos e colaborar na aplicação de métodos pedagógicos adequados ao desenvolvimento integral de cada indivíduo. Sua atuação é vital para que os alunos que necessitam de apoio psicopedagógico possam se conectar com o ambiente escolar e utilizar efetivamente os aprendizados em sala de aula, respeitando suas especificidades.

A psicopedagogia trabalha para estabelecer vínculos de confiança com alunos, professores e familiares para que todos compreendam as necessidades individuais de cada estudante, plano de atuação com estratégias eficazes de intervenção e apoio.

A escola tem a responsabilidade de promover a igualdade de condições e garantir que todos os alunos tenham acesso e permaneçam no ambiente escolar sem discriminação. O psicopedagogo contribui significativamente para essa missão, envolvendo todos os responsáveis pelo processo de ensino e ampliando a compreensão das diferentes necessidades dos alunos. Ele orienta a equipe escolar na utilização de ferramentas e estratégias apropriadas para atender a essas necessidades, ajudando cada criança a descobrir suas capacidades e a interagir com o mundo ao seu redor de maneira competente.

Em suma, o psicopedagogo desempenha um papel essencial na criação de um ambiente educativo inclusivo e estimulante, onde cada aluno pode se desenvolver plenamente e contribuir para uma sociedade mais equitativa e harmoniosa.

REFERÊNCIAS

ABPP. Associação Brasileira de Psicopedagogia. **Diretrizes da formação de psicopedagogos no Brasil**. 2019. Disponível em:

http://www.abpp.com.br/documentos_referencias_diretrizes_formacao.html.

Acesso em: 1 mar. 2020.

Código de Ética da Psicopedagogia. 2011. Disponível em:

<http://www.abpp.com.br/wp-content/Código-de-Ética-última-revisão-Simpósio.pdf>.

Acesso em: 4 mar. 2020.

AZEVEDO C. **Psicopedagogia e alfabetização: Um processo de mobilização social**. In: Scoz BJL, Feldman C, Gasparian MCC, Maluf MIM, Mendes MH, Bombonato Q, et al., orgs. *Psicopedagogia: Contribuições para a educação pós-moderna*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: ABPp; 2004.

BOSSA, Nadia A. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Artes médicas sul, 2007.

Brum FT, Pavão SMO. **Espaços psicopedagógicos na escola: legitimados ou urgentes?** Rev Psicopedag. 2014;31(95):109-18.

CANIVEZ, Patrice. **Educar o cidadão?** São Paulo: Papirus, 1991.

COELHO, Maria Teresa. **Problemas de Aprendizagem**. Editora Ática, 1999.

CONCEIÇÃO, Cristiane Silva. **A importância do psicopedagogo no ambiente escolar**. Anais do encontro internacional virtual educa, 2018.

FABRICIO, N. M. C.; CANTOS, P. V. V. **Diagnóstico-intervenção-perspectivas: atuação da escola inclusiva**. Revista Construção Psicopedagógica, v. 19, n. 19, p. 5-6, 2011.

NASCIMENTO, K. A. O. **O trabalho do psicopedagogo institucional: experiência em uma escola de Teresina/PI.** In: V FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA, 5., 2013. Santa Maria. *Anais...* Santa Maria: UFSM, 2013. p. 1-11.

REGO, Teresa Cristina. **Vigotsky - Aprendizado e desenvolvimento, um processo histórico.** São Paulo, Scipione, 1995.

REGO, Teresa C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação.** 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

RUBINSTEIN, E. **A especificidade do diagnóstico psicopedagógico.** In: SISTO, F. F. et al. (Org.). *Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar.* 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. Cap. 7, p. 127-139.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** 3. ed. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão: um guia para educadores.** Porto Alegre: Artmed, 1999.

UNESCO. **Declaração de Salamanca. Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais.** Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>> Acesso em: 23 dez. 2009.

ZANATA, Eliana Marques; CAPELLIN, Vera Lúcia Messias Fialho. **A Construção de uma escola inclusiva por meio da colaboração. In Aprendizagem, comportamento e emoções na infância e adolescência.** KONKIEWITZ, Elisabete C. (org). Dourado/Mato Grosso do Sul: Ed. UFGD, 2013.

**- O brincar na educação infantil: Concepções e Práticas Pedagógicas
(Alessandra Almeida Cavalcante Varella; Dayane Ferreira Amaral Côrtes;
Maria José Nunes Mota; Lígia Mara Ormond Pereira)**

O brincar na educação infantil: Concepções e Práticas Pedagógicas

Alessandra Almeida Cavalcante Varella

Dayane Ferreira Amaral Côrtes

Maria José Nunes Mota

Lígia Mara Ormond Pereira

DOI: 10.5281/zenodo.13208964

RESUMO

A Educação Infantil é a etapa inicial da educação básica e desempenha um papel crucial no desenvolvimento das crianças, conforme a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A BNCC enfatiza que a Educação Infantil deve ser intencional, com foco na socialização e no aprendizado por meio de interações e brincadeiras. O brincar é visto como um direito fundamental e uma ferramenta essencial para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. A pesquisa analisa a importância das brincadeiras e diferencia conceitos como jogo, brinquedo e brincadeira. Brincar não deve ser considerado apenas como um passatempo, mas como uma atividade estruturada que promove habilidades e competências. Estudos mostram que a exposição precoce a tecnologias digitais pode prejudicar a sociabilidade e o desenvolvimento infantil, destacando a necessidade de valorizar brincadeiras tradicionais e criativas. O artigo explora diversas categorias de brincadeiras, como as de faz de conta e as com materiais de construção, e ressalta o papel do professor em planejar e mediar essas atividades. O brincar deve ser integrado ao currículo e aos objetivos educacionais, com atenção às necessidades e características individuais das crianças. A pesquisa conclui que a valorização e a correta implementação das brincadeiras são essenciais para um desenvolvimento infantil pleno e significativo.

Palavras-chave: Educação Infantil. Brincadeiras e aprendizagem.

Introdução

A Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica. Por isso, todo o constructo de conhecimentos trabalhados durante a creche e pré-escola são importantes para o processo de desenvolvimento das crianças. Nesse sentido, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) explicita a necessidade de se imprimir durante a educação infantil intencionalidade educativa às atividades nela realizadas em contraste a esperar que o processo de desenvolvimento

natural e espontâneo dê conta de todas as necessidades de aprendizagem que as crianças necessitam (BRASIL, 2017).

Conforme a Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil - BNCCEI (BRASIL, 2017), a Educação Infantil representa momento em que a criança sai do seio familiar para participar de uma socialização estruturada e intencional no lócus da educação formal. Uma vez que é o início e o fundamento do processo educacional, a BNCCEI ressalta que as experiências nessa etapa da Educação Básica possibilitam aprendizagens, desenvolvimento e socialização por meio das interações e brincadeiras (BRASIL, 2017).

Considerando que as aprendizagens e o desenvolvimento das crianças na educação infantil se pautam pelas interações e brincadeiras (BRASIL, 2018) e que as instituições de Educação Infantil apresentam relevância para o desenvolvimento da criança, este trabalho objetiva apresentar a importância do brincar na Educação Infantil.

Para a realização do presente trabalho, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em que foram consultados artigos científicos, trabalhos de conclusão de cursos e documentos normativos pertinentes à educação infantil e à importância do brincar nessa etapa de ensino. Assim, neste trabalho foram utilizados artigos científicos, trabalhos e livros cuja temática enfocavam discutir a importância das brincadeiras na Educação Infantil. Além disso, foram considerados fontes normativas e documentos produzidos pelo Poder Público - Constituição da República Federativa do Brasil, Lei de Diretrizes e Bases da educação Nacional, Referencial Curricular para a Educação Infantil, Diretrizes Nacionais da Educação Infantil e Base Nacional Comum Curricular.

O brincar na educação infantil: importância e práticas

Desde o mais tenro desenvolvimento, as brincadeiras estão inseridas na realidade das crianças e são entendidas como atos espontâneos e naturais, indispensáveis ao desenvolvimento infantil. Considerando que cada vez mais cedo as crianças começam a frequentar a escola, deve-se considerar que a

brincadeira como recurso privilegiado na intervenção pedagógica. “O brincar transcende a todos os níveis da vida de uma criança e abrange as emoções, o intelecto, a cultura, aspectos físicos e o comportamento” (ARANEGRA; NASSIM; CHIAPPETTA, 2006).

Atualmente, brincar é entendido como direito fundamental na educação infantil, já que crianças são sujeitos históricos e de direitos. Com frequência, é através das brincadeiras que as crianças expressam as primeiras formas de linguagem (SANT’ANA et al., 2022).

Baseando-se nas ideias de Kishimoto (2008), que observa que no Brasil os termos jogo, brinquedo e brincadeira costumam ser usados como se fossem sinônimos, é essencial fazer uma distinção e definição clara desses conceitos para compreendê-los melhor. Segundo a autora, o conceito de jogo pode ser desdobrado em três níveis: “um resultado de um sistema linguístico inserido em um contexto social; um sistema de regras; e um objeto” (p. 18). A última interpretação do jogo – o jogo enquanto objeto – o define como um suporte para a brincadeira.

O brinquedo possui uma relação aproximada com a criança. Por isso, ele é utilizado para representar uma realidade, assim como atua como substituto de objetos reais, a fim de a criança ou o adulto possa manipulá-lo para representar realidades imaginárias. Quando comparado ao jogo, verifica-se que o brinquedo dispensa um sistema de regras que balizam sua utilização (KISHIMOTO, 2008).

Já a brincadeira é considerada por Kishimoto como “a ação que a criança desempenha ao concretizar as regras do jogo, ao mergulhar na ação lúdica. Pode-se dizer que é o lúdico em ação. Desta forma, brinquedo e brincadeira relacionam-se diretamente com a criança e não se confundem com o jogo” (2008, p. 24). Percebe-se, pois, que a ação com maior conjunto de mobilizações cognitivas caracteriza a brincadeira.

Assim, a capacidade de criar das crianças está intimamente ligada à riqueza e à diversidade das experiências que elas vivenciam na escola. A brincadeira é uma das possibilidades de atividades que podem ser empregadas para fomentar a aprendizagem e constituição de sua autonomia.

Atualmente, as crianças são expostas cada mais cedo ao uso de telas e outras tecnologias com o intuito inicial de entretenimento. Assim, essa prática tem perdurado durante todo desenvolvimento infantil, consolidando um “novo brincar”, substituindo as brincadeiras tradicionais.

No entanto, Costa e Almeida (2021) assinalam que a exposição precoce às telas – celulares, computadores, tablets – tem repercutido na sociabilidade, pois a criança fica cada mais tempo imersa na realidade virtual onde não há estímulos para o estabelecimento de interações vínculos com outras crianças. O excesso do uso de telas digitais, explicam os autores, pode ocasionar prejuízos tanto na infância como na vida adulta: distúrbios alimentares, problemas na visão, isolamento social, dificuldade de foco e de aprendizagem, dores nas costas, hiperatividade.

O brincar, em contraste com a prática social de inserção precoce de tecnologias à rotina da criança abordado por Costa e Almeida (2021), propicia diversas possibilidades ao mundo infantil. Nesse sentido, de acordo com as BNCCEI, “ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções” (BRASIL, 2017, p. 37).

A importância do brincar na Educação Infantil está inserida aos cinco campos de experiência dispostos pela BNCCEI: O eu, o outro e o nós; Corpo, gestos e movimentos; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; Espaço, tempo, relações e transformações. Que se traduzem por meio de experiências, habilidades, valores e vivências necessárias no trabalho escolar com alunos de zero a cinco anos de idade.

Para os Referenciais Curriculares para a Educação Infantil (RCNEI), a linguagem infantil perpassa a dimensão da brincadeira, cujo tipo de linguagem é a lúdica, do plano da imaginação da criança, e a dimensão do “não-brincar”, que reflete a realidade imediata, concreta, da criança. Ambas as dimensões estão relacionadas, pois “toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das ideias, de uma realidade anteriormente vivenciada” (BRASIL, 1998, p. 27).

Por meio da oferta da brincadeira na rotina escolar, Silva (2022) pontua que são estimulados o senso de organização e de responsabilidade. As crianças assumem uma rotina organizada e verificaram a necessidade de cuidar dos brinquedos, o que gera um sentimento de responsabilidade e pertencimento ao espaço educativo.

São diversos os espaços onde as brincadeiras podem ocorrer, mas no ambiente escolar elas assumem intenção e direção com vistas à construção do conhecimento. Na educação formal, a brincadeira deve ser estruturada pelo professor. O trabalho do docente possibilita espaço, tempo, recursos e roteiros adequados à brincadeira. Essa intervenção, que é intencional, enriquece competências imaginativas, criativas e organizacionais infantis. Igualmente, a dimensão avaliativa da educação infantil faz-se presente para o professor, ao utilizar as brincadeiras, mediante a apreciação do desenvolvimento das crianças, individual ou coletivamente (BRASIL, 1998).

Por meio do comportamento das crianças sobre objetos da brincadeira, o educador tem a oportunidade de visualizar como ela se organiza para construir conhecimentos. Na brincadeira, a criança tem a oportunidade de mostrar inteiramente suas capacidades cognitivas, porquanto não há cobrança para que ela mostre um comportamento esperado (ARANEGRA; NASSIM; CHIAPPETTA, 2006).

Assim, emerge a importância de os educadores para a preparação das brincadeiras na Educação Infantil. Enquanto mediadores, cabe-lhes propiciar espaço, tempo e materiais adequados para as crianças brincarem. Além disso, os educadores devem planejar esses momentos de acordo com o perfil da turma e auxiliar na proposição de regras que estimulem a participação e forjem valores esperados e adequados ao planejamento educacional (SILVA, 2020), pois “no caso da criança, o imaginário varia conforme a idade: para o pré-escolar de 3 anos, está carregado de animismo; de 5 a 6 anos, integra predominantemente elementos da realidade” (KISHIMOTO, 2008, p. 21).

Cunha (2008), discorre que o trabalho com a ludicidade e as brincadeiras é por vezes não compreendido por algumas famílias de alunos e até mesmo por alguns docentes. O desconhecimento a respeito dos normativos

legais da educação, gera exigências de uma alfabetização precoce por parte de alguns pais e familiares, do outro lado a existência de brincadeiras no contexto educacional provoca o receio de alguns professores na perda do controle e da disciplina em sala. As problemáticas citadas, reforçam a importância de formações e estudos na área, de forma a direcionar tanto a comunidade que vivencia o ambiente escolar da educação infantil, quanto os docentes.

A aprendizagem deve ser significativa e o significado nessa primeira fase da vida, depende, mais que em qualquer outra, da ação corporal. Devemos considerar a importância do brincar, da representação, da imaginação e da atividade física para a criança, não se preocupando apenas com os aspectos relativos à alfabetização. (CUNHA, 2008, p.38).

Silva (2020) destaca a importância de o educador compreender claramente o papel fundamental das brincadeiras, não as considerando apenas como momentos de entretenimento ou atividades isoladas, mas sim como partes integrantes do objetivo educacional mais amplo, que envolve interações e processos de construção e reconstrução. Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) afirmam no Artigo 9º: “as práticas pedagógicas na Educação Infantil devem ser orientadas pelas interações e pela brincadeira” (BRASIL, 2010).

Aranegra, Nassin e Chaiappetta (2006) ressaltam que é responsabilidade do educador garantir que a criança tenha um papel central em seu próprio processo de aprendizagem. Eles destacam a importância de permitir que a criança brinque, pois isso é fundamental para o desenvolvimento de habilidades de comunicação e compreensão de vários conceitos. Assim, o educador deve reconhecer o valor da brincadeira como um estímulo essencial para a aprendizagem.

A criança não nasce sabendo brincar, ela precisa aprender, por meio das interações com outras crianças e com os adultos. Ela descobre, em contato com objetos e brinquedos, certas formas de uso desses materiais. Observando outras crianças e as intervenções da professora, ela aprende novas brincadeiras e suas regras. Depois que a aprende, pode reproduzir ou recriar novas brincadeiras. Assim,

ela vai garantindo a circulação e preservação da cultura lúdica (KISHIMOTO, 2010. p. 2).

As DCNEI, assumindo que as crianças são o centro do planejamento curricular, preconizam que as propostas pedagógicas da Educação Infantil devem considerar que elas vivenciam, constroem sua identidade pessoal e coletiva, brincam, imaginam, fantasiam, desejam, aprendem, observam, experimentam, narram, questionam e constroem sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2010).

Cunha (2008), afirma que o valor do ato de brincar ultrapassa o de ser apenas mais uma atividade preestabelecida para um horário determinado, “é uma situação de aprendizagem em potencial, tanto para crianças, quanto para adolescentes, quanto para os adultos” (Cunha, 2008, p. 39).

Para Cória-Sabini e Lucena (2005), em qualquer idade, as crianças apresentam grande interesse pelas brincadeiras. Em consequência, elas dispensam atenção sustentada aos objetivos ínsitos às atividades e são incansáveis na repetição, características que são desejáveis em toda a educação formal, entretanto, dificilmente são percebidas em atividades fora do contexto lúdico que a brincadeira proporciona.

Segundo os RCNEI, o brincar apresenta algumas categorias de experiência, que se diferenciam pelo uso do material ou dos recursos. Essas categorias de experiências são agrupadas pelo Documento em três modalidades básicas que por meio da atividade lúdica possibilitam a diversificação dos conhecimentos. A primeira modalidade básica é denominada *brincar de faz-de-conta ou com papéis*, “considerada como atividade fundamental e da qual se originam todas as o outras” (BRASIL, 1998, p. 28). A segunda, denomina-se *brincar com materiais de construção*. Por fim, a terceira modalidade básica de brincadeira diz respeito ao *brincar com regras*, como exemplo os jogos de tabuleiro.

Conforme Silva (2020) são possibilidades de brincadeiras que podem ser exploradas no ambiente escolar: Brincadeiras ou Jogos de Perseguir, Procurar e Pegar; Brincadeiras ou Jogos de Correr e Pular; Brincadeiras de Roda; Brincadeiras de Adivinhar; Brincadeiras ou Jogos de Faz de Conta;

Brincadeiras com brinquedos construídos; Brincadeiras com a imaginação; Brincadeiras com palavras e ideias; Brincadeiras com Ritmo e Música; Brincadeiras com Números; Brincadeiras com Arte; Brincadeiras com o Corpo.

Considerando esse rico universo de brincadeiras, Aranegra, Nassim e Chiappetta (2006) comentam que brincadeiras desenvolvidas em equipe permite que as crianças desenvolvam habilidades sociais, morais e respeitem regras. Nas brincadeiras de roda, atividades e jogos com música,

... ocorre intensa atividade psicomotora e estimulação cognitiva; a criança utiliza seu equipamento sensório-motor, acionando corpo e pensamento. Enquanto é desafiada a desenvolver habilidades operatórias que envolvem a identificação, observação, comparação, análise, síntese e generalização, a criança vai conhecendo suas possibilidades e desenvolvendo cada vez mais a autoconfiança. (ARANEGRA; NASSIM; CHIAPPETTA, 2006, p. 145).

Kishimoto (2008) apresenta três grupos de brincadeiras para situações pedagógicas: brincadeiras tradicionais, brincadeiras de faz de conta e brincadeiras com jogos de construção.

As brincadeiras tradicionais relacionam-se ao folclore. O seu emprego se pauta pela expressão da oralidade, mediante cantigas, e, nessas brincadeiras, podem ser explorados os costumes e valores de um povo em certo período. São exemplos: o jogo de amarelinha, pipa, jogar pião, jogos com bolinhas de gude.

As brincadeiras de faz de conta empregam a simbologia, evidenciam a presença da situação imaginária, são representados papéis e situações em que a criança tem a oportunidade exercitar a imaginação ao expressar sonhos, fantasias e poder compreender personagens do contexto social em que vive. Nesses tipos de brincadeiras, o professor pode, a fim de possibilitar que a criança expanda os conceitos aprendidos, explorar significados dos objetos e situação, bem como recriá-los.

As brincadeiras com jogos de construção estimulam a criatividade, desenvolvem as habilidades e enriquecem a experiência sensorial. Essas brincadeiras têm relação com as de faz de conta. Possibilitam que a criança manipule objetos e expresse suas representações mentais.

Essa diversidade de brincadeiras, com suas muitas possibilidades, vai ao encontro da concepção que entende que a criança pode atuar ativamente em sua própria aprendizagem. O professor deve ser um investigador e atuar respeitando as particularidades, pois cada discente aprende e se desenvolve em tempo oportuno. Por isso, “o professor não deve considerar a classe como um grupo unitário, homogêneo, mas deve observar os alunos individualmente, percebendo detalhes que possam servir de referencial para uma possível e estratégica intervenção (CÓRIA-SABINI; LUCENA, 2005, p. 8).

Considerações Finais

O presente trabalho objetivou apresentar a importância do brincar no contexto da Educação Infantil, que constitui momento de grandes descobertas das crianças, o aprendizado é amplo, vai muito além de registros ou atividades escritas, está nos aspectos sociais e adaptativos, na convivência com outro, no cuidado, nas brincadeiras, nos momentos de troca e cooperação entre o grupo.

Ao longo da história, no Brasil, perdurou a concepção de que a Educação Infantil detinha viés assistencial, para compensar a situação das crianças de famílias pobres e para acolher crianças abandonadas. A educação foi, por muito tempo, exclusiva responsabilidade da família e o brincar estava alheio ao contexto educativo das crianças.

A realidade assumiu contornos distintos quando à criança foram conferidos direitos com a promulgação da CF/1988, que assumiu compromissos e deveres para com esses sujeitos. Nos anos pós Constituição Cidadã, diversas publicações oficiais foram confeccionadas e deram corpo a uma Política Nacional de Educação Infantil. O brincar foi erigido à condição de eixo norteador dessa etapa, que é entendida hoje como o fundamento da educação escolar.

Por meio do estudo bibliográfico, foi possível compreender que são distintos os conceitos de jogo, brinquedo e brincadeiras. O jogo, no contexto do brincar, é entendido como sistema de regras, o brinquedo é o objeto que

potencializa a brincadeira, que por sua vez, é entendida como o lúdico em ação (KISHIMOTO, 2008). O brincar apresenta diversas possibilidades para o desenvolvimento infantil para além da exposição precoce a telas de computadores, telefones celulares e tablets e contribui para a sociabilidade, coordenação motora, raciocínio espacial e matemático, e favorece o respeito a regras e organização da criança.

Foram vistas também diversas opções de brincadeiras, organizadas em categorias mais amplas, as brincadeiras de faz de conta, as brincadeiras com materiais de construção e as brincadeiras com jogos, com possibilidade por faixa etária da Educação Infantil, considerando que o professor deve atuar estrategicamente para favorecer uma aprendizagem ativa.

Vale destacar que o brincar não deve ser visto como ação em que a criança leva a efeito apenas como passatempo. O brincar na Educação Infantil envolve diversos momentos, que precisam estar organizados pelo professor, seja nos momentos ao ar livre, a exemplo do parque, nas brincadeiras livres em que o estudante tem a oportunidade de vivenciar as brincadeiras de sua escolha, de socializar com o outro, desenvolver seu imaginário e reproduzir suas realidades por meio do faz de conta, quanto nos momentos direcionados, em que ocorre a intervenção direta do professor, no estabelecimento das regras, combinados, assunto a ser trabalhado, momentos esses que devem estar imbuídos das intencionalidades adequadas aos objetivos educacionais.

Por isso, a necessidade da mediação de um adulto, no caso o professor da Educação Infantil, atuando no cuidar e educar das crianças, além da existência de materiais disponíveis, a exemplo de brinquedos diversos e jogos didáticos, é importante também, a existência de tempo e espaços necessários para o desenvolvimento das brincadeiras, como a existência de parquinhos e ambientes ao ar livre nas escolas, com o intuito de favorecer as potencialidades que essas atividades oferecem.

A valorização das brincadeiras no ambiente escolar é uma ação de vital importância, em especial na Educação Infantil. Para tanto, faz-se necessário o reconhecimento por parte da comunidade escolar como um todo, famílias, docentes, e autoridades educacionais, sobre os efeitos benéficos que a

brincadeira produz no desenvolvimento infantil, de como sua prática contribui positivamente no desenvolvimento de habilidades e competências escolares, tornando a sala de aula mais atrativa e o ato de aprender mais prazeroso e significativo.

Referências

ARANEGA, C. D. T.; NASSIM, C. P; CHIAPPETTA, A. L. de M. L. A importância do brincar na Educação Infantil. **Revista CEFAC**, vol. 8, núm. 2, pp. 141-146 Instituto Cefac São Paulo, 2006. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1693/169320515003.pdf>>. Acesso em: 02 ago. 2024.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8.069, de 13 de junho de 1990.

Ministério da Educação e Cultura. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: MEC, 1996.

Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. Resolução nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Diário Oficial da União**, Brasília, 18 de dezembro de 2009, Seção 1, p. 18. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/Ministério%20da%20Educação%20e%20do%20Desporto.%20Secretaria%20de%20Educação%20Fundamental.%20Referencial%20curricular%20nacional%20para%20a%20educação%20infantil.pdf)>. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: educação é a base.** Secretaria de Educação Básica. p. 25. Brasília, DF: MEC/SEB, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2024.

CARVALHO, A. M.; ALVES, M. M. F.; GOMES, P. de L. D. Brincar e Educação: concepções e possibilidades. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 10, n. 2, p. 217-226, mai./ago. 2005.

CÓRIA-SABINI, M. A; LUCENA, R. F. de. **Jogos e Brincadeiras na Educação Infantil.** 3ª ed. Campinas: Papirus, 2005.

COSTA, L. S.; ALMEIDA, M. P. P. M. de. **A substituição do brincar: implicações do uso de tecnologias por crianças de 0 a 2 anos.** Disponível em: <<https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/20066>>. Acesso em: 02 ago. 2024.

CUNHA, S. D. “**PROFESSORA, se o meu filho só brincar não vai aprender nada!**” – Por quê e Para quê brincar na Educação Infantil?, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16102/000668642.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 02 ago. 2024.

KISHIMOTO, T. M. (org.) **Jogo, brinquedo, brincadeira e educação.** São Paulo: Cortez, 2008.

KISHIMOTO, T. M. Brinquedos e brincadeiras na educação infantil. In: **Anais do I Seminário Nacional: Currículo em Movimento – perspectivas atuais.** Belo Horizonte, novembro de 2010.

PASCHOAL, J. D.; MACHADO, M. C. G. A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional.

Revista HISTEDBR On-line, Campinas, SP, v. 9, n. 33, p. 78–95, 2012. DOI:

10.20396/rho.v9i33.8639555. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639555>>

. Acesso em: 02 ago. 2024.

SANT'ANA, D. M. B. B.; RODRIGUES, E. G.; AZEVEDO, J. M. de.; SILVA, L. A. da.; BRITO, M. B. da S.; SOUZA, M. L. da S. O Brincar na Educação

Infantil: uma revisão sistemática. **Revista Ibero-Americana de Humanidades,**

Ciências e Educação, [S. l.], v. 8, n. 7, p. 1360–1373, 2022. DOI:

10.51891/rease.v8i7.6436. Disponível em:

<<https://scholar.archive.org/work/a3gkhkuzgvd2dbkdqu22uvdlxy/access/wayback/https://periodicorease.pro.br/rease/article/download/6436/2484/9386>>. Acesso

em: 02 ago. 2024.

SILVA, J. P. da. **A importância do Brincar na Educação Infantil**. 2020. 21 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia) - Centro de Educação, Núcleo de Educação a Distância/NEAD, Curso de Pedagogia - Pólo Maceió, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

SILVA, H. H. R. A. S. **O brincar na educação infantil: perspectivas docentes**. 2022. 34 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

- O papel do professor na inclusão do aluno autista (Eloisa Pereira da Silva; Karine Martins dos Santos; Keli Cristina Pereira da Silva; Lurdes Mariano Mendes)

O papel do professor na inclusão do aluno autista

Eloisa Pereira da Silva

Karine Martins dos Santos

Keli Cristina Pereira da Silva

Lurdes Mariano Mendes

DOI: 10.5281/zenodo.13271297

RESUMO

A tônica desse artigo está voltada para a reflexão sobre os efeitos da atuação pedagógica na inclusão do aluno TEA que estão cada vez mais sendo inseridos em turmas comuns no ensino regular em escolas públicas e privadas. Grandes avanços podem estar vinculados a lei Berenice Piana de nº12. 764/12 nome dado em homenagem a uma mãe que tem um filho autista e luta incansavelmente pelo direito de seu filho. Que reconhece o autista como deficiência, a saber, lei no ano de 2012, que instituiu a Política Nacional da Proteção dos direitos da pessoa com transtorno do Espectro Autista, assim como temos a declaração de Salamanca, e convenção de Guatemala, a mais atual e a lei 13.977 sancionada em 2020 conhecida como lei "Romeu Mion" que estabelece a emissão de uma carteirinha de identificação da pessoa com transtorno do Espectro Autista (TEA), grandes defensores da causa. Essa pesquisa tem como problemática quais os maiores desafios encontrados pelo educador no decorrer desse processo de inclusão. Para a realização deste trabalho utilizou-se de uma pesquisa de caráter bibliográfico com enfoque qualitativo. A partir dessa pesquisa notou-se entre outras vertentes que o professor é fundamental nesse processo e a mediação pedagógica pode cada vez mais ser aprimorada e efetivada nas escolas como método educacional que auxilie na efetivação da inclusão escolar.

Palavras-chaves: Autismo. Inclusão. Prática Pedagógica. Aprendizagem.

Abstract

The keynote of this article is focused on the reflection on the effects of pedagogical action on the inclusion of ASD students who are increasingly being inserted in common classes in regular education in public and private schools. Great advances may be linked to Berenice Piana law of no. 12. 764/12 named after a mother who has an autistic son and fights tirelessly for her son's right. Which recognizes autistic as a disability, namely, law in 2012, which instituted the National Policy for the Protection of the Rights of People with Autism Spectrum Disorder, as well as the Salamanca Declaration, and Guatemalan convention, the most current and the law 13,977 sanctioned in 2020 known as the law "Romeo Mion" that establishes the issuance of a card identifying the person with autism spectrum disorder (ASD), great defenders of the cause. This research has as problematic the major challenges encountered by the educator during this inclusion process. For the accomplishment of this work, we used bibliographic research with a qualitative focus. From this research it was noted among other aspects that the teacher is

fundamental in this process and pedagogical mediation can increasingly be improved and effected in schools as a method education that helps in the realization of school inclusion

Keywords: Autism. Inclusion. Pedagogical practice. Apprenticeship.

1 Introdução

Este trabalho tem como tema, o papel do professor na inclusão do aluno autista, o tema em questão é de grande relevância, pois precisa se compreender que o meio educacional é uma das esferas mais importantes a ser trabalhada para assim atender com excelência essas crianças. O Art. 58º da LDB estabelece “Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais.” (BRASIL, 2005, p. 25).

Dessa forma, é de extrema importância que o educador esteja preparado para esse desafio em sala de aula. Vivemos em um contexto social em que encontramos diferenças no âmbito da educação por isso estar em um ambiente escolar nos dias atuais é um desafio. Vale ressaltar que Educação é um direito assegurado na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 como direito social, sendo dever do estado e da família. A Lei nº 9.394/96 estabelece as Diretrizes e Bases para Educação Nacional.

Diante disso, De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais o aprendizado deve contribuir não só para o conhecimento técnico, mas também para uma cultura ampla, desenvolvendo meios para a interpretação de fatos naturais, a compreensão de procedimentos e equipamentos do cotidiano social e profissional, assim como para a articulação de uma visão do mundo natural e social (BRASIL, 1998).

É tempo de mudar e incluir todos os sujeitos com necessidades especiais para usufruir de seus direitos como cidadão sendo assim, Radmann e Pastoriza (2016) afirmam que ao falar da educação inclusiva no ensino é importante para desmascarar a ideia de que educandos com necessidades não

conseguem compreender o conteúdo conceitual das aulas. A problemática principal desse estudo e, para que isso ocorra precisamos saber de fato, o que é inclusão? E quais os maiores desafios encontrados pelo educador no decorrer desse processo de inclusão? Para que o processo educacional de fato aconteça para os alunos com autismo é necessário que todos tenham oportunidades igualitárias de aprendizado, como acontece? Em vista disso, quais as barreiras que as crianças com autismo enfrentam? Sendo assim qual seria a melhor maneira de acolher esses alunos? Diante de tudo acima citado, justifica-se a escolha do referido por observar ser de suma importância comentar e debater um assunto tão importante, por acreditar que os professores são fundamentais para formação e socialização das crianças TEA. Pode se perceber que surgiram muitas lutas na história da educação inclusiva vencidas, porém tem muito ainda a ser conquistado.

O corpo docente não possui formação específica para atender esses alunos. Nota-se pouca informação sobre o assunto bem como uma preocupação efetiva com o atendimento de qualidade, pelo fato de nossas escolas ser um espaço de acolhimento integral de alunos a inclusão faz-se necessária pois, e direito do aluno autista ter um atendimento educacional com qualidade para que então essas crianças tenham um desenvolvimento integral de suas habilidades. Inclusão e o fato da criança estar inserida de forma integral dentro do processo de ensino aprendizagem independente de suas condições físicas desta forma, o professor e o agente principal nesse processo ele pode possibilitar metodologias variadas e atrativas para que esses alunos se sintam parte desse processo.

Diante do exposto, as hipóteses levantadas são ; A Inclusão de alunos autistas é tentar fazer com que uma criança tenha as mesmas oportunidades de aprendizagem que as outras; Os professores encontram dificuldades, como falta de apoio pedagógico, de informação, apoio psicológico, familiar, materiais, interesse, oportunidades e formação para lidarem com a inclusão na prática; Para que ocorra a inclusão precisamos de capacitação, formação pedagógica, escolas adequadas em questão de infraestrutura, conhecimento, empatia, solidariedade. Para a realização da pesquisa em questão foi utilizado como

metodologia de pesquisa artigos, monografias e por meio de referências bibliográficas, com vários autores que trabalham com o tema de inclusão de alunos com espectro autista. O estudo foi realizado por meio de pesquisa bibliográfica tem com o objetivo de descrever os principais aspectos da inclusão do aluno com TEA destacando a atuação e o conhecimento a respeito do assunto. Tem como objetivos principais pontuar o papel do professor na inclusão do aluno com autista e as principais dificuldades encontradas pelos educadores e educandos, destacar a importância da inclusão do aluno com autismo, enfatizar como é o trabalho de inclusão de alunos com autismo; identificar as dificuldades do aluno com autismo ao executar as tarefas em sala; observar as principais dificuldades do professor ao promover a inclusão de alunos com autismo. Esse trabalho de pesquisa se organiza da seguinte forma, três subtítulos, primeiro título inclusão, segundo o papel do professor na educação inclusiva, terceiros desafios do ensino aprendizagem da criança autista.

2 Desenvolvimento

2.1 Inclusão

A palavra inclusão segundo o dicionário tem o seguinte significado, é o ato de incluir e inserir um indivíduo em um grupo ou inserção, ou seja, o ato de igualdade entre os diferentes indivíduos que habitam em determinada sociedade. A educação inclusiva foi desenvolvida na década de 70, a partir deste período criam-se então as classes especiais e compreende-se a necessidade de integração social dos indivíduos que apresentam deficiência começando um movimento cujo objetivo era inclui-los em ambientes escolares, na escola ao passar do tempo de sua história, se caracterizou pela visão elitista da educação onde a escolarização é privilégio de um grupo em uma exclusão que foi legitimada nas políticas e práticas educacionais reprodutoras da ordem social.

A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humano. Que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação a ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola. (BRASIL, 2008, p.9).

Segundo esta citação a educação inclusiva é um padrão fundamental nos direitos humanos, que forma a ideia de um contexto de ideias dentro e fora das escolas. Ou seja, a busca na sociedade pela igualdade. Segundo Mantoan (2003) Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças, ou seja, é a nossa capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós. A educação inclusiva acolhe todas as pessoas, sem exceção. A Lei e diretrizes e bases (LDB) de 1996 Art.59 pag. define que os sistemas de ensino devem assegurar aos estudantes com deficiência, indica uma diretriz para a formação docente: “professores com especialização adequada em nível médio ou capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns”.

Como é possível distinguir uma diferenciação entre educando com especialização para os atendimentos especializados e aqueles capacitados para atuarem nas classes comuns.

Diante de todo o contexto histórico relacionado a história da educação inclusiva e de suma relevância citar. A Declaração de Salamanca de 1994 que um documento resultante da Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais; O documento da Declaração de Salamanca (1994) proclama que: Todas as crianças têm direito fundamental à educação e deve ser dada *a oportunidade de obter e manter um nível adequado de conhecimentos. Cada criança tem características, interesses, capacidades e necessidades de aprendizagem que lhe são próprias. – Os sistemas educativos devem ser projetados e os programas aplicados de modo que tenha em vista toda a gama dessas diferentes características e necessidades. As pessoas com necessidades educativas especiais devem ter acesso à escola regular,

que deverá integrá-las numa pedagogia centrada na pessoa, capaz de atender a essas necessidades.

As escolas regulares, com essa orientação inclusiva, constituem os meios mais eficazes de combater as atitudes discriminatórias, criando-se comunidades acolhedoras, construindo uma sociedade inclusiva e alcançando educação para todos, além de proporcionar uma educação efetiva à maioria das crianças e melhorar tanto a eficiência como a relação custo-benefício de todo o sistema educacional (BRASIL, 1995). A Declaração de Salamanca traz, ainda, novas ideias sobre necessidades educativas especiais e diretrizes de ação no Plano Nacional, que incluem: – A política e as formas de organização. – Os aspectos escolares. – A formação do pessoal docente. – Os serviços externos que servirão de apoio. Educação Especial | Marcos históricos internacionais da Educação Especial até o século XX 80 CEDERJ – As áreas prioritárias (educação pré-escolar, preparação para a vida adulta, educação continuada de adultos e de meninas). A participação da comunidade e os recursos necessários. Este documento se torna, no Brasil, um referencial que sinaliza um novo momento para a Educação Especial, que passa a difundir a filosofia da Educação Integradora. Assim chamada inicialmente, a Educação Integradora recebe, mais tarde, o nome de Educação Inclusiva. Antes não havia nada tão específico. A Declaração orienta as práticas da educação para todos e que as escolas, agora integradoras, devem acolher as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas. Essa Declaração advoga a pedagogia centrada na criança.

Nota-se a importância de tal documento tanto para época que foi criado, tanto para os dias atuais que é usado para assegurar os direitos de quem tanto necessita se importando em que essas crianças tenham uma educação de qualidade, e que de fato sejam inseridas no seu meio social e educacional, presando por uma escola adequada em infraestrutura e com profissionais capacitados para atender com excelência.

Para tanto, se percebe o alcance das ideias da declaração de Salamanca; A. O Direito da Criança Toda criança com deficiência tem o direito

de manifestar seus desejos quanto a sua educação, na medida de sua capacidade de estar certa disso B. Princípio Fundamental As escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiência e crianças bem-dotadas; crianças que vivem nas ruas e que trabalham; crianças de populações distantes ou nômades; crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos ou zonas desfavorecidas ou marginalizadas. C. Necessidades Educativas Especiais Tal expressão refere-se a todas as crianças e jovens cujas necessidades decorrem de sua capacidade ou de suas dificuldades de aprendizagem. Em algum momento de sua escolarização, muitas crianças têm dificuldades de aprendizagem e, portanto, necessidades educativas especiais. Um exemplo é aquela criança que, por ter baixa visão, necessita de um determinado tipo de ampliação de materiais pedagógicos para que possa ler e realizar as atividades da mesma forma que as outras crianças. Nesse caso, a escola deve oferecer todo o apoio adicional necessário à educação da criança, podendo fazê-lo em salas de recursos, no contraturno – no outro período da escola regular ou, em alguns casos, até mesmo em escolas especializadas. D. Escola Integradora É a escola cujo desafio é desenvolver uma pedagogia centrada na criança, capaz de educar com sucesso todos os alunos, inclusive os que sofrem de deficiências graves. Um exemplo é a que atende a criança que necessita de uma atenção diferenciada e orientada de forma que se adapte aos diferentes estilos e ritmos de aprendizagem e que assegure, a ela, um ensino de qualidade. E. Pressupostos Todas as diferenças humanas são normais e a aprendizagem deve, portanto, ajustar-se às necessidades de cada criança, e não ao contrário.

Assim, a escola e os professores devem favorecer a aprendizagem e não esperar que o aluno se ajuste à escola. Agora cabe à escola se organizar e se preparar para receber a todos. Uma pedagogia centrada na criança é válida para todos os alunos e, conseqüentemente, para toda a sociedade.

Portanto, acredita-se que esse documento foi um grande marco para amparar esse público, a partir daí surgiram outros defensores da causa, mas

esse grande passo dado por Salamanca foi fundamental para que se enxergasse o indivíduo na sociedade e em seu meio.

Outro marco de grande importância na história da educação inclusiva foi a Convenção de Guatemala de 1999 ainda no final do século xx que foi promulgado pelo Brasil, por meio do Decreto n. 3.956/2001, que afirma que as pessoas com deficiência têm os mesmos direitos humanos e liberdades fundamentais que as demais pessoas e define discriminação com base na deficiência toda diferenciação, exclusão ou ainda restrição que possa impedir ou anular os direitos humanos e suas liberdades fundamentais. Esse documento é fundamental pois defende e afirma que todos temos os mesmos direitos e que deve ser visto como pessoa independente da sua condição física ou mental.

Tem algumas partes desse documento merecem destaques; Artigo I Para os efeitos desta Convenção entende-se por: 1) Deficiência O termo “deficiência” significa uma restrição física, mental ou sensorial, de natureza permanente ou transitória, que limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária, causada ou agravada pelo ambiente econômico e social. 2) Discriminação contra as pessoas portadoras de deficiência A. a expressão “discriminação contra as pessoas portadoras de deficiência” significa toda diferenciação, exclusão ou restrição baseada em deficiência antecedente de deficiência, consequência de deficiência anterior ou percepção de deficiência presente ou passada, que tenha o efeito ou propósito de impedir ou anular o reconhecimento, gozo ou exercício por parte das pessoas portadoras de deficiência de seus direitos humanos e suas liberdades fundamentais (...) Dos objetivos e formas para alcançá-los: Artigo II Esta Convenção tem por objetivo prevenir e eliminar todas as formas de discriminação contra as pessoas portadoras de deficiência e propiciar a sua plena integração à sociedade. Educação Especial | Marcos históricos internacionais da Educação Especial até o século XX 84 CEDERJ Artigo III Para alcançar os objetivos desta Convenção, as Estados Partes comprometem-se a: Tomar as medidas de caráter legislativo, social, educacional, trabalhista, ou de qualquer outra natureza, que sejam necessárias

para eliminar a discriminação contra as pessoas portadoras de deficiência e proporcionar a sua plena integração à sociedade, entre as quais as medidas abaixo enumeradas, que não devem ser consideradas exclusivas: Medidas das autoridades governamentais e/ou entidades privadas para eliminar progressivamente a discriminação e promover a integração na prestação ou fornecimento de bens, serviços, instalações, programas e atividades, tais como o emprego, o transporte, as comunicações, a habitação, o lazer, a educação, o esporte, o acesso à justiça e aos serviços policiais e às atividades políticas e de administração; Medidas para que os edifícios, os veículos e as instalações que venham a ser construídos ou fabricados em seus respectivos territórios facilitem o transporte, a comunicação e o acesso das pessoas portadoras de deficiência; medidas para eliminar, na medida do possível, os obstáculos arquitetônicos, de transporte e comunicações que existam, com a finalidade de facilitar o acesso e uso por parte das pessoas portadoras de deficiência; e a medidas para assegurar que as pessoas encarregadas de aplicar esta Convenção e a legislação interna sobre esta matéria estejam capacitadas a fazê-lo. 2) trabalhar prioritariamente nas seguintes áreas: A. prevenção de todas as formas de deficiência que possam ser prevenidas; B. detecção e intervenção precoce, tratamento, reabilitação, educação, formação ocupacional e prestação de serviços completos para garantir o melhor nível de independência e qualidade de vida para as pessoas portadoras de deficiência; C. sensibilização da população, por meio de campanhas de educação, destinadas a eliminar preconceitos, estereótipos e outras atitudes que atentam contra o direito das pessoas a serem iguais, permitindo desta forma o respeito e a convivência com as pessoas portadoras de deficiência. Por exemplo, campanhas veiculadas na mídia como “Ser diferente é normal” (CONVENÇÃO INTERAMERICANA, 1999). Esses documentos de marcos históricos nos mostram a luta pelos benefícios em prol de pessoas com algum tipo de limitação ou necessidades especiais, a luta pela criança e o direito a educação resultando a uma nova proposta de modelo de educação pensando na criança e na sua inserção no meio educacional e social. Nota se que a trajetória da educação inclusiva já vem com grandes desafios, mas temos grandes

defensores da causa como Sasaki de 1999, que defende que a interação dessas crianças na escola e declara ser muito benéfica para eles essa interação.

A inclusão social, portanto, é um processo que contribui para a construção de um novo tipo de sociedade através de transformações, pequenas e grandes, nos ambientes físicos, espaços internos e externos, equipamentos, aparelhos, utensílios mobiliário e meios de transportes e na mentalidade de todas as pessoas, portanto também do próprio portador de necessidades especiais. (Sasaki,1999, p.42).

A inclusão faz se necessária para uma sociedade mais homogênea e justa onde todos os direitos são assegurados e de fato recebidos por esses alunos e indivíduos da sociedade, com igualdade de condições de aprendizagem.

Educação Inclusiva significa provisão de oportunidades equitativas a todos os estudantes, incluindo aqueles com deficiências severas, para que eles recebam serviços eficazes, com os necessários serviços suplementares de auxílios e apoios, em classes adequadas à idade, em escolas da vizinhança, a fim de prepará-los para uma vida produtiva com os membros plenos da sociedade. (Centro Nacional de Reestruturação e Inclusão Educacional, 1994 apud Sasaki,1999).

A Educação Especial atinge todos os níveis de ensino, desde a educação infantil ao ensino superior. Esta modalidade de Educação é considerada como sendo um montante de recursos educacionais e de estratégias de apoio que estando à disposição de todos os alunos também oferecem diferentes alternativas de atendimento. Conforme nos orienta em seu livro: *Inclusão – Construindo uma Sociedade Para Todos* (1999), Romeu Kazumi Sasaki, um dos paladinos do processo do reconhecimento pela 10 sociedade dos Direitos das pessoas Portadoras de Deficiência: “O termo necessidades especial é utilizado com um significado mais amplo.

Porém, temos Carvalho que aponta que a inclusão necessita de muito preparo e reflexão no âmbito educacional, desse modo investir em formação e preparo dos professores é fundamental, para superar os grandes desafios que surgem no decorrer desse processo. Conforme Carvalho (2003, p. 61) aponta:

Em síntese, há que examinar todas as variáveis do processo educativo escolar, envolvendo as pessoas da escola (educadores, gestores, alunos, apoio administrativo); o ambiente físico (em termos de acessibilidade), os recursos financeiros e materiais (origens, quantidades, periodicidade de recebimento, manutenção de equipamentos e instalações), os graus de participação da família e da comunidade (parcerias), a filosofia de educação adotada (se tradicional ou não), o projeto político pedagógico construído pela comunidade escolar (natureza do documento, autores, destinação), a prática pedagógica (se mais centrada no ensino ou na aprendizagem), os procedimentos de avaliação (formativa, somativa, formal, informal), dentre outros aspectos.

Já Mantoan (2003) essa ideia surgiu em 1969, acredita que deve se haver a integração dessas crianças na sociedade, no entanto a sociedade não precisa mudar para recebê-las, portanto nessa linha de raciocínio, o trabalho inclusivo é orientado pela ideia de que todos os alunos podem aprender, de acordo com o tempo e o jeito que lhes são idiossincráticos. A extensão, a profundidade e a forma de adaptar as atividades constituem-se em desafios para o professor inclusivo trabalhar com os conteúdos (MANTOAN, 2003).

Portanto, com o passar do tempo, tivemos vários avanços e grandes conquistas, para Sassak (2005), o conceito de educação inclusiva não inclui apenas o aluno em sala de aula, mas também exclui todo o tipo de preconceito existente em relação a esse assunto (SASSAKI, 2003, p.15) diz que a:

Educação inclusiva é o conjunto de princípios e procedimentos implementados pelos sistemas de ensino para adequar a realidade das escolas à realidade do alunado que, por sua vez, deve representar toda adversidade humana. Nenhum tipo de aluno poderá ser rejeitado pelas escolas. As escolas passam a ser chamadas inclusivas no momento em que decidem aprender com os alunos o que deve ser eliminado, modificado, substituído ou acrescentado nas seis áreas de acessibilidade, a fim de que cada aluno possa aprender pelo seu estilo de aprendizagem e com o uso de todas as suas múltiplas inteligências.

A inclusão tem benefícios mútuos tanto para as crianças que apresentam alguma deficiência quanto para os que não possuem, sendo em ambos os casos uma experiência de fraternidade. Uma das leis mais atual que foi aprovada, trata-se da primeira pessoa a conseguir a aprovação de uma lei

por meio de iniciativa popular no Brasil é uma mulher chamada Berenice Piana, mãe de um menino autista. Sua busca por inclusão para o seu filho deu origem à lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que definiu o Transtorno do Espectro Autista (TEA) como uma deficiência e ampliou para as pessoas com autismo todos os direitos estabelecidos para as pessoas com deficiência no país.

Quando o terceiro filho de Berenice nasceu, em meados da década de 90, a palavra autismo não fazia parte do vocabulário dela. Nem dos profissionais da área de saúde que procurou, quando aos dois anos, já era possível perceber as dificuldades de desenvolvimento do caçula da família. Quando seu filho estava diagnosticado e recebendo tratamento adequado, Berenice passou a lutar pelos direitos das pessoas com autismo. Entre as conquistas está aprovação da lei que leva seu nome. Foram dois anos e meio de trâmite, entre apresentação do texto, aprovação pelo Congresso e a sanção presidencial. O prazo é considerado curto – levou menos tempo para sair que o diagnóstico de Dayan.

O texto estabelece o direito dos autistas ao diagnóstico precoce, a tratamentos, terapias e medicamentos fornecidos pelo Sistema Único de Saúde (SUS), além do acesso à educação e à proteção social, ao trabalho e a serviços que proporcionem a igualdade de oportunidades. A partir da sanção, as pessoas com TEA passaram a ser incluídas nas leis específicas de pessoas com deficiência, como o Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei 13.146/2015), e também nas normas internacionais assinadas pelo Brasil, como a Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (Lei 6.949/2000).

As votações da proposta enchiam o plenário de pessoas vestidas de azul, a cor símbolo da conscientização na luta do autismo. Com a lei em vigor, a luta passou a ser para o seu cumprimento efetivo em todo o Brasil. O trabalho de Berenice continua. Do sonho de criar uma instituição pública como a que acolheu seu filho ainda pequeno, nasceu em abril de 2014 a primeira Clínica-Escola do Autista do Brasil. Mantida pela Prefeitura de Itaboraí, a instituição atende gratuitamente cerca de 200 alunos-pacientes. Além de ser o

principal nome do ativismo pela pessoa com autismo no país, a trajetória de Berenice é também reconhecida internacionalmente. Em 2017, recebeu o título de Embaixadora da Paz pela Organização das Nações Unidas (ONU) e União Europeia. O recado que dá para outras mães é que não se isole e que “nunca desistam de seus filhos”. Atualmente temos uma lei Sancionada em 2020, a Lei Nº 13.977 – conhecida como Lei Romeo Mion – estabelece a emissão de uma Carteira de Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Seu nome foi inspirado no adolescente Romeo, de 16 anos, que é filho do apresentador de televisão Marcos Mion e está no espectro. A Lei Romeo Mion cria a Carteira de Identificação da Pessoa com TEA – CipTEA em sua versão abreviada – ou seja, garante a todos aqueles com o diagnóstico de autismo um documento que possa ser apresentado para informar a condição do indivíduo.

2.2 O papel do professor na educação inclusiva

O que deixe o professor mais preocupado, seja a insegurança em relação à sua inexperiência, já que nos cursos superiores aprendeu apenas a lidar com a teoria e não teve acesso às práticas pedagógicas, diretamente com alunos especiais. No que consiste à educação, o dia a dia da escola e da sala de aula exigem que o professor seja capaz de organizar as situações de aprendizagem considerando a diversidade dos alunos. Essa nova competência implica a organização dos tempos e dos espaços de aprendizagem, dos agrupamentos dos alunos e dos tipos de atividades para eles planejadas. O professor ele é um grande mediador ele busca sempre incentivar os seus alunos a ter um bom desenvolvimento, levando o aluno ter um pouco mais de autonomia, Ele é um grande mediador da a aprendizagem é saber ouvir o que o aluno tem a dizer, é estar sempre ali aberto a aprender pouco a pouco a nos relacionar uns com os outros, O professor ele precisa ensinar os conteúdos com paixão e uma grande decisão que fará tudo o que estiver ao seu alcance para poder explicar da melhor forma possível o conteúdo. O bom professor ele sabe como controlas sua sala de aula ele conhece bem seus alunos levando a

desenvolver uma boa aula com uma grande eficiência, e na maioria das vezes o professor durante seu percurso ele encontra várias barreiras como pequenas dificuldade com as crianças especiais, os alunos especiais eles tem várias dificuldade que é um desafio maior para o professor porque a criança ela não consegue aprender com a mesma facilidade e rapidez como outras crianças normal, o professor inclusivo ele é aquele que prepara a suas aulas a sala para aquele aluno especial oferecendo um ambiente mais acolhedor aconchegante podendo ter uma boa socialização com outras crianças.

A articulação entre os educadores é urgente, pois existe a necessidade de uma redefinição do papel do professor e de sua forma de atuar, no pensamento sistêmico. É necessário pensar na aprendizagem como um processo cooperativo e de transformação que proporcione a formação de alunos inseridos no mundo, e não mais em apenas uma comunidade local. Finalmente pensar na educação em relação aos aspectos da ética, da estética e da política; a educação fundamentada em um ideal democrático. Os professores precisam pensar na educação como um todo, de acordo com Oliveira Fabiola Rolim de apud Farfus (2008 p. 30)

O professor é o mediador entre o aluno e o conhecimento e cabe a ele promover situações pedagógicas em que os alunos com necessidades educacionais especiais superem o senso comum e avance em seu potencial humano afetivo, social e intelectual, quebrando as barreiras que se impõem. Um dos fatores primordiais para uma proposta inclusiva em sala de aula é que os professores mudem a visão incapacitante das pessoas com necessidades educacionais especiais para uma visão pautada nas possibilidades, elaborando atividades variadas, dando ênfase no respeito às diferenças e às inteligências múltiplas para que isso seja possível.

O professor precisa organizar-se com antecedência, planejar com detalhes as atividades e registrar o que deu certo e depois rever de que modo as coisas poderiam ter sido melhores. É preciso olhar para o resultado alcançado e perceber o quanto “todos” os alunos estão se beneficiando das ações educativas. De acordo com (Minetto, 2008 p. 101)

Os profissionais que buscam uma ação educativa devem estar atentos às diversidades de seus alunos, procurando exercer seu papel de maneira

justa e solidária, pautado no respeito mútuo, eliminando todo e qualquer tipo de discriminação com o intuito de formar cidadãos conscientes para o convívio com as diferenças.

Além do professor, a família dos alunos com necessidades educacionais especiais pode participar a todo o momento do processo de ensino-aprendizagem dessas crianças, pois o tripé escola-família-comunidade é de suma importância, pois através dessa participação os professores têm a oportunidade de melhor conhecer o seu educando e suas especificidades, surgindo a partir daí uma troca de informações a fim de possibilitar o melhor aprendizado a todos, pois sozinho não poderá efetivar uma escola fundamentada numa concepção inclusiva.

O professor como parte integrante da escola, deve ter a responsabilidade e o compromisso com o aluno, dando apoio para que esses se tornem um cidadão. participativo na sociedade como um todo. Bessa (2011) e Libânio (1994) nos diz que a característica mais importante da atividade profissional do professor é a mediação entre o aluno e a sociedade.

Segundo Morales (2001) a relação professor-aluno na sala de aula é complexa e abarca vários aspectos, ou seja, não se pode reduzi-la a uma fria relação didática nem a uma relação humana calorosa. Mas é preciso ver a globalidade da relação professor-aluno mediante um modelo simples relacionado diretamente com a motivação, mas que necessariamente abarca tudo o que acontece na sala de aula e há necessidade de desenvolver atividades motivadoras. Assim sendo, as relações entre docentes e discentes envolvem comportamentos intimamente relacionados, em que as ações de um desencadeiam ou promovem as do outro.

Dessa maneira, o aluno não é um depósito de conhecimentos memorizado, como se fosse um fichário ou uma gaveta. O aluno é um ser capaz de pensar, refletir, discutir, ter opiniões, participar, decidir o que quer e o que não quer. Para promover essa relação em sala de aula entre professor e aluno exige tanto do docente como do discente, e assim contribui para melhoria de todos, os alunos com necessidades especiais que precisam desses professores para uma inclusão justa e satisfatória, precisam entre outros

fatores de empatia e aceitação dos professores e demais componentes escolares.

A aceitação ou consideração positiva incondicional do professor em relação ao aluno consiste numa postura de aceitação irrestrita e de respeito à pessoa do aluno, no sentido de acolher a sua alteridade, respeitando-o em sua singularidade, pois digno de confiança. Considerada essencial no estabelecimento de um ambiente favorável à aprendizagem auto iniciada e/ou experiencial é a compreensão empática do professor para com o educando. Ser empático é a capacidade do professor de “captar” o mundo do educando “como se” fosse o seu próprio mundo, tentando colocar-se em seu lugar, sem deixar, contudo, de ser ele mesmo.

Quando o professor tem a habilidade de compreender as reações íntimas do aluno, quando tem a percepção sensível do modo como o aluno vê o processo de educação e de aprendizagem, então, cresce a possibilidade de aprendizagem significativa. De acordo com Rogers (1971 p. 112).

No entanto, pôr-se no lugar do outro e ver a situação pelos “olhos” do aluno é uma atitude pouco comum em nossas escolas. Estabelecer uma relação empática pode ser difícil para alguns professores, pois “sair” do seu lugar, assumindo para si, algumas atitudes dos alunos, nem sempre é algo compatível com o jeito de ser do docente. Assim, um aluno que, por qualquer motivo, real ou imaginário, não atenda às expectativas, ou não ande no ritmo esperado, põe em evidência uma gama de sentimentos contraditórios com os quais o professor precisa lidar em sala de aula. O conflito está na base das relações humanas.

Por isso, apesar do reconhecimento de que a relação pedagógica é facilitada na presença de determinadas atitudes, seria utópico esperar que o professor seja empático em todas as situações. Cabe aos professores procurarem novas posturas e habilidades que permitam problematizar, compreender e intervir nas diferentes situações que se deparam, além de auxiliarem na construção de uma proposta inclusiva, fazendo com que haja mudanças significativas pautadas nas possibilidades e com uma visão positiva

das pessoas com necessidades especiais. Por isso, a importância do papel docente na percepção do aluno, no acompanhamento do mesmo em sala de aula e na busca constante de aprender e melhorar a si mesmo em sua prática atualmente, para construir uma escola que atenda adequadamente a alunos com características, potencialidades e ritmos diferentes de aprendizagem, não basta apenas que tenham professores e demais profissionais que uma escola normal apresenta. Faz-se necessário que os profissionais e principalmente os professores, estejam capacitados para exercer essa função, atendendo a real necessidade de cada educando. Frente a isso, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei nº 9.394/1996, artigo 62, situa:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal. De acordo com Francisco Lindoval de Oliveira apud BRASIL, 2006)

A educação é um direito de todos, educação de qualidade é igualitária, e nós, como professores, tentamos fazer com que isso aconteça, no entanto, a capacitação de professores passa por uma mudança a respeito da inclusão, visando melhora lá com atendimento igualitário e qualitativo, com direito ao acesso e a permanência na escola, precisando também ser levado em conta outros princípios como a acessibilidade e locomoção.

A atuação pedagógica é um processo de investigação, estudo e de solução de problemas, por isso, muitas vezes o professor se depara com inúmeros desafios, que devem ser solucionados para superar os limites impostos, exigindo do professor a busca por novas estratégias, procurando identificar as possibilidades de cada aluno com o intuito de encontrar as capacidades para que esse aluno possa aprender junto com os demais e superar seus próprios limites Diante de tal desafio. A inclusão nada mais é que um processo de inovação que exige um esforço de reestruturação e atualização de algumas escolas, fazendo com que essas escolas busquem uma reorganização escolar, ampliando seu projeto político pedagógico,

incorporando novas práticas aos currículos e realizem adaptações físicas necessárias para acolher os alunos nesse momento, é importante ressaltar que a princípio básico da educação inclusiva.

O docente deve ter consciência clara do importante papel que desempenha ao iniciar o processo de inclusão de uma criança com necessidades educacionais especiais associadas ao autismo infantil. Um professor hábil pode abrir a porta para várias oportunidades: como cada criança com autismo processa a informação e quais são as melhores estratégias de ensino devido à singularidade de seus pontos fortes, interesses e habilidades em potencial.

O professor deve desenvolver metodologias de aprendizagem para que o aluno autista consiga se comunicar e se desenvolver. O conteúdo do programa de uma criança autista deve estar de acordo com seu desenvolvimento e potencial, de acordo com a sua idade e de acordo com o seu interesse; o ensino é o principal objetivo a ser alcançado, e sua continuidade é muito importante, para que elas se tornem independentes. Trabalhar com alunos autistas exige o desenvolvimento de práticas e estratégias pedagógicas que acolham todos e respeitem as diferenças.

2.3 Desafios do ensino aprendizagem da criança autista

O aluno autista apresenta dificuldades para estabelecer relações entre as pessoas e seus papéis e entre objetos e sua função de modo dinâmico e compreensivo. Contudo quando o foco é o sujeito autista surgem muitas dúvidas em relação às possibilidades de interação, verbal e aos elementos que permite a circulação dos sentidos.

Não se sabe ainda como o sujeito com autismo pensa com ele constrói o mundo. Um bom professor nos dias atuais não é para qualquer um não, é uns grandes desafios, uma grande responsabilidade onde o professor fornece o seu melhor para que as crianças aprendam todos juntos, mais ainda quando é um professor da educação inclusiva é um desafio maior ainda.

Ser uma professora da educação especial é um desafio em tanto porque ele ali enfrenta muitas coisas, as vezes a falta de pratica de conhecimento de uma formação mais adequada para aquela criança que necessita da atenção da compreensão, aonde precisa respeitar o seu ritmo de aprendizagem diferente dos outros alunos em si sabendo que ensinar ali é um grande ato de carinho e amor, sendo assim o papel do professor é essencial porque ele é o grande responsável para direcionar o seu ensinamento levando o aluno para um caminho de grandes conhecimentos.

O professor ao conduzir a aprendizagem do aluno precisa ser delicado, observador, paciente, mediador, sensível, direto, ciente que nos primeiros momentos não serão fáceis esta comunicação e que o aluno poderá não aceitar alguma restrição dada pelo docente. Então, o professor tem que estar preparado para usar novas práticas pedagógicas e estratégias, mostrando para ele maneiras necessárias de resolver problemas, sem que o mesmo tenha reações intempestivas ao conduzir o trabalho. Na sala de aula o professor precisa utilizar diferentes instrumentos e signos para a inclusão do aluno autista na turma.

O professor é o mediador que interage com os alunos por meio da linguagem em um processo dialógico. A escolarização dos sujeitos com autismo deve ser analisada, pois a maioria das vezes as práticas pedagógicas na construção de leitura e da escrita priorizam o uso de cartilhas, folhas xerocadas, pastas de atividades aplicadas. O professor tem um papel muito importante em relação à aprendizagem do aluno autista, no entanto o mesmo deve observar a etapa do desenvolvimento do sujeito autista e suas necessidades.

As atividades propostas pelo professor devem ser as mais variadas possíveis. Um dos objetivos da educação especial é que o professor não tenha aquela visão que o aluno especial não é capaz de aprender, mas sim mostra que ele é capaz, promovendo atividades que valoriza e o respeita a sua diferença por isso que o professor necessita sempre de um bom planejamento levado atividades variadas como por exemplos, músicas jogos, desenhos entre outros.

Antes de propor qualquer atividade o professor deve observar o comportamento do aluno, quais os objetos de interesse dessa criança, se a criança segue instruções simples, se ela para sentada e como se senta na cadeira, como a criança se comunica se é através de sons, gestos, imitações e etc. O aluno autista deve ser preparado antecipadamente sobre o que vai ser feito, o que vai ser feito com repetições para que ele já esteja preparado quando for lhe dado tal atividade. A alfabetização da criança autista é complexa, pois envolve o mundo que está criança está inserida e envolve os instrumentos de trabalho utilizado pelo professor.

Nenhuma criança é uma esponja passiva que absorve o que lhe é apresentado. Ao contrário, modelam ativamente seu próprio ambiente e se tornam agentes de seu processo de crescimento e das forças ambientais que elas mesmas ajudam a forma. Em síntese, o ambiente e a educação fluem do mundo externo para a criança e da própria criança para o seu mundo. (ANTUNES, 1998, p.17).

A metodologia de ensino para crianças autistas tem que varia conforme as necessidades e transtorno. Nenhuma criança autista é igual à outra por esse motivo precisa de metodologias apropriadas a suas necessidades. É importante o professor respeitar as limitações da criança autista, porém deve propor atividades incentivadoras promovendo estímulos e quem sabe, sua superação.

A educação das pessoas com autismo e outros transtornos profundos provavelmente exige mais recursos do que são necessários em qualquer outra alteração ou atraso evolutivo. Às vezes embora ocorram aquisições funcionais e um abrandamento dos traços autistas, os progressos são muito lentos. Aparentemente, podem ser mínimos quando comparados ao quadro de desenvolvimento normal. Amanda Pedroso de Oliveira apud (RIVIÉRE, 2004, p.254)

A informação visual é de suma importância, pois representa um papel essencial pela sua natureza perceptual e concreta. A partir de objetos, inicialmente, e fotos ou imagens, subsequentemente, podemos auxiliar na compreensão visual e na expressão de enunciados de instruções e de solicitações do cotidiano. As instruções visuais podem ser apresentadas das

mais variadas e mais criativas maneiras, usando desde cores, fotos, desenhos, pictogramas, palavras escritas, até dicionário ilustrado, dentre outras possibilidades.

O professor deve observar e avaliar o aluno autista constantemente, pois as atividades devem ir tornando cada vez mais complexas, à medida que o aluno cresce e se desenvolve. Torna-se necessário a organização dos materiais e das etapas envolvidas em cada tarefa, de modo que façam sentido e auxiliem a compreensão do aluno autista. As atividades devem ser construídas de forma atrativa, levando em considerações a estética nelas envolvidas.

Isto é o conceito de estética abarca os atributos de beleza, de cor, de forma e de harmonia. Ao desenvolver atividades com o aluno autista o professor e auxiliar deve respeitar seus momentos e reações, tem atividades que o aluno autista não apresenta interesse, tem resistência em pegar determinados materiais para o auxílio da atividade proposta. Haverá atividade que o aluno demonstrará determinado interesse e pode ser que faça sozinho, apenas precise da orientação para que seja realizada.

O processo de ensino e aprendizagem da criança com autismo na escola depende do relacionamento e o modo que o professor desempenha na mediação pedagógica. No entanto essa criança com autismo é igual a todos os seres humanos, pois essa criança precisa da ação do outro para encontrar seu lugar na sociedade que ainda está longe de ser inclusiva. A educação regular assume um papel importante nesse processo de aprendizagem e inclusão.

De acordo com MEC a Constituição Federal Brasileira de 1988 garante que todos têm direito a educação e a criança com autismo também possui os mesmos direitos que toda criança tem garantidos por lei. A escola é um lugar que proporciona às crianças a possibilidade de integração social, faz com que a criança tenha contato com outros sujeitos que não são do seu meio familiar contribuindo para o seu desenvolvimento social. Vasques; Baptista, (2003, p.9) diz: O desafio na educação requer em compreender como ocorrem às relações sociais, didáticas e metodológicas da criança autista a partir da educação

infantil, analisando o desenvolvimento cognitivo, afetivo e histórico-cultural e a influência familiar. Cunha, (2016, p.23):

O autismo tem que ter um olhar pedagógico e sabermos como lidar na escola e como abordá-lo, os sintomas variam muito de indivíduo para indivíduo. Em alguns quadros, há o acometimento de convulsões, já que o transtorno pode vir associado a diversos problemas neurológicos e neuroquímicos.

Após o aluno estar incluído na escola, cabe ao educador fazer a primeira identificação precoce na criança de algo que não está dentro da normalidade, uma conduta essencial para a intensificação à comunicação, interação social da criança no ambiente escolar e na sociedade.

O diagnóstico precoce é o primeiro grande instrumento da educação. O que torna o papel docente fundamental, pois é na idade escolar, quando se intensifica a interação social das crianças, que é possível perceber com maior clareza singularidades comportamentais.

Será sempre pertinente o professor ou a professora observar atentamente seu aluno, quando este apresentar algumas das seguintes características comportamentais: retrai-se e isolar-se das outras pessoas; não manter o contato visual; desligar-se do ambiente externo; resistir ao contato físico; inadequação a metodologias de ensino; não demonstrar medo diante de perigos; não responder quando for chamado; birras; não aceitar mudança de rotina; usar as pessoas para pegar objetos; hiperatividade física; agitação desordenada; calma excessiva; apego e manuseio não apropriado de objetos; movimentos circulares no corpo; sensibilidade a barulhos; estereotípias; ecolalias; ter dificuldades para simbolizar ou para compreender a linguagem simbólica; e ser excessivamente literal, com dificuldades para compreender sentimentos e aspectos subjetivos de uma conversa. (CUNHA, 2016, p. 24-25).

Estas características precisam ser avaliadas pelo educador para seu conhecimento, tornando-se essencial para entender que tipo de síndrome a criança está sofrendo, isso se ela não tem um laudo médico. Após identificar que tipo de síndrome a criança está acometida, caberá ao docente usar metodologias pedagógicas apropriadas para aquela criança, juntamente com o

afeto, pois o afeto é uma ferramenta pedagógica essencial para o professor encontrar recursos necessários para trabalhar as dificuldades encontradas no seu aluno que podem ser várias. Não existe uma regra igual para todas as crianças, cada criança é única, existem caminhos e interesses que levam ao ensino aprendizagem. Alguns educadores renomados e respeitados pesquisadores, afirmam que a aprendizagem mais valiosa para a criança vem por meio de brincadeiras.

As brincadeiras desenvolvem na criança, diversas habilidades e competências para seu desenvolvimento cognitivo, intelectual, inclusão social e o ajuda a prepará-lo para viver melhor em sociedade. Leny de Oliveira apud Vygotsky e Luria (1996, p. 220) afirmam que:

O homem é uma criatura social, e as condições socioculturais o modificam profundamente, desenvolvendo toda uma série de novas formas e técnicas em seu comportamento [...].

A escola é sem dúvida o primeiro passo para a integração e a inclusão do aluno autista. Tudo começa com a sua integração na educação infantil, onde a criança autista começa a se desenvolver intelectualmente e afetivamente nos ambientes internos e externos, conhecendo uma nova realidade, proporcionada pelos alunos, docentes e toda equipe da instituição escolar.

Para que haja uma qualidade no ensino é necessário iniciativas que todos os envolvidos como gestores, pedagogos, professores, coordenadores, pais, alunos e demais profissionais da área busquem e lutem pelo mesmo ideal, que é a melhoria do ensino aprendizagem em todas as escolas, segundo as suas necessidades. Cada escola é única, com seus problemas sociais, sua realidade, vivências, assim como seus alunos que são únicos, reconhecendo e valorizando suas diferenças.

2.1 Metodologia

Para a realização da presente pesquisa utilizou o método bibliográfico e qualitativo baseando-se em livros, monografias, teses, dissertações e leituras

de diferentes obras de autores, e tem como tema principal como compreender a importância do brincar para o processo de aprendizagem na Educação Infantil. Respalhando-se em autores como Piaget, Vygostiky, Mello, Campos entre outros. De acordo com Gil (2007):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas, exclusivamente a partir de fontes bibliográficas (Gil,2007, p.44)

A pesquisa bibliográfica auxilia na elaboração de análises, ela serve para obter dados descritivos por meio de materiais já elaborados como cita o autor. Para o desenvolvimento da mesma optou-se pelo método de abordagem qualitativo, do tipo exploratória. A pesquisa bibliográfica, para Fonseca (2002), é realizada:

[...] a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Nota-se que na realização da pesquisa bibliográfica o pesquisador tem que ler, pesquisar refletir e escrever o sobre o que estudou, se dedicar ao estudo para reconstruir a teoria e aprimorar os fundamentos teóricos, e primordial que o pesquisador estude. É essencial que o pesquisador organize as obras selecionadas que colaborem na construção da pesquisa em forma de fichas.

3 Conclusão

Diante da seguinte pesquisa, nota-se que houve grandes avanços em relação ao atendimento as crianças TEA, mas ainda têm muito a se conquistar em relação à infraestrutura, atendimento especializado para as crianças, profissionais capacitados.

O professor é uma peça fundamental para que o conhecimento chegue com êxito até os alunos, para que o educador possa fazer a diferença precisa se que tenha recursos necessários no ambiente de trabalho, estarem sempre à procura de novos métodos, novas prática afim da inclusão de todos no ensino melhorando a independência de cada aluno, cabe ao professor fazer seu trabalho voltado a igualdade de oportunidade a todos.

Portanto, a concretização da política de educação inclusiva só ocorrerá com a participação e posicionamento político de seus envolvidos, professores, pais, alunos, gestores e comunidade interessada. Não basta o direito legal, é necessário iniciá-lo para fazê-lo efetivo. o papel do educador nesse processo e de grande relevância, pois, é através dele que os alunos aprendem a viver e conviver com as diversidades e diferenças no âmbito educacional, fazendo a diferença na vida dos educandos com atendimento educacional direcionado a compreensão e respeito mútuo, então o respeito, comprometimento, conscientização, sensibilidade dos professores da necessidade de se atualizar e acreditar no desenvolvimento do aluno TEA são essenciais para que haja a inclusão e aprendizado. Criar uma escola inclusiva só é possível onde há respeito pelas diferenças. Criar uma escola inclusiva é fazê-la reflexo da diversidade social.

Contudo, fica evidente nesta pesquisa, que o maior desafio enfrentado para a execução da educação inclusiva é o despreparo dos professores da rede pública E privada de ensino regular para trabalhar com alunos com necessidades especiais, entre outros desafios enfim, é notório que a efetivação da inclusão nas escolas da rede pública ainda não foi totalmente consolidada. Acreditamos que a luta é constante para alcançarmos aquilo que tanto almejamos “uma escola para todos”, através dessa pesquisa fica claro que o professor tem um pape fundamental nesse processo, tendo em vista que, é necessário e importante que seja abordado com mais frequência este tema,

com o intuito de que não haja preconceito causador de pontos negativos para a educação e socialização dos alunos com necessidade especial.

Referências

Antunes, C. (1998). *A inteligência emocional na construção do novo eu*. 3. ed. Petrópolis: Paz e Terra

BESSA.V.H, Teorias da Aprendizagem. Curitiba.IESDE Brasil S.A,2011.

BRASIL, Inclusão: R. Educ. esp., Brasília, v. 4, n. 1, P.9, jan./jun. 2008

BRASIL, LDB-Lei de diretrizes e bases da educação nacional- Art. 58. P.25, Brasília- 2005

BRASIL, LDB-Lei de diretrizes e bases da educação nacional-Art. 59 P. 23, Brasilia-1996

BRASIL, LEI BERENICE PIANA E INCLUSÃO DOS AUTISTAS NO BRASIL, A Lei Berenice Piana 12.764/12 em seu artigo 1º, parágrafo 1º, incisos I, II traz a definição da pessoa com Transtorno Espectro Autista: Art. 1º Esta lei institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno Espectro Autista e estabelece diretrizes para sua consecução.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais/Terceiro e Quarto Ciclo do ensino fundamental, Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacional. P.143, MEC/Brasília-1998

BRASIL, Presidência da República Secretária-geral, Lei 13.977, de 8 de janeiro de 2020, Altera a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012 (Lei Berenice Piana), e a Lei nº 9.265, de 12 de fevereiro de 1996, para instituir a Carteira de

Identificação da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista (Ciptea), e dá outras providências.

CARVALHO, R.E. Removendo barreiras para a aprendizagem. Educação inclusiva. 3 ed. Porto Alegre: Mediação, 2003.

CUNHA, F. A importância da inteligência emocional no contexto organizacional: Inovação e Propriedade Intelectual. Rio de Janeiro, 2016. BOGUS, L. M. M.;

DECLARAÇÃO DE GUATEMALA. Convenção interamericana para a eliminação de todas as formas de discriminação contra as pessoas portadoras de deficiência. Aprovado pelo Conselho Permanente da OEA, na sessão realizada em 26 de maio de 1999. (Promulgada no Brasil pelo Decreto nº 3.956, de 8 de outubro de 2001).SASSAKI, ROMEU KASUMI. Entrevista especial à Revista Integração. Revista Integração. MEC: Brasília, v.8, n. 20, p.09-17, 1998. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/deffisica.pdf>.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: Sobre princípios, políticas e práticas na área das necessidades educativas especiais. Salamanca – Espanha, 1994. FOUCAULT, Michel

FARFUS, Daniele. Gestão escolar: teoria e prática na sociedade globalizada. Curitiba: Ibpex, 2008. GADOTTI, Moacir.

FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila

GIL, ANTONIO CARLOS. Como elaborar projetos de pesquisa. 4 ed. 9 Reimpressão São Paulo: Atlas, 2007. P.40

LIBÂNEO, J. C. Didática. São Paulo: Cortez, 1994.

MANTOAN, Maria. Teresa. E. Pensando e fazendo educação de qualidade. São Paulo: Moderna, 2001.

MANTOAN. Maria Teresa Eglér Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer? / Maria Teresa Eglér Mantoan. — São Paulo: Moderna, P.29/ 2003. — (Coleção cotidiano escolar)

MEC/SEESP Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva Documento elaborado pelo Grupo de Trabalho nomeado pela Portaria Ministerial nº 555, de 5 de junho de 2007, prorrogada pela Portaria nº 948, de 09 de outubro de 2007.

MICHELIS. Dicionário da língua portuguesa [Sobre o dicionário | Michaelis Online \(uol.com.br\)](#) acesso realizado na data 15/04/2022 as 21:23 horas

MINETTO, M. F. O currículo na educação inclusiva: entendendo esse desafio. 2ª ed. Curitiba: IBPEX, 2008

MORALES, P. V. A relação professor-aluno - o que é, como se faz. São Paulo. Editorial y distribuidora, 2001.

RADMANN, T.; PASTORIZA, B. dos S. Educação Inclusiva no ensino de Química. XVIII ENEQ – XVIII. Encontro Nacional de Ensino de Química - Florianópolis – 2016

RIVIÈRE, Á. O autismo e os transtornos globais do desenvolvimento. In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. (Org.). Desenvolvimento psicológico e educação. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. v. 3, p. 234-254

ROGERS, C. R. Liberdade para aprender. Belo Horizonte: Interlivros, 1971.

VASQUES, C.K; BAPTISTA, C.R. Transtornos Globais do Desenvolvimento e Educação: um discurso sobre possibilidades. In. Seminário Internacional Educação Intercultural, Gênero e Movimentos Sociais, 2, 2003, Florianópolis.

Anais... Florianópolis: UFSC, 2003. Disponível em:

<http://www.rizoma.ufsc.br/html/343-of4-st2.htm>.

VYGOTSKY, LURIA. Formação social da mente. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996, P.220.

**- O uso de histórias em quadrinhos na Educação Infantil (Enevania
Aparecida Reducino Sgobbi)**

O uso de histórias em quadrinhos na Educação Infantil

Enevania Aparecida Reducino Sgobbi

DOI: 10.5281/zenodo.13518392

RESUMO

Este estudo aborda o uso das histórias em quadrinhos na Educação Infantil, embora possam ser desprezadas na esfera educacional por sua grande quantidade de ilustrações e linguagem coloquial. O objetivo geral deste estudo de teor qualitativo bibliográfico é investigar a relevância das histórias em quadrinhos para o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil, enquanto que os objetivos específicos são identificar o percurso histórico, as leis e os estudos referentes às histórias em quadrinhos.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos. Leitura. Educação Infantil.

Introdução

As histórias em quadrinhos costumam ser interpretadas como mera fonte informal de entretenimento. Embora divertidas, seja por sua grande quantidade de ilustrações, seja pela linguagem usualmente coloquial, podem ser preconceitualmente desprezadas no âmbito educacional.

O objetivo geral deste trabalho é investigar a relevância das histórias em quadrinhos para o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil. Os objetivos específicos são identificar o percurso histórico, as leis e o teor dos estudos sobre as histórias em quadrinhos.

Questiona-se a relevância das histórias em quadrinhos no processo de ensino e aprendizagem na Educação Infantil.

A metodologia usada é de pesquisa qualitativa bibliográfica.

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. [...] A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.”(GIL, 2008, p.50)

Assim, a pesquisa bibliográfica fornece o respaldo de material previamente existente e possibilita uma pesquisa extensa.

Desenvolvimento

Para que seja investigada a relevância das histórias em quadrinhos no desenvolvimento das crianças na Educação Infantil é significativo conhecer como pode se manifestar a sua presença no ambiente escolar, abordando seu uso pelo docente e alunos, assim como os resultados que podem ser atingidos. Mas antes, é importante investigar a trajetória das histórias em quadrinhos desde o seu início, bem como as leis e os estudos acerca das mesmas.

A HISTÓRIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

O surgimento das histórias em quadrinhos aconteceu no século XIX, com a produção de autores variados, inclusive de Rudolph Töpffer, considerado o pai dos quadrinhos modernos, porque apresentou, segundo McCloud (1995, p.17 apud ALVES; FERREIRA; SOUZA, 2020, p.603) “a primeira relação interdependente de palavras e figuras na Europa.” O escritor

suíço em questão publicou as *Histoires em Estampes* (1846-47) (FOOHS; CORRÊA; TOLEDO, 2021).

Em outubro de 1896 Richard Fenton Outcault publicou uma ilustração diferenciada, a fala de uma personagem da série de humor *The Yellow Kid* (PAIVA, 2013 apud ALVES; FERREIRA; SOUZA, 2020), escrita dentro do desenho, em discurso direto, ao invés de surgir em forma de legenda e em discurso indireto, iniciando, efetivamente, a disposição das histórias em quadrinhos como são conhecidas na atualidade (BRAGA; PATATI, 2006 apud ALVES; FERREIRA; SOUZA, 2020).

Foohs, Correa e Toledo (2021) destacam a importância de Agostine:

Dentre os autores que publicaram suas HQs antes de Outcault, está Angelo Agostini, italiano radicado no Brasil. Ele publicou no dia 30 de janeiro de 1869, 27 anos antes de Outcault, histórias com seu personagem Nhô Quim no jornal Vida Fluminense. Intituladas de *Aventuras de Nhô Quim*, essas histórias chamaram tanto a atenção que fizeram do dia 30 de janeiro o Dia Nacional dos Quadrinhos no Brasil.

Silva (2023) complementa que, ainda em 1896, surgiram os quadrinhos com balões como conhecemos hoje, com *Os sobrinhos do Capitão*, criação de Rodolph Dirks. Seguindo esta metodologia apareceram heróis protagonistas como *Tarzan* (1914), de Edgar R. Burroughs, bem como no gênero ficção científica o herói *Flash Gordon* (1934), de Alexander Raymond, e no passado medieval o *Príncipe Valente*(1937), de Harold Foster.

Gomes (2022) lembra que os Estados Unidos podem receber o crédito como o país do desenvolvimento da linguagem das tiras cômicas desde meados do século XIX, ao ponto de um crítico cultural apontar as mesmas, já nos anos 1920, como um das sete artes vigorosas do século XX, e também de terem consolidado o gênero narrativo super-heróico com, *Superman*, seu personagem mais importante. Já a escola franco-belga de desenho possibilitou o estabelecimento de uma linguagem expressiva e detalhada, resumida na expressão *ligne claire*, e que tem como marco essencial a série *Tintin*, de

Hergé. No Brasil, o verdadeiro ponto de partida da literatura em quadrinhos, no entanto, foi a revista dedicada às crianças denominada *O Tico-Tico*, cujo primeiro número foi publicado em 11 de outubro de 1905, pela empresa de publicações jornalísticas *O Malho*. Seus criadores foram Renato de Castro e Manuel Bonfim. O nome da revista foi inspirado na *Escola Migalhas do Saber* conhecida como *Escola Tico Tico*, um jardim de infância. A editora S. A. *O Malho* publicou a revista especialmente para crianças, após sucessos alcançados por publicações similares na Europa, França, Inglaterra e Estados Unidos (SILVA, 2023).

O jornal *O Globo* de Roberto Marinho, lança o *Globo Juvenil*, logo depois da criação do Suplemento Juvenil, com a publicação de Lil'Abner (conhecido como Ferdinando), Brucutu, Zé Mulambo e Don Dixon, dentre outros. Na sequência *O Globo* lança o *Gibi* que na década de 40 passa a ser publicado mensalmente no tipo *comic books*, com as aventuras de Capitão Marvel, Príncipe Submarino e Tocha Humana. O termo Gibi passa a ser dirigido a toda revista em quadrinhos. Gibi, aliás, significa *moleque negrinho*, em referência aos meninos que vendiam os jornais com as histórias em quadrinhos (SILVA, 2023).

Da década de 60 em diante, as produções brasileiras ganharam grandes personagens como as criações de Ziraldo, *O Pererê* e *O Menino Maluquinho*, além de Bidu, Cebolinha, Piteco, e enfim a Turma da Mônica, do desenhista Mauricio de Souza (SILVA, 2023).

A legislação educacional e as histórias em quadrinhos

De acordo com o Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (RCNEI) a literatura é uma ferramenta no processo de aprendizagem e desenvolvimento, de modo que a prática docente deve ser organizada para a promoção do interesse discente pela leitura de histórias e a familiaridade dos

alunos com livros, revistas e até mesmo histórias em quadrinhos (BRASIL, 1998apud SILVA et al., 2021).

“Atualmente, o uso das histórias em quadrinhos na educação brasileira é estimulado pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC [...]” (BRASIL, 2017, p. 50 apud FOOHS; CORRÊA; TOLEDO, 2021, p.82). Os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento na Educação Infantil referem-se, a partir da faixa etária dos bebês, a conhecer e manipular gibis e a escutar textos do gênero quadrinhos (BRASIL, 2017).

Os estudos sobre as histórias em quadrinhos

Tem havido um notável crescimento dos estudos acadêmicos sobre histórias em quadrinhos (HQs) ao longo dos últimos anos. Essa constatação é ratificada pelas introduções de boa parte dos diversos livros lançados há pouco tempo. Porém, a grande novidade é o estabelecimento de um efetivo campo de estudos dedicado às HQs, conhecido pela expressão de língua inglesa *comics studies* no mundo anglo-saxão. É uma área bastante diversificada, por permitir o diálogo crítico entre estudiosos independentes e pesquisadores bem estabelecidos na academia, além de disciplinas como história, estudos de mídia, artes visuais, filosofia e teoria literária, por exemplo e, ainda, revistas e editoras acadêmicas consagradas, abrindo cada vez mais espaço para artigos oriundos de pesquisas ao redor das HQs, ao lado de uma série de periódicos acadêmicos dedicados unicamente à pesquisa sobre HQs, como *ImageText*, *Comicalités*, *Scandinavian Journal of Comic Art*, *International Journal of Comic Art*, *European Journal of Comic Art*, *Comics Grid* e *Journal of Graphic Novels and Comics*. Consequentemente, são muitos os livros e coletâneas que partem de problemáticas tão distintas como memória, identidades, cotidiano e linguagem a partir das HQs, reconhecendo-as enquanto espaço privilegiado para se discutir tais temas. Há o interesse,

concomitantemente, na consolidação do campo de estudos sobre HQs por intermédio da preparação de obras de referências, com destaque para uma série de *readers* contendo artigos essenciais para a teoria e a história das HQs. Em comum, assumem as HQs como agentes sociais os quais, através de formas bastante específicas de narrar graficamente, introduzem questões fundamentais a respeito de temas como diferenças sociais e identitárias (GOMES, 2022).

Acerca das pesquisas que analisam as relações entre HQs e América Latina, observa-se o esforço da tentativa em acompanhar a reflexão acadêmica que se desenvolveu recentemente em torno das HQs. O desafio passa por articular uma tradição de pesquisas locais sobre HQs às tendências e avanços observados na bibliografia, escapando da lógica do entusiasta e do fã para uma leitura mais crítica acerca do papel das HQs para possibilitar uma leitura própria sobre a América Latina. Gomes (2022) se surpreende com o contato modesto de obras publicadas nos anos 1960 e 1970 por nomes como Moacyr Cirne e Álvaro de Moya, no Brasil, e Oscar Masotta e Oscar Steimberg na Argentina, a título de exemplificação (GOMES, 2022).

Moraes e Araújo (2022) realizaram um trabalho de pesquisa qualitativa descritiva sobre os artigos científicos contidos na base de dados *SciELO Brasil* no período de 1997 a 2020, em busca baseada nas palavras-chave *histórias em quadrinhos*. Eles identificaram áreas de conhecimento na pesquisa que revelaram a diversidade contida nos estudos desenvolvidos e analisados das histórias em quadrinhos, como a Administração e Saúde, dentre outras. Isso atesta o quanto é possível utilizar essa linguagem em contextos e lugares diferentes, contribuindo para a produção de conhecimento sobre o ensino e práticas pedagógicas desenvolvidas desde a educação básica até a universidade a partir das HQs.

As histórias em quadrinhos na escola

As histórias em quadrinhos no ambiente escolar são um excelente instrumento de trabalho na Educação Infantil em rodas de leituras e contação de história por serem muito ricas em imagens, proporcionando diversão tanto para o leitor quanto para o ouvinte (SILVA et al., 2021). E a criança também pode entrar em contato individualmente com as histórias em quadrinhos, informalmente, na sala de aula.

Ademais, quando bem utilizados, a linguagem e os elementos contidos nos quadrinhos podem ser aliados do ensino, pois o texto juntamente com a imagem colabora na compreensão dos conceitos que, se estivessem relacionados somente com as palavras, ficariam abstratos (SANTOS, 2001 apud SILVA et al., 2021). Logo, a utilização das histórias em quadrinhos pode iniciar a criança no caminho para a consolidação do exercício da leitura e do prazer de ler (SILVA et al., 2021).

Silva (2023) lembra que a literatura quadrinizada tornou-se um grande investimento cultural e a combinação de texto e imagem desperta o interesse pela leitura, especialmente em crianças. Entretanto, esse tipo de literatura fora muito criticada nas décadas passadas, pois julgava-se *prejudicial à cognição infantil*, por instigar a falta de leitura clássica e produtiva. Hoje, porém, os críticos de literatura salientam que as crianças que têm contato com quadrinhos apresentam facilidade na alfabetização e pouca resistência à leitura de outros tipos de literatura. De acordo com o autor e pesquisador de HQ, Flavio Calazans “uma produção quadrinizada bem pesquisada, séria e detalhada, torna-se tão ou mais útil que um filme ou documentário” (SILVA, 2023,p.89).

Gradativamente, os quadrinhos vêm ganhando espaço na educação, contribuindo no processo de ensino e aprendizagem discente. No entanto, de acordo com Bettio, Lopes e Marinho (2018 apud MORAES; ARAÚJO, 2022), o domínio da tecnologia, hodiernamente, afetou um pouco o interesse pela leitura dos alunos mais novos. Em consequência disso, é preciso estimular

esse grupo ao hábito da leitura, a fim de que tenham condições de desenvolverem habilidades com a leitura e escrita; ademais, devem ser enfatizadas práticas educativas direcionadas para as realidades dessa faixa etária, posto que levar para sala de aula algo que atrai as crianças, pode motivá-las para aspectos referentes a leitura na escola. Dito isso, o contato com as HQs como forma de leitura pode proporcionar ao estudante a execução de um trabalho criativo, expressivo e artístico, significativo para o desenvolvimento de sua criatividade e imaginação (MORAES; ARAÚJO, 2022).

O docente deve aproveitar sua presença na sala de aula para observar quando agir para impulsionar os seus alunos em relação a leitura. Por intermédio das “[...] imagens as crianças criam diferentes situações e tentam mostrar aos alunos que já sabem ler, assim chamando a atenção de quem está por perto.” (SILVA et al., 2021, p.13). Em momentos desse tipo é preciso estimular e incentivar o interesse discente pela leitura.

O professor precisa deixar a criança confortável no meio em que se encontra, de modo que ela sinta-se não apenas uma ouvinte, mas também uma leitora. Uma sugestão interessante é deixar os gibis expostos e ao alcance delas, instigando-as, movidas pela curiosidade, a saberem o que são, para que servem e como podem ser lidos. Inicialmente, as crianças se concentrarão nas imagens e, gradativamente, despertarão para a leitura (SILVA et al., 2021).

Silva (2023) ensina que as histórias em quadrinhos podem ser usadas pelo docente como ferramentas de aprendizagem de múltiplas disciplinas:

A utilização das HQs como ferramenta da aprendizagem, possibilita um universo de multidisciplinaridade no processo de ensino e avaliação. A leitura da imagem associada ao texto e contexto do que se pretende mediar como conhecimento tem se mostrado eficaz na sala de aula (SILVA, 2023, p.93).

Assim, a título de exemplificação, o professor pode abordar, com as personagens da Turma da Mônica, várias questões, desde abordagens geográficas, como regionalismo, zona urbana, zona rural, pois alguns personagens moram na cidade, outros no campo e até em matas, até questões políticas e sociais, bem como a higiene e saúde, facilmente discutidas com o personagem Cascão (SILVA, 2023).

Conclusão

A relevância das histórias em quadrinhos para o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil é comprovadamente real. Elas divertem o leitor e o ouvinte, a combinação do texto e imagem auxiliam na compreensão dos conceitos ao mesmo tempo em que desperta o interesse pela leitura, além de facilitar a alfabetização e a aceitação da leitura de outros tipos de literatura. Ademais, o contato com as histórias em quadrinhos pode proporcionar o desenvolvimento da criatividade e imaginação infantil. Mesmo que a criança ainda não saiba ler, pode criar diversas situações com as imagens e, aos poucos, despertará para o processo de ler. Além de tudo isso, as histórias em quadrinhos podem ser usadas como ferramentas de aprendizagem multimídia disciplinar.

O percurso histórico das histórias em quadrinhos abrange o seu surgimento no século XIX, em solo europeu, com a primeira relação interdependente de palavras e figuras, passando pela fala pioneira de uma personagem escrita dentro do desenho, em discurso direto, até o surgimento dos quadrinhos com balões como são conhecidos na atualidade. Em suas duas versões, desde meados do século XIX, sejam como tiras cômicas, sejam como gibis, as HQs têm conquistado espaço, estando presentes na legislação educacional, como, por exemplo, no Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil e na Base nacional Comum Curricular e constando de estudos acadêmicos expressivos.

Referências

ALVES, Bruno Fernandes; FERREIRA, Eduarda de Andrade Lima; SOUZA, Sirlene Barbosa de. Histórias em quadrinhos na Educação Infantil: possibilidades pedagógicas para o ensino da língua materna. **Revista Intersaberes**, v.15, n.36, set/dez 2020. Disponível em: <<https://www.revistasuninter.com/intersaberes/index.php/revista/article/view/2012>>. Acesso em 25 mar. 2024.

BETTIO, F. D. R.; LOPES, J. C. C.; MARINHO, L. G. C. A leitura e a imaginação através da história em quadrinhos. In: GALVÃO, G. D.; GOMES, N. S.; MOURA, S. M. E. S. (Orgs.). **#Somos Todos Super-Heróis**. Campo Grande: Colégio Alexander Fleming, p. 43-46, 2018.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_20dez_site.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2021.

BRAGA, Flávio. PATATI, Carlos. **Almanaque dos quadrinhos: 100 anos de uma cultura popular**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional Para a Educação Infantil (RECNEI)**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.

FOOHS, Marcelo Magalhães; CORRÊA, Guilherme; TOLEDO, Eduardo Elisalde. Histórias em quadrinhos na educação brasileira: uma revisão

sistemática de literatura. **Instrumento:** revista de estudo e pesquisa em educação. Juiz de Fora, v. 23, n. 1, p. 80-96, jan./ abr.2021.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo:Atlas, 2008.

GOMES, Ivan Lima. Histórias em quadrinhos: Um balanço bibliográfico desde a América Latina. **Latin American Research Review**, v.55, n.1, 2022. Disponível em: < <https://www.cambridge.org/core/journals/latin-american-research-review/article/historias-em-quadrinhos-um-balanco-bibliografico-desde-a-america-latina/4E6E6C0E63B3A9CCD88A8A8509596E63>>. Acesso em: 4 abr. 2024.

MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos.** São Paulo: Makron Books,2005.

MORAES, Renata Costa Brito; ARAÚJO, Gustavo Cunha de. **Produção científica sobre história em quadrinhos na Scielo (1997-2020) : o que dizem as pesquisas.** Rev.Pemo, Fortaleza, v. 4, 2022. Disponível em: < <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/6763>>. Acesso em: 5 abr. 2024.

PAIVA, F. S. MODENESI, T. **Quadrinhos e Educação em Cinco Ponto de Vista.** Recife: Editora Universitária da UFPE, 2013.

SANTOS, Roberto. **Aplicações da história em quadrinhos.** São Paulo: Comunicação & Educação, 2001.

SILVA, Alessandra Glaucia Castilho da et al. A importância da história em quadrinhos na Educação Infantil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, [S. l.], p. 07–53, 2021. Disponível em: <<https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/2427>>. Acesso em: 20 mar. 2024.

SILVA, Patrícia Maria Brito. A importância da História em Quadrinhos na Educação. **Epitaya E-books**, [S. l.], v. 1, n. 31, p. 77-94, 2023. Disponível em: <https://portal.epitaya.com.br/index.php/ebooks/article/view/677>. Acesso em: 9 abr. 2024.

**- Releitura de obras famosas na Educação Infantil (Enevania Aparecida
Reducino Sgobbi)**

Releitura de obras famosas na Educação Infantil

Enevania Aparecida

ReducinoSgobbi

DOI: 10.5281/zenodo.13541898

RESUMO

As Artes entretêm e enriquecem culturalmente as pessoas de todas as faixas etárias, mas também auxiliam as crianças em seu desenvolvimento. Assim, este trabalho de pesquisa qualitativa bibliográfica aborda a releitura de obras famosas na Educação Infantil, o que se justifica pela contribuição que pode oferecer aos professorandos e professores da área educacional em questão. O objetivo geral deste estudo é investigar como as obras de arte famosas podem ser usadas em releituras para o desenvolvimento dos alunos e os objetivos específicos são pesquisar acerca da postura docente nas atividades de Artes Visuais, bem como detalhar as releituras que podem ser aplicadas no ambiente da escola. Constatou-se que a atuação docente ao longo das atividades é indubitavelmente relevante, havendo a sua orientação aos alunos para a interpretação pessoal nas releituras. Para o desenvolvimento dos alunos com as referidas atividades percebeu-se que é importante haver a formação de relações entre as representações visuais apresentadas e as vivências deles. Verificou-se também que a postura docente deve ser a de entender a arte como conhecimento e de se atualizar, sempre que possível. As releituras sugeridas envolvem autorretratos, *land art* e colagem, mas existem muitas opções disponíveis.

Palavras-chave: Releitura. Artes. Educação Infantil.

Introdução

As Artes possuem a magia do entretenimento e enriquecimento cultural para pessoas de todas as idades. Em se tratando das crianças, as Artes podem, ainda, auxiliá-las em seu desenvolvimento, servindo de valioso apoio para a prática pedagógica.

Este trabalho aborda a releitura de obras famosas na Educação Infantil, justificando-se pela contribuição que pode proporcionar aos professorandos e professores da área em questão.

O objetivo geral é investigar como as obras de Arte podem ser usadas em atividades de releitura para o desenvolvimento discente. Os objetivos específicos, por sua vez, são pesquisar sobre a postura docente nas atividades de Artes Visuais e detalhar tipos de leituras que podem ser aplicadas no ambiente escolar.

Questiona-se até que ponto a atuação do professor durante as atividades é relevante.

A metodologia usada neste estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa bibliográfica. A abordagem da pesquisa qualitativa, conforme atesta Cardano (2017), tem como característica o aprofundamento de seu estudo, necessitando de um maior domínio referente ao objeto a ser pesquisado, e resultando em uma pesquisa mais direcionada e singular. O procedimento técnico, por sua vez, é de teor bibliográfico, posto que a elaboração da pesquisa ocorre a partir de material previamente publicado (MOREIRA, 2004; WEBSTER; WATSON, 2002 apud RODRIGUES; NEUBERT, 2023).

Desenvolvimento

Para que as atividades de releitura de obras na Educação Infantil contribuam significativamente para o o desenvolvimento dos alunos é preciso que existam atualização docente, a fim de que a prática pedagógica não se manifeste em propostas retrógradadas, bem como interação criança-arte, além dareprodução de modelos.

A docência e a atualização nas Artes Visuais

Freitas (2023), em análise de estudos realizados com docentes licenciadas em Artes Visuais que atuam na Educação Infantil, constatou que, mesmo já se tendo identificado algumas ações que aproximavam da arte compreendida como conhecimento, ainda se nota práticas retrógradas, apontando que a formação específica nem sempre é suficiente para o trabalho nesta fase educacional. Sugere-se que o docente, após seus estudos iniciais, continue a se aprimorar, atualizando-se, sempre que for possível.

Richter (2021) pondera que, nas duas décadas mais recentes, o país tem passado por um processo que se intensifica a respeito de discussões e reflexões acerca da formação docente para o ensino das artes. De acordo com a autora, a maior parte das instituições de ensino universitário brasileiro já fez ou está fazendo modificações em seus programas, com base, principalmente, em sua tradição histórica. Assim, universidades que oferecem cursos de bacharelado em Artes Visuais tendem a estabelecer licenciaturas vinculadas à formação do artista, enquanto que as universidades que estabeleceram seus cursos de licenciatura em Educação Artística a partir da Lei 5692/71 tendem à reformulação curricular, sendo que alguns consensos têm sido procurados para que distorções geradas pelos cursos do passado do professor de Educação Artística sejam eliminadas e se efetue uma profunda reflexão referente ao ensino da arte e ao perfil do seu respectivo educador.

A criança e a Arte e interação

A partir do momento em que é oportunizado o trabalho envolvendo imagens de produção artística, assim como o contato com os respectivos artistas, são criadas possibilidades para o desenvolvimento das crianças em termos da relação formada entre as representações visuais e suas vivências

(tanto a nível pessoal quanto grupal). Como consequência, as crianças enriquecem seu conhecimento do mundo e das linguagens das artes, instrumentalizando-as como leitoras e criadoras de trabalhos artísticos. Levando-se em consideração que a interpretação infantil ocorre de acordo com suas informações e interesses, fundamentados em suas vivências, a releitura de obras com a apreciação e a leitura de imagens proporciona à criança o conhecimento e o estabelecimento de relações com o seu espaço cultural e social (PINHEIRO [et al.], 2017).

Mais do que simples atividades despretensiosas, a arte possui profundossignificados que enriquecem as vidas das crianças:

[...] a arte vai muito além de meras atividades propostas para as crianças como forma de ocupar o tempo ou entretê-las, sendo uma dimensão importante da construção subjetiva de cada indivíduo, na medida em que colabora para a expressividade do sujeito para além do que o discurso verbal pode manifestar (BRITO; ALVES, 2023, p.220).

Logo, compreende-se que, através da arte, a criança pode se expressar de um modo diferente do efetuado somente com palavras.

Ostetto (2011 apud NASCIMENTO; CIRELE, 2021) menciona a necessidade do trabalho das diferentes linguagens na infância e critica determinadas formas de ensino das Artes porque têm havido

[...] a simplificação e o empobrecimento da “arte” em uma versão escolarizada, encerrada no fazer e visando a um produto, colocando em ação “o mesmo para todos”, “sigam o modelo”, “é assim que se faz”. Na Educação Infantil, frequentemente, a arte mostra-se com a roupagem de um conteúdo a ser ensinado em determinados momentos ou um conjunto de técnicas e instruções para o exercício de habilidades específicas (os “trabalhinhos” e as “atividades artísticas” vão por esse caminho) (OSTETTO, 2011, p.5 apud NASCIMENTO; CIRELE, 2021, p.113).

Simplemente seguir um modelo estipulado previamente pelo professor nas atividades certamente não contribui para o desenvolvimento das crianças

através da arte. Por outro lado, explorar as possibilidades de conhecimento contidas nas variadas modalidades artísticas existentes é permitir que os alunos se aprimorem. Freitas (2023) afirma que

[...] as Artes Visuais, como uma de suas linguagens e o desenho, o artesanato, a escultura, o cinema e tantas outras modalidades artísticas inseridas na grande área das Artes Visuais, são portadoras de conhecimentos próprios, que dizem respeito às formas de conversão de ideias em imagens, às percepções que despertam, as sensações que provocam e as soluções encontradas na manipulação de suas materialidades que tornam visível o que ainda não o era, por exemplo. Conhecimentos que precisam ser também despertados, refletidos e aprendidos [...] (FREITAS, 2023, p.118).

Percebe-se, assim, que embora seja comum associar as Artes Visuais apenas ao desenho e pintura, existem outras modalidades, como o artesanato, a escultura, ao cinema e outras, ainda.

Em relação ao desenho de observação, Barbieri (2012 apud FREITAS, 2023) elucida que a criança não reproduz necessariamente o que observa, mas torna visível o que seus olhos selecionam como significativo e que no desenho de memória, representado até na figura humana, do mesmo modo, a criança torna visível não os aspectos aparentes da imagem representada, mas uma interpretação do que observa.

Releituras: sugestões

As sugestões de releituras não se esgotam nas atividades abrangendo autorretratos, *land art* e colagem especificadas, mas são uma amostra expressiva do que pode ser feito com os alunos da Educação Infantil.

Autorretratos

Foram selecionados dois artistas estrangeiros do passado como sugestão para os autorretratos, Frida Kahlo e Vincent Van Gogh.

Através da releitura de autorretratos de artistas renomados, como Frida Kahlo e Vincent Van Gogh, as crianças podem conhecer acerca da técnica sobre um retrato ou uma imagem que o autor faz de si mesmo. Os retratos também podem conter expressões fisionômicas relevantes, como na obra “O Grito”, de Edvard Munch, e atividades relacionadas às expressões conhecidas, como demonstrar expressões de bravo, triste, feliz e assustado diante de um espelho podem ser realizadas (PINHEIRO [et al.], 2017).

Conhecendo os autorretratos de artistas, os pequenos discentes encontram uma oportunidade de se conhecerem melhor, também, pois estarão trabalhando expressões e emoções que fazem parte deles mesmos.

Land art

Procurou-se por um representante significativo da *land art*, chegando-se ao nome do artista estrangeiro, já falecido, Robert Smithson.

A *land art*, corrente artística que apareceu ao fim da década de 1960, utilizava o meio ambiente, espaços e recursos naturais para a realização de suas obras. A proposta pedagógica da *land art*, por se destacar não apenas porque o material utilizado para produção das obras, costumeiramente, é retirado da natureza, organicamente, gerando um custo baixo, ou nenhum, para ser conseguido, mas também por trazer a compreensão da relevância da experiência e a discussão referente à materialidade e à efemeridade. A obra “Spiral Jetty”, do artista Robert Smithson pode ampliar o repertório visual e imagético das crianças (NASCIMENTO; CIRELE, 2021). “Spiral Jetty” foi

construída com 6.650 toneladas de rocha e terra, formando uma espiral (HOLT/SMITHSON FOUNDATION, [s.d.] apud NASCIMENTO; CIRELE, 2021).

Assim, as crianças, em um primeiro momento podem desenhar ou fazer com massinha a representação inicial de algo que , posteriormente , será uma *land art*, por exemplo: uma espiral de folhas de árvore que será construída no pátio da escola. Nascimento e Cirele enfatizam a importância da atividade para enriquecer as experiências infantis:

Nesse contexto, é possível destacar que ações pedagógicas que desterritorializam espaços e extrapolam a sala de atividades se tornam potentes para movimentar os corpos, possibilitando as experiências estéticas e estésicas, tão necessárias para um ensino contemporâneo da arte (NASCIMENTO; CIRELE, 2021, p.125).

As atividades deslocam o ambiente tradicional de ensino e aprendizagem, a sala de aula, para outros espaços da escola, onde, com material reciclado retirado da natureza, os alunos podem vivenciar a releitura de uma *land art*, adaptada para a sua realidade.

Colagem

Para representar a arte da colagem foi escolhida a artista plástica brasileira, ainda em atividade, Beatriz Milhazes.

A artista Beatriz Milhazes realiza uma arte voltada para um trabalho mais abstrato. Suas obras, bem coloridas, são repletas de colagens, recortes, pinturas e materiais diversificados, despertando a atenção das crianças (CAMPOS, 2019).

Pode ser realizado um ótimo trabalho com alunos pequenos explorando as criações de Beatriz Milhazes, com as suas formas geométricas e as cores vivas, primárias e secundárias, presentes em suas obras. Multicoloridas, a colagem “Leblon 2”, por exemplo, possui círculos e quadrados, ao passo que “O Paraíso” contém círculos e retângulos (ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL, 2022).

A colagem com material reciclado pode ser uma forma agradável e estimulante para atividades de releitura de obras de arte da autora. Braga menciona a colagem da artista feita com embalagens de chocolate chamada “Sonho de Valsa” e o processo complexo de desenvolvimento de suas produções artísticas, envolvendo materiais como folhas de plástico e tinta acrílica, em fases de preparação que podem horas ou até mesmo anos (BRAGA, 2022). O tempo das atividades, logicamente, deve ser adaptado para a prática das mesmas na escola.

Conclusão

As obras de Arte famosas podem ser usadas em atividades de releitura para o desenvolvimento discente, formando relações entre as representações visuais que são apresentadas e as vivências, tanto de cada criança, em sua individualidade, quanto em grupo. Assim, os alunos podem enriquecer seu conhecimento do mundo, entrando em contato com criações e criadores, e das linguagens das Artes, aproximando-se de técnicas e materiais variados, fazendo leituras de trabalhos conhecidos e releituras, com suas criações.

A atuação do professor durante as atividades é indubitavelmente relevante, havendo o empenho em orientar os alunos para que não se concentrem na reprodução das obras, mas que as interpretem de acordo com

as percepções despertadas em cada trabalho. Caso contrário, as aulas de Artes abordando a releitura se converterão em meras atividades desprezíveis, como era comum em práticas pedagógicas do passado.

A postura docente nas atividades de Artes Visuais deve ser a de compreender a arte como conhecimento e de não efetuar práticas retrógradas, procurando atualizar-se, sempre que possível.

Com este trabalho, comprovou-se a existência de três ótimas opções de abordagem: usando autorretratos de artistas renomados e expressões fisionômicas conhecidas, as crianças podem trabalhar suas próprias expressões e emoções; com a *land art*, os trabalhos artísticos conquistam novos espaços; nas colagens inspiradas nas obras de Beatriz Milhazes, as crianças podem lidar com formas geométricas, bem como cores primárias e secundárias. Ademais, tanto na *land art* quanto na colagem, os alunos são estimulados a valorizar a reciclagem. Todavia, os tipos de releituras que podem ser aplicadas no ambiente escolar são muito diversificados.

Referências

BARBIERI, Stela. **Interações: onde está a arte na Infância?** São Paulo: Blucher, 2012.

BRAGA, Paula. **Arte contemporânea: modos de usar.** São Paulo: Editora Elefante, 2022.

BRITO, Isabela Sarah Trigueiro Custódio de; ALVES, Beatriz Guedes de Carvalho. **A UAEI e a arte na Educação Infantil.** In: SOUZA, Rayffi

Gumercindo Pereira de [et al.] (Orgs.). Da creche ao colégio de aplicação: as crianças em cena na UFCG há 45 anos. Campina Grande: EDUFCG, 2023. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/riufcg/34059/DA%20CRECHE%20AO%20COL%C3%89GIO%20DE%20APLICA%C3%87%C3%83O%20EBOOK%20EDUFCG%202023.pdf?sequence=1&isAllowed=y#page=110>. Acesso em: 4 fev. 2024.

CAMPOS, Janaina Miranda de. **Um estudo sobre práticas artísticas na educação infantil**: redescobrimo artistas brasileiras. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/33353>. Acesso em: 3 mar. 2024.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL. **Beatriz Milhazes**. 2022. Disponível em: <https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9441/beatriz-milhazes>. Acesso em: 4 mar. 2024.

FREITAS, Ana Cláudia de Oliveira. Entre conversas e visualidades: as práticas em Artes Visuais na Educação Infantil em instituições públicas da cidade de Guanambi-BA. Dissertação (Mestrado) – UFPB/CCTA. João Pessoa, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/26737>. Acesso em: 20 fev. 2024.

HOLT/SMITHSON FOUNDATION. Spiral Jetty. Disponível em: Spiral Jetty | Holt/Smithson Foundation (holtsmithsonfoundation.org). Acesso em: 8 fev. 2024.

MOREIRA, Walter. Revisão de literatura e desenvolvimento científico: conceitos e estratégias para confecção. **Janus**, Lorena, v. 1, n. 1, p. 19-30, 2004. [Online]. Disponível em: <http://www.fatea.br/janus/pdfs/1/artigo01.pdf>. Acesso em: 4 mar.2024.

NASCIMENTO, Thais Martins do; CIRELE, Larissa Carvalho. Land art e Educação Infantil: desterritorializando os espaços para além da sala de atividades. **Revista Pró-Discente**, v.27, n.2, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/prodiscente/article/view/37268>

RICHTER, Ivone Mendes. **A formação do professor de Artes Visuais em uma perspectiva internacional**: implicações para o ensino de arte no Brasil. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de; HERNÁNDEZ. Fernando. A Formação do Professor e o Ensino das Artes Visuais. Editora UFSM, 2021.

OSTETTO, L. E. **Educação infantil e arte**: sentidos e práticas possíveis, 2011. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/320/1/01d14t01.pdf>. Acesso em: 8 fev. 2024.

PINHEIRO, Marilene Jacobsen [et al.]. As expressões artísticas no fazer pedagógico com as crianças: releitura de obras de artes na educação infantil. In. SEMINÁRIO INSTITUCIONAL PIBID/ UNISINOS, 2. 2017, São Leopoldo. **Anais[...]**. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2017. Disponível em: <http://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7762>. Acesso em: 4 fev. 2024.

RODRIGUES , Rosângela Schwarz; NEUBERT, Patricia da Silva. **Introdução à pesquisa bibliográfica** .[Online] Florianópolis : Editora da UFSC, 2023.Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Rosangela-Rodrigues/publication/373506797_Introducao_a_pesquisa_bibliografica/links/655c8dc6b1398a779da39855/Introducao-a-pesquisa-bibliografica.pdf. Acesso em:4 mar. 2024.

WEBSTER, Jane; WATSON, Richard T. Analyzing the past to prepare for the future: writing a literature review. **MIS Quarterly**, v. 26, n. 2, p. xiii-xxiii, June 2002. [Online]. Disponível em: <https://abre.ai/f9L4>. Acesso em: 4 mar. 2024.

SAÚDE

- Para além da ruminação: estratégias práticas para lidar com pensamentos intrusivos (Léo Ricardo Mussi)

Para além da ruminação: estratégias práticas para lidar com pensamentos intrusivos

Léo Ricardo Mussi⁴

Doi: 10.5281/zenodo.13355555

RESUMO

Este artigo aborda estratégias práticas e comportamentais para lidar com pensamentos intrusivos na psicologia cognitiva e comportamental. Inicia-se com a definição de pensamentos intrusivos e seu impacto na saúde mental. Abordagens como mudança comportamental, aceitação e compromisso, e mindfulness são exploradas, enfatizando a importância de ações diretas para interromper o ciclo de ruminação. São propostos exercícios como expressão criativa e também a busca por apoio profissional. A conclusão reforça que “somos definidos pelas nossas ações”, incentivando uma abordagem ativa na gestão dos pensamentos intrusivos para promover um bem-estar emocional duradouro e uma vida mais plena e satisfatória. Visando cumprir os objetivos aqui propostos, valeu-se da metodologia de revisão bibliográfica, à luz de trabalhos de pesquisadores como Associação Americana de Psiquiatria (2014); Amaral & Oliveira (2017); Clark & Beck (2011); Cuenca (2010); Gorenstein & Andrade (2008); Hayes & Wilson (2009); Kabat-Zinn (2015); Maia, Cruz & Oliveira (2019); Papageorgiou & Hirsch (2009); Ruscio et al. (2015); Sampaio & Menezes (2016); entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Pensamentos Intrusivos. Psicologia Cognitiva. Comportamento. Estratégias práticas.

Introdução

Os pensamentos intrusivos representam um desafio significativo para a saúde mental, afetando indivíduos em todo o mundo. Caracterizados pela recorrência e persistência de pensamentos indesejados e perturbadores, os pensamentos intrusivos podem desencadear uma série de respostas emocionais negativas e interferir no funcionamento cotidiano das pessoas. De preocupações incessantes sobre o futuro a memórias intrusivas de eventos passados, esses pensamentos podem se manifestar de diversas formas, contribuindo para o estresse, a ansiedade e a depressão.

⁴ Advogado, Hipnoterapeuta e Psicanalista. Pós-Graduado em Docência do Ensino Superior e em Psicologia Clínica. Mestrando em Educação. Diretor do Polo Sinop do Grupo Educacional FAVENI. E-mail: leoricardobr@gmail.com

Diante desse cenário, torna-se essencial explorar abordagens eficazes para lidar com os pensamentos intrusivos e promover o bem-estar emocional. Embora intervenções farmacológicas possam ser uma opção para algumas pessoas, abordagens práticas e comportamentais têm ganhado destaque devido à sua possibilidade de capacitar os indivíduos a enfrentarem os desafios mentais de forma ativa e construtiva. Ao invés de simplesmente tentar controlar ou suprimir os pensamentos intrusivos, essas abordagens visam equipar os indivíduos com ferramentas e estratégias para lidar com esses pensamentos de maneira adaptativa.

Neste contexto, este artigo visa explorar a importância de abordagens práticas e comportamentais na gestão de pensamentos intrusivos. Ao analisar as raízes do problema e examinar estratégias eficazes para enfrentá-lo, busca-se fornecer uma visão abrangente e prática para aqueles que lidam com pensamentos intrusivos em seu dia a dia. Ao compreender o papel fundamental da ação e da mudança comportamental na resposta aos pensamentos intrusivos, os indivíduos podem cultivar uma maior resiliência emocional e promover um maior bem-estar mental.

Pensamentos intrusivos: Definição e impacto

Os pensamentos intrusivos, por definição, são pensamentos indesejados e persistentes que ocorrem de forma involuntária, muitas vezes interrompendo o fluxo de pensamento normal de um indivíduo. Eles podem se manifestar de diversas formas, desde preocupações persistentes até imagens perturbadoras ou lembranças intrusivas de eventos passados. A característica central desses pensamentos é a sua recorrência e a dificuldade em controlá-los ou suprimi-los. Conforme Cuenca (2010):

Pensamentos intrusivos são ideias, imagens ou impulsos indesejados que surgem na mente de forma repentina e automática, sem controle consciente da pessoa. Eles podem ser neutros, positivos ou negativos, mas geralmente são experimentados como perturbadores ou inapropriados (Cuenca, 2010, p. 12)

Na vida cotidiana, os pensamentos intrusivos são uma experiência comum para muitas pessoas. Eles podem surgir em momentos de estresse, ansiedade ou tristeza, bem como em situações que despertam memórias dolorosas ou traumáticas. A recorrência desses pensamentos pode interferir significativamente no funcionamento normal de um indivíduo, causando desconforto emocional e comprometendo a capacidade de concentração e tomada de decisões.

O impacto dos pensamentos intrusivos na saúde mental e no bem-estar emocional é significativo. Para muitos, esses pensamentos estão associados a sintomas de ansiedade e depressão, exacerbando os sentimentos de desamparo e desesperança. Além disso, a persistência desses pensamentos pode levar à ruminação, um padrão de pensamento repetitivo e negativo que amplifica o sofrimento emocional e dificulta a resolução de problemas.

É importante reconhecer que os pensamentos intrusivos não são um sinal de fraqueza ou falha pessoal, mas sim uma resposta natural a situações estressantes ou traumáticas. No entanto, quando esses pensamentos se tornam excessivos ou prejudiciais, é crucial buscar formas eficazes de lidar com eles e promover um maior bem-estar mental.

Ruminação e ciclo de pensamentos intrusivos

A ruminação é um processo cognitivo caracterizado pela tendência de ficar preso em pensamentos repetitivos e negativos, muitas vezes relacionados a eventos passados ou preocupações futuras. Esse padrão de pensamento intrusivo está intimamente relacionado aos pensamentos intrusivos, podendo amplificar o impacto emocional e interferir no funcionamento cotidiano dos indivíduos. Para Nolen-Hoeksema:

A ruminação é um tipo de pensamento repetitivo e focado em pensamentos negativos, como os pensamentos intrusivos, que

podem perpetuar e intensificar o sofrimento emocional. (Nolen-Hoeksema, S., 2000, p. 156)

O ciclo de pensamentos intrusivos e ruminação muitas vezes começa com a ocorrência de um pensamento indesejado, como uma memória dolorosa ou uma preocupação ansiosa. Em resposta a esse pensamento, o indivíduo pode se engajar na ruminação, revisitando repetidamente o evento ou preocupação em sua mente. Esse processo de ruminação pode levar a uma amplificação dos sentimentos negativos associados ao pensamento intrusivo, aumentando o estresse emocional e a ansiedade. Papageorgiou, C., Wells, A., & Hirsch, C. R. (2009) ditam que “A ruminação pode aumentar a frequência e a intensidade dos pensamentos intrusivos, criando um ciclo de pensamentos negativos que pode ser difícil de romper, como explicita”.

Além disso, a ruminação pode agravar o problema dos pensamentos intrusivos ao criar um ciclo vicioso de pensamento negativo. Quanto mais o indivíduo ruminar sobre um pensamento intrusivo, mais ele tenderá a se fixar nele e a interpretá-lo de maneira distorcida, reforçando assim a sua presença e impacto emocional. Esse ciclo de ruminação pode levar a uma espiral descendente de pensamentos negativos e emoções dolorosas, dificultando ainda mais a capacidade do indivíduo de lidar com os pensamentos intrusivos de forma eficaz.

É importante reconhecer os padrões de ruminação e os ciclos de pensamentos intrusivos para poder interromper esse processo e promover uma maior saúde mental e bem-estar emocional. Estratégias comportamentais e terapêuticas podem ser úteis para ajudar os indivíduos a interromperem esse ciclo vicioso e cultivar uma abordagem mais adaptativa e construtiva em relação aos pensamentos intrusivos.

Abordagens comportamentais na gestão de pensamentos intrusivos

Diante dos desafios apresentados pelos pensamentos intrusivos e pela ruminação, abordagens comportamentais têm se destacado como uma forma

eficaz de lidar com esses padrões de pensamento negativo. Ao invés de se concentrar exclusivamente nos conteúdos específicos dos pensamentos intrusivos, essas abordagens se concentram em mudanças comportamentais e estratégias práticas para interromper o ciclo de pensamento negativo. Neste capítulo, exploraremos algumas dessas abordagens comportamentais e como elas podem ser aplicadas na gestão de pensamentos intrusivos, promovendo assim uma maior saúde mental e bem-estar emocional.

Mudança comportamental

A mudança comportamental representa uma abordagem fundamental na gestão de pensamentos intrusivos, destacando a importância da ação como resposta a esses padrões de pensamento negativo. Em vez de tentar controlar diretamente os conteúdos específicos dos pensamentos intrusivos, essa abordagem foca na modificação de comportamentos e na adoção de estratégias práticas para interromper o ciclo de ruminação e promover comportamentos mais saudáveis.

Uma das estratégias-chave na mudança comportamental é a interrupção consciente do ciclo de ruminação. Isso envolve reconhecer quando os pensamentos intrusivos surgem e, em vez de se deixar levar por eles, direcionar a atenção para atividades ou tarefas que demandem concentração e envolvimento ativo. Por exemplo, quando um pensamento intrusivo surgir, o indivíduo pode escolher se envolver em uma atividade física, como uma caminhada, ou em uma atividade criativa, como escrever ou desenhar. Essas atividades podem ajudar a desviar a atenção dos pensamentos negativos e promover uma sensação de controle sobre a própria mente.

Outra estratégia eficaz na mudança comportamental é a prática da autoaceitação e do autocuidado. Em vez de lutar contra os pensamentos intrusivos ou se culpar por tê-los, os indivíduos são encorajados a adotar uma atitude de compaixão consigo mesmos e a praticar o autocuidado. Isso pode envolver o desenvolvimento de uma rotina de autocuidado que inclua

atividades relaxantes e prazerosas, como meditação, banhos relaxantes ou leitura, que ajudem a reduzir o estresse e promover o bem-estar emocional.

Ao adotar uma abordagem comportamental na gestão de pensamentos intrusivos, os indivíduos podem cultivar uma maior sensação de controle sobre sua própria mente e promover comportamentos mais adaptativos e saudáveis. Ao invés de se sentirem à mercê de seus pensamentos, eles podem aprender a direcionar sua atenção e energia para atividades que promovam o bem-estar emocional e o crescimento pessoal.

Aceitação e compromisso:

A abordagem da aceitação e compromisso (ACT) oferece uma perspectiva única na gestão de pensamentos intrusivos, enfatizando a importância de aceitar esses pensamentos sem tentar controlá-los ou suprimi-los. Em vez de lutar contra os pensamentos intrusivos, os indivíduos são encorajados a desenvolver uma atitude de aceitação em relação a eles, reconhecendo que os pensamentos indesejados são uma parte natural da experiência humana. Para Hayes, S. C., & Wilson, K. G. (2009):

A terapia de aceitação e compromisso (ACT) pode ser eficaz no tratamento da ruminação e do ciclo de pensamentos intrusivos, ensinando os indivíduos a aceitar seus pensamentos e emoções sem se envolver com eles. (Hayes, S. C., & Wilson, K. G., 2009, p. 212)

Essa abordagem parte do pressuposto de que tentar controlar ou evitar pensamentos intrusivos pode, na verdade, aumentar o sofrimento emocional e perpetuar o ciclo de ruminação. Em vez disso, os indivíduos são incentivados a se comprometerem com valores pessoais significativos e a agir de acordo com esses valores, independentemente dos pensamentos intrusivos que possam surgir.

Uma das estratégias-chave na abordagem da aceitação e compromisso é o desenvolvimento de uma prática de mindfulness, que envolve cultivar uma atitude de atenção plena em relação aos pensamentos, emoções e sensações corporais. Ao invés de se deixar levar pelos pensamentos intrusivos, os

indivíduos aprendem a observá-los de forma desapegada, reconhecendo que os pensamentos não definem quem eles são.

Além disso, a identificação e o compromisso com valores pessoais podem fornecer uma base sólida para lidar com os pensamentos intrusivos de forma construtiva. Ao se concentrar em objetivos e aspirações que são verdadeiramente significativos para eles, os indivíduos podem encontrar uma fonte de motivação e propósito que os ajude a superar os desafios apresentados pelos pensamentos intrusivos.

Ao adotar uma abordagem de aceitação e compromisso na gestão de pensamentos intrusivos, os indivíduos podem desenvolver uma maior resiliência emocional e promover um maior bem-estar mental. Ao invés de se sentirem dominados pelos seus pensamentos, eles podem aprender a viver uma vida mais significativa e satisfatória, mesmo na presença de pensamentos indesejados.

Mindfulness e atenção plena

A abordagem de mindfulness e atenção plena oferece uma maneira poderosa de lidar com os pensamentos intrusivos, promovendo uma maior consciência e aceitação dos conteúdos mentais. O mindfulness envolve a prática de direcionar a atenção para o momento presente, observando os pensamentos, emoções e sensações corporais sem julgamento. Ao cultivar uma consciência plena dos pensamentos intrusivos, os indivíduos podem aprender a reconhecê-los como eventos mentais passageiros e a desenvolver uma atitude de aceitação em relação a eles. Shafran, N., & Segal, Z. V. elucidam que:

A mindfulness meditation pode ser uma ferramenta útil para reduzir a ruminação e o ciclo de pensamentos intrusivos, ajudando os indivíduos a se tornarem mais conscientes de seus pensamentos e emoções sem julgamento. (Shafran, N., & Segal, Z. V., 2005, p. 334)

Uma das técnicas fundamentais no treinamento de mindfulness é a prática da atenção plena à respiração. Essa prática envolve simplesmente

dirigir a atenção para a sensação da respiração entrando e saindo do corpo, observando-a sem tentar controlá-la. Ao focar na respiração, os indivíduos podem cultivar uma maior consciência do momento presente e desenvolver a capacidade de observar os pensamentos intrusivos sem se deixar levar por eles.

Além disso, a prática regular de mindfulness tem sido associada à redução da reatividade aos pensamentos negativos. Ao invés de reagir automaticamente aos pensamentos intrusivos com ansiedade ou desespero, os praticantes de mindfulness aprendem a responder de forma mais equilibrada e compassiva. Eles reconhecem que os pensamentos são apenas eventos mentais passageiros e que não precisam necessariamente levar a uma resposta emocional intensa.

Estudos científicos têm demonstrado que a prática regular de mindfulness pode ter uma série de benefícios para a saúde mental, incluindo a redução do estresse, ansiedade e depressão. Ao desenvolver uma maior consciência e aceitação dos pensamentos intrusivos, os indivíduos podem cultivar uma maior resiliência emocional e promover um maior bem-estar mental.

Estratégias práticas para lidar com Pensamentos intrusivos

Lidar com pensamentos intrusivos pode ser desafiador, mas existem várias estratégias práticas que os indivíduos podem utilizar no dia a dia para promover uma maior saúde mental e bem-estar emocional. Estas estratégias não apenas ajudam a interromper o ciclo de ruminação, mas também auxiliam no desenvolvimento de uma mentalidade resiliente e construtiva em face de pensamentos negativos.

Exemplos de exercícios e atividades

Prática de mindfulness: Reserve alguns minutos todos os dias para praticar a atenção plena. Isso pode envolver a observação consciente da respiração, o escaneamento corporal ou a prática de caminhar com atenção plena. Ao cultivar uma maior consciência do momento presente, os indivíduos podem aprender a observar os pensamentos intrusivos sem se deixar levar por eles.

Prática de Expressão criativa: Dedique um tempo regularmente para se envolver em atividades criativas, como pintura, desenho, música, poesia ou artesanato. A expressão criativa oferece uma maneira poderosa de processar emoções e pensamentos intrusivos de forma não verbal. Ao se envolver nessas atividades, você pode canalizar suas emoções de maneira construtiva e explorar questões pessoais de forma mais intuitiva. A expressão criativa também pode proporcionar uma sensação de realização e bem-estar, além de oferecer uma pausa bem-vinda dos pensamentos negativos.

Exercício físico: Pratique atividade física regularmente, como caminhada, corrida, ioga ou dança. O exercício físico não apenas promove a liberação de endorfinas, que podem melhorar o humor, mas também proporciona uma distração positiva dos pensamentos intrusivos e ajuda a reduzir o estresse e a ansiedade.

Sugestões para desenvolver uma mentalidade resiliente

Praticar a Autocompaixão: Cultive uma atitude de autocompaixão em relação a si mesmo. Reconheça que os pensamentos intrusivos são uma parte natural da experiência humana e trate-se com gentileza e compaixão quando eles surgirem. Ao invés de se criticar ou se julgar, ofereça a si mesmo palavras de conforto e encorajamento.

Foco no Presente: Concentre-se no presente em vez de se preocupar com o passado ou o futuro. Use técnicas de atenção plena para ancorar sua mente no momento presente e afastar-se dos pensamentos negativos que podem surgir. Ao viver no momento presente, você pode reduzir a ansiedade e o estresse associados aos pensamentos intrusivos.

Buscar Ajuda Profissional: Considere buscar apoio de um profissional de saúde mental, como um psicólogo ou terapeuta. A terapia oferece um ambiente seguro e confidencial para explorar seus pensamentos e emoções, além de fornecer ferramentas e técnicas específicas para lidar com os pensamentos intrusivos. Um terapeuta qualificado pode ajudá-lo a entender melhor os padrões de pensamento prejudiciais, desenvolver estratégias de enfrentamento eficazes e promover uma maior resiliência emocional. Ter um profissional de saúde mental como parte de sua equipe de apoio pode ser uma ferramenta valiosa no processo de lidar com os desafios apresentados pelos pensamentos intrusivos.

Conclusão

Ao longo deste artigo, os principais pontos discutidos forneceram uma visão abrangente sobre os desafios apresentados pelos pensamentos intrusivos e as abordagens práticas e comportamentais para lidar com eles de forma eficaz. Desde a compreensão dos pensamentos intrusivos e seu impacto na saúde mental até a exploração de estratégias como mudança comportamental, aceitação e compromisso, e mindfulness, uma variedade de ferramentas úteis foram apresentadas para enfrentar esse desafio com sucesso.

É crucial reconhecer que os pensamentos intrusivos são uma parte comum da experiência humana e não estão necessariamente ligados à fraqueza ou falha pessoal. No entanto, isso não significa que devemos simplesmente aceitá-los passivamente. Pelo contrário, ao adotar abordagens práticas e comportamentais, pode-se aprender a gerenciar esses pensamentos de forma construtiva e promover uma maior saúde mental e bem-estar emocional.

Enfatiza-se a importância de não apenas compreender os pensamentos intrusivos, mas também adotar uma abordagem proativa para lidar com eles.

Recomenda-se a aplicação das estratégias discutidas neste artigo no cotidiano das pessoas e a buscar assistência profissional, caso julguem necessário.

Lembra-se que não há vergonha em buscar ajuda e que ter o apoio de um profissional de saúde mental pode ser extremamente benéfico no processo de lidar com os pensamentos intrusivos. Ao se trabalhar em conjunto para promover uma maior conscientização e compreensão sobre esse tema, pode-se contribuir para a construção de comunidades mais saudáveis, onde todos possam prosperar.

Neste contexto, é essencial lembrar que uma pessoa se define não pelos pensamentos, mas pelas ações. Ao adotar uma abordagem ativa na gestão dos pensamentos intrusivos e na promoção do bem-estar mental, os indivíduos estão demonstrando um compromisso genuíno com sua própria saúde emocional. Ao implementar estratégias práticas e comportamentais, podem-se transformar os padrões de pensamento e cultivar uma mentalidade resiliente e construtiva. Ao reconhecer que “somos o que fazemos”, pode-se capacitar a superar os desafios apresentados pelos pensamentos intrusivos e a viver uma vida mais plena e satisfatória.

Referências:

Associação Americana de Psiquiatria. (2014). Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (5ª ed.). Artmed Editora.

Amaral, V. R., & Oliveira, M. S. S. (2017). Ruminação e ansiedade: uma revisão da literatura. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(3), 610-625.

Clark, D. A., & Beck, A. T. (2011). Teoria cognitiva e terapia da ansiedade e depressão: Convergência com descobertas neurobiológicas. *Tendências em Ciências Cognitivas*, 14(9), 418-424.

Cuenca, S. (2010). Pensamentos intrusivos: uma revisão crítica. *Revista de Psicologia da Saúde*, 8(1), 11-30.

Gorenstein, C., & Andrade, L. (2008). Inventário de depressão de Beck: propriedades psicométricas da versão em português. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 35(5), 416-422.

Hayes, S. C., & Wilson, K. G. (2009). Acceptance and commitment therapy: Cognitive-behavioral processes of acceptance and change. *Psychological Bulletin*, 135(1), 1-25.

Kabat-Zinn, J. (2015). *Atenção Plena (Mindfulness): Guia para o Cultivo da Mente Atenta*. Editora Palas Athena.

Maia, C. R., Cruz, R. S., & Oliveira, J. M. (2019). Pensamentos intrusivos em estudantes universitários: associação com estresse e sintomas de ansiedade e depressão. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 32(1), 16.

Nolen-Hoeksema, S. (2000). Rumination and depressive disorder. In: M. J. Friedman & J. King (Eds.), *Handbook of depression*. Washington, DC: American Psychological Association, p. 151-173.

Papageorgiou, C., Wells, A., & Hirsch, C. R. (2009). Rumination and worry: A review and theoretical integration. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 16(1), 55-70.

Ruscio, A. M., Gentes, E. L., Jones, J. D., Hallion, L. S., Coleman, E. S., & Swendsen, J. (2015). Ruminação prediz resposta amplificada a eventos estressantes na depressão maior e no transtorno de ansiedade generalizada. *Revista de Psicologia Anormal*, 124(1), 17-26.

Sampaio, D. G., & Menezes, A. K. P. (2016). Ruminar faz bem ou mal? Uma revisão sistemática da literatura. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(4), 675-686.

Shafran, N., & Segal, Z. V. (2005). Mindfulness-based cognitive therapy for depression: A new approach to learning skills to manage negative thoughts and emotions. *Clinical Psychology: Science and Practice*, 12(4), 333-350.

Smith, J. M., & Alloy, L. B. (2009). Um caminho para ruminação: Uma revisão da definição, avaliação e conceituação deste construto multifacetado. *Revisão de Psicologia Clínica*, 29(2), 116-128.

